

# INFORMATIVO

# CONJUNTURAL

Maceió, ano 6, nº 19 - 2004



# APRESENTAÇÃO

O Informativo Conjuntural do Estado de Alagoas é uma publicação da Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento-SEPLAN, que tem como objetivo acompanhar a performance dos indicadores conjunturais da realidade econômica do Estado de Alagoas.

Além de fornecer subsídios para apoiar decisões na esfera pública e privada e para a elaboração de estudos investigatórios de aprofundamento do conhecimento dessa realidade, poderá atuar como instrumento de divulgação do Estado.

A Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento vem implementando esforços no sentido de ampliar e melhorar a base de informações sobre o Estado, contando já com o apoio técnico do IBGE e com a parceria de Instituições Pública e Privada.

Neste sentido, o Informativo Conjuntural é uma publicação semestral contendo análise e avaliação dos indicadores econômicos de curto prazo, que se propõe a dar continuidade a sistematização de uma série histórica, contribuindo para a formação de uma base de dados, de modo que alagoanos e investidores interessados em implementar projetos em Alagoas, possam obter informações mais próxima da realidade.

No sentido de promover a interação do Estado com instituições públicas e privadas e da sociedade civil, o Informativo Conjuntural disponibiliza espaço para que possa ser divulgada a atuação desses órgãos no contexto socioeconômico alagoano.

**Márcio Pinto de Araújo**  
Secretário Executivo de Planejamento e Orçamento

## SUMÁRIO

▪ <b>APRESENTAÇÃO</b> .....	3
▪ <b>ARTIGOS</b> .....	5
- A Petrobras no estado de Alagoas .....	5
- Gás – Crise de planejamento .....	14
- Exportações brasileiras de produtos agrícolas.....	15
▪ <b>ATIVIDADE ECONÔMICA DO ESTADO DE ALAGOAS – 2004</b> .....	20
▪ <b>ÍNDICES E INDICADORES MONETÁRIOS</b> .....	23
▪ <b>ATIVIDADE AGRÍCOLA</b> .....	26
- Produção agrícola de Alagoas.....	29
▪ <b>ATIVIDADE INDUSTRIAL</b> .....	36
- Produção da agroindústria sucroalcooleira.....	36
- Salgema.....	37
- Cimento.....	42
▪ <b>SERVIÇOS</b> .....	44
- Turismo.....	44
- Transporte.....	46
- Comércio.....	49
▪ <b>BALANÇA COMERCIAL</b> .....	53
▪ <b>EMPREGO</b> .....	60
▪ <b>ENERGIA ELÉTRICA</b> .....	64
▪ <b>PETRÓLEO</b> .....	70
▪ <b>GÁS NATURAL</b> .....	71
▪ <b>ÁGUA</b> .....	75
▪ <b>FINANÇAS PÚBLICAS</b> .....	80
- Receita – Demonstrativo da arrecadação do estado de Alagoas.....	81
- Despesa – Demonstrativo das despesas do estado de Alagoas.....	85
▪ <b>NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS</b> .....	88

## A Petrobras no Estado de Alagoas

A Petrobras está presente no Estado de Alagoas desde a década de 50 quando se descobriu petróleo no bairro Tabuleiro dos Martins. Já se vai, portanto, meio século de atividades permanentes em solo alagoano, contribuindo, decididamente, para o crescimento da economia do Estado. Em 1969 a produção foi incrementada com o início das atividades de produção de petróleo e gás no campo de Furado, situado no Município de São Miguel dos Campos. No início da década de 80 foi descoberto o campo de Pilar, situado no Município do mesmo nome, que incrementou,

significativamente, a produção de petróleo e gás natural do Estado.

As principais instalações da Petrobras em Alagoas se concentram nos Municípios de São Miguel dos Campos (Pólo Furado), Pilar e Marechal Deodoro (Pólo Pilar) que são compostas, basicamente, de duas Estações onde são coletados, tratados e processados o petróleo e o gás natural produzidos em território alagoano, conforme apresentam as fotos panorâmicas a seguir.

Foto 1 - Estação de Produção de Furado



Foto 2 - Estação de Produção de Pilar

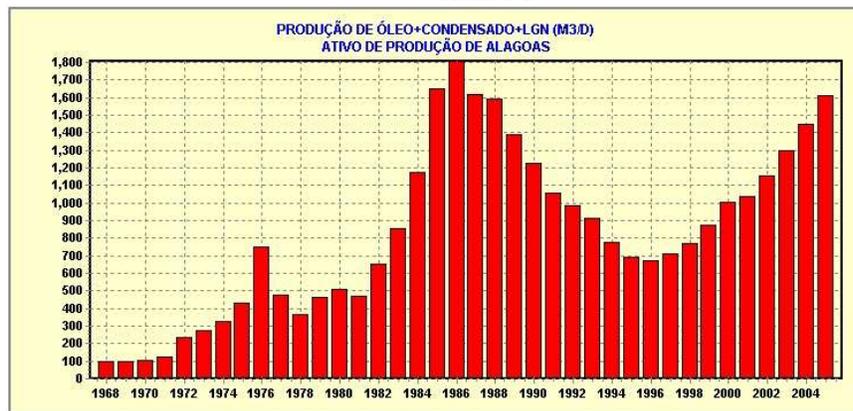


## Produção de petróleo

Conforme se observa no gráfico 1 abaixo, o pico de produção de petróleo aconteceu no ano de 1986, quando foram

produzidos em Alagoas, 1.807 m<sup>3</sup>/d, correspondentes a 11.366 barris por dia.

Gráfico 1



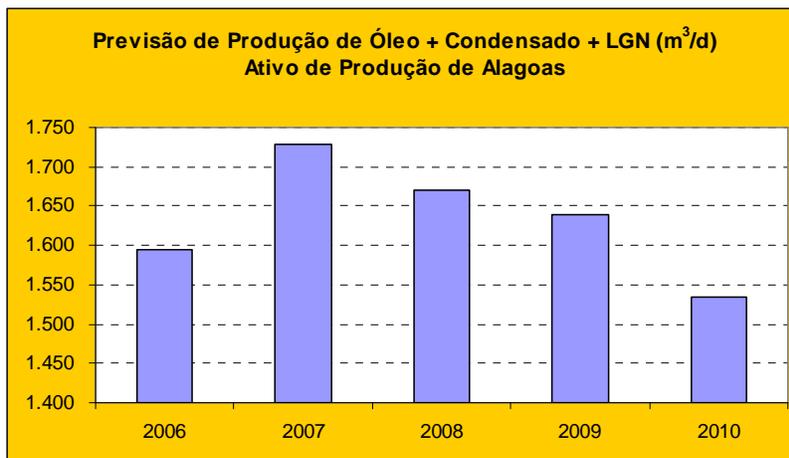
Fonte: Petrobras/UN-SEAL

Após uma queda gradativa, a produção começou a crescer novamente a partir de 1996, com o emprego de novas tecnologias na área de exploração e de investimentos na área de perfuração de novos

poços, e com a implantação da UPGN (Unidade de Processamento do Gás Natural).

As perspectivas para o futuro são de um novo pico de produção em 2007 conforme mostrado no gráfico 2.

Gráfico 2



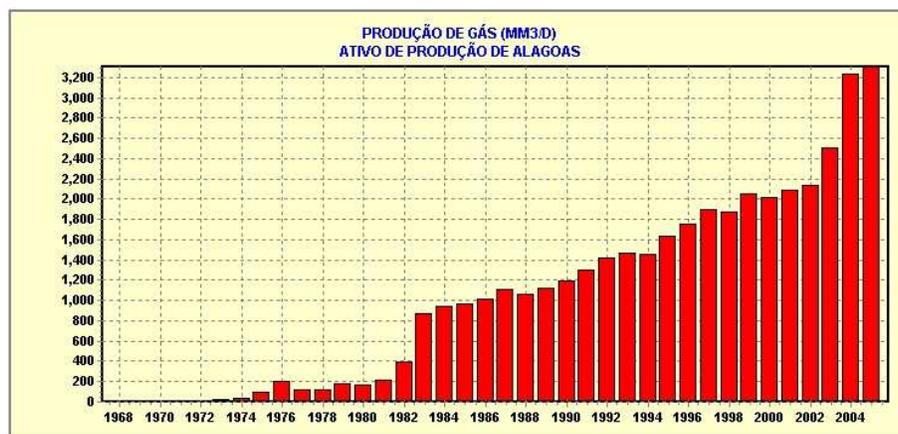
- LGN = Líquido de Gás Natural
- Condensado = Petróleo leve, gasolina não especificada

### Produção de Gás Natural

O forte da produção em Alagoas é o gás natural. O Brasil produz atualmente (abril/2005) uma média de 44,1 milhões de m<sup>3</sup>/dia e Alagoas é o 4º maior produtor

brasileiro, contribuindo com 3,3 milhões m<sup>3</sup>/dia (7,5%). Desde 1970 a produção no Estado mostra uma tendência de crescimento constante, conforme pode ser visto no gráfico 3

Gráfico 3



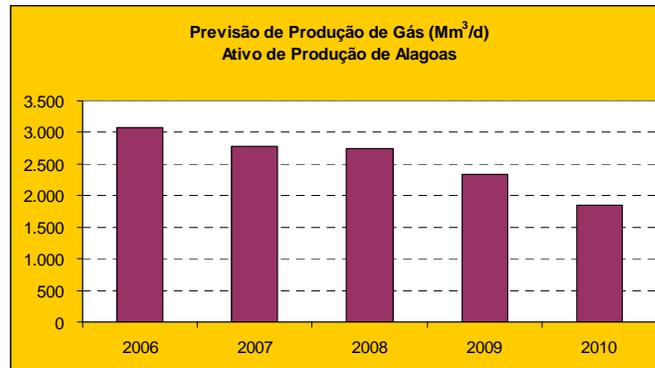
Fonte: Petrobras/UN-SEAL

Dessa quantidade produzida, parte é vendida à ALGÁS (Gás de Alagoas S.A.) que a distribui para indústrias, comércio, residências e postos (GNV) do Estado. Parte é vendida para a TermoPernambuco, parte é transferida para Sergipe e o restante é consumido internamente ( motores, fornos,

etc. ) e reinjetado nos poços para aumentar a produção de petróleo dos campos.

A perspectiva para o futuro é de uma tendência de queda gradual na produção como é apresentado no gráfico 4.

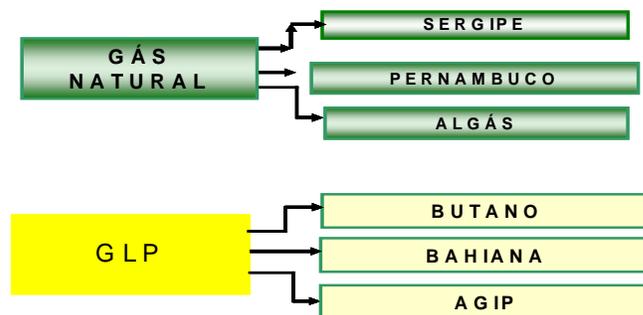
Gráfico 4



### Números da Petrobras em Alagoas

Abaixo, são dadas algumas informações que servem para medir a importância da Petrobras na economia estadual. Em 2003 a Cia concluiu as obras de construção da UPGN – Unidade de Processamento de Gás Natural, iniciadas em

2001, que hoje produz cerca de 154 toneladas de GLP (gás de cozinha) por dia (correspondente a 11.850 botijões de 13 kg cada) e custou cerca de US\$ 32,7 milhões. São processados nesta UPGN, diariamente, cerca de 2 milhões de m<sup>3</sup> de gás natural, o que representa uma capacidade de atender a demanda local e de outros Estados, que têm a seguinte destinação:



Os seguintes números dão uma idéia do porte das instalações da Petrobras:

- ✓ 1 UPGN (Unidade de Processamento de Gás Natural)
- ✓ cerca de 260 poços em produção em terra;
- ✓ 1 poço de produção no mar (em frente a Coruripe, considerado um dos mais produtivos do Nordeste);
- ✓ 300 Km de dutos, com diâmetros de 2” a 14”;
- ✓ 17.000 HP de potência instalada para compressão de gás natural;

- ✓ 3.200 m<sup>3</sup> de tancagem para armazenamento de petróleo;

Para realizar suas atividades a Petrobras conta com 185 empregados próprios e cerca de 800 contratados. Foram injetados na economia do Estado, no ano de 2004, cerca de R\$ 170 milhões em pagamentos para fornecedores, empreiteiros, salários, royalties, energia elétrica, impostos e taxas, estando as principais parcelas mostradas na tabela abaixo (não estão incluídos os gastos com investimentos). :

Tabela 1

Compromissos da Cia.	R\$ mil
1. Convênios com Entidades Publicas e Órgãos não Governamentais (Projetos sociais).	2.310
2. Salários e encargos	10.600
3. Aquisição de materiais	20.880
4. Serviços contratados	47.438
5. Custo com energia elétrica	15.976
6. Pagamento de ICMS	8.000
7. Pagamento de Royalties ao Estado e Municípios	52.428
8. Pagamento de Royalties aos proprietários de terras	3.982
9. Pagamento de conta telefônica	608
10. Pagamento de ISS	2.400

Vale a pena destacar os ganhos do Estado, Municípios e Proprietários de Terras com o pagamento de *royalties* decorrentes da

produção do petróleo e do gás, nos últimos três anos e a previsão para 2005.

Gráfico 6 - Pagamento de Royalties aos Estados e Municípios

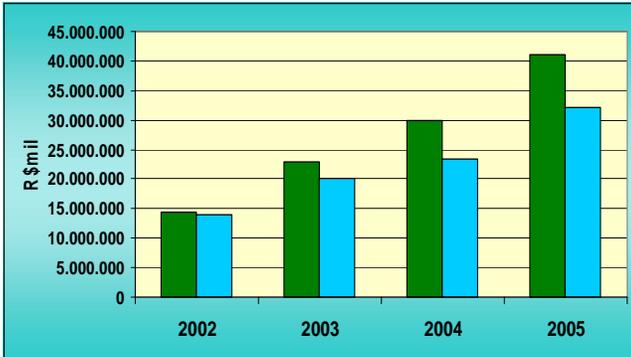
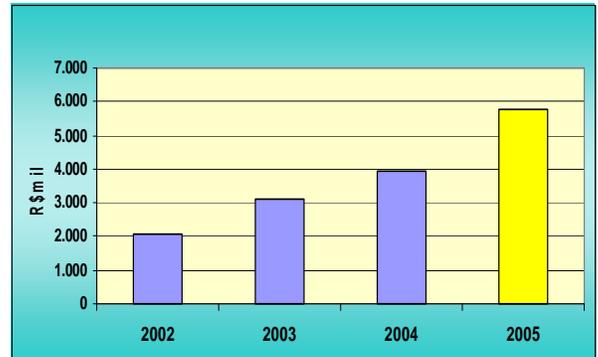


Gráfico 5 – Pagamento de Royalties aos Proprietários de Terras



### O que está para vir

A política da Petrobras é de continuar a investir cada vez mais no Estado contribuindo para o crescimento da sua economia. Para os próximos 5 (cinco) anos estão previstos investimentos da ordem de R\$ 750 milhões e mais outros R\$ 780 milhões para o custeio das atividades de produção. Recentemente foi descoberto um novo campo de petróleo, próximo ao município de São Miguel dos Campos, que já a partir do segundo semestre desse ano irá contribuir com mais 1.200 barris/dia à produção atual, chegando a 2.400 barris/dia no próximo ano, o que elevará a produção da Petrobras no Estado em 25%. As prospecções continuam visando ampliar essa produção e a descobertas de novas áreas produtoras.

**Fonte:** PETROBRAS / Unidade de Negócios de Exploração & Produção de Sergipe e Alagoas / Ativo de produção de Alagoas

## As Alternativas ao petróleo

### A matriz energética brasileira deverá se diversificar com o crescimento da importância do gás natural e do álcool

A atual elevação dos preços do petróleo terá um impacto menor na economia brasileira quando comparada aos dois últimos choques, em 1973 e 1979. Isso porque a produção nacional atinge níveis próximos de atender à demanda interna e, ao mesmo tempo, o peso do petróleo na matriz energética tende a diminuir – tanto no Brasil como lá fora. Os dados do Balanço Energético Nacional de 2005 mostram que a participação do petróleo e seus derivados na oferta interna bruta de energia se reduziu do pico de 51% em 1978 para 39% em 2004. Já a dependência brasileira em relação ao petróleo importado caiu de 85% em 1979 para apenas 8% em 2004. Esse novo quadro resultou tanto da queda da demanda quanto da expansão da oferta doméstica de petróleo. Ou seja, a auto-suficiência em petróleo, prevista pela Petrobras para 2006, será consequência também da estagnação do consumo nos últimos seis anos, e não somente devido ao crescimento da produção.

De acordo com os cenários elaborados pelo Centro Brasileiro de Infra-Estrutura (CBIE), a tendência de queda do peso do petróleo e seus derivados na matriz energética nacional deverá se intensificar nos próximos anos. Entre os fatores que impulsionam a diversificação das fontes de energia, merece destaque o crescimento do uso do

gás natural e dos derivados de cana-de-açúcar, particularmente álcool e bagaço. Entre 1997 e 2004, a participação do gás natural no consumo final de energia no segmento industrial subiu de 5% para 9%, substituindo principalmente o óleo combustível e o GLP (gás liquefeito de petróleo). Na geração brasileira de eletricidade, o gás foi responsável por 5% em 2004. A crescente demanda de energia elétrica e o baixo dinamismo dos investimentos em geração hidráulica são fatores que apontam para o aumento da importância do parque de usinas térmicas a gás natural.

Um ponto-chave para o crescimento sustentado do mercado brasileiro de gás natural é a diversificação de suas fontes supridoras. Atualmente, as importações de gás da Argentina (4%) e da Bolívia (96%) são responsáveis por cerca de 50% da oferta no país. A instabilidade política na Bolívia e a crise energética na Argentina são fatores de risco que tornam prioritários o aumento da produção interna e a busca de alternativas como o GNL (gás natural liquefeito). Para isso, é fundamental atrair mais investimentos na exploração e na produção, o que exigirá um marco regulatório específico para o gás natural, capaz de dar segurança às empresas interessadas em aplicar recursos no país.

## MUDANÇAS NA GERAÇÃO DE ENERGIA

A matriz energética brasileira em 2004 e sua tendência para 2010

FONTE ENERGÉTICA	2004 <sup>(1)</sup>	2010
Petróleo	39%	35%
Gás natural	9%	15%
Energia hidráulica e eletricidade	14%	11%
Lenha e carvão vegetal	13%	12%
Derivados de cana-de-açúcar	13%	15%
Outras	12%	12%

(1) Fonte: Balanço Energético Nacional

Quanto aos derivados de cana, sua participação na matriz energética brasileira aumentou de 7% em 1978 para 13% em 2004. Esse crescimento resultou da maior penetração de álcool no segmento de transportes e do uso de bagaço em processos industriais e na geração de energia. As vendas de álcool experimentaram forte crescimento no início dos anos 80. Isso foi decorrência do lançamento de veículos movidos exclusivamente a esse combustível após o segundo choque do petróleo. Com a queda nos preços do petróleo no mercado internacional, a retirada dos subsídios e problemas no abastecimento, as vendas de álcool hidratado tiveram forte retração a partir do final da década de 80. No entanto, graças ao desenvolvimento de veículos flexíveis, que usam gasolina e álcool recebeu novo impulso nos últimos anos. Lançados em 2003, os modelos bicombustíveis já representam mais de 60% das vendas de automóveis de passageiros, de uso misto e comerciais leves. A estimativa é que, no final de 2007, todos os veículos fabricados no Brasil possuirão essa tecnologia.

A alta produtividade das unidades produtoras brasileiras, os elevados preços do petróleo e o aumento das restrições a emissão de poluentes, principalmente

após a aprovação do protocolo de Kioto, em 1997, criaram oportunidades de exportação do álcool brasileiro. A expectativa de crescimento na demanda mundial do produto fez com que a Chicago Board of Trade (CBOT) e a Chicago Mercantile Exchange (CME) lançassem, em março de 2005, contratos futuros para a comercialização de álcool. Esses contratos se somaram aos que já eram comercializados na New York Board of Trade (Nybot) desde maio de 2004. Tudo isso leva o CBIE a prever que a participação dos derivados de cana na matriz energética nacional deva crescer dos atuais 13% para 15% em 2010. Enquanto isso, a participação do gás natural deve sair de cerca de 9% para 15%. Na nova matriz energética, a participação do petróleo e de seus derivados será de 35%, em vez dos atuais 39%. Em decorrência de menores investimentos em grandes projetos de geração hidráulica e do declínio das importações de eletricidade da Argentina, estima-se que a participação da hidroeletricidade caia dos atuais 14% para 11% no Brasil a partir de 2010.

O movimento de queda relativa do petróleo na matriz energética não é

exclusividade da economia brasileira. Dois fatores comandam esse processo em escala mundial. Primeiro, a preocupação em conduzir os danos ambientais relacionados à produção, ao transporte e ao consumo de petróleo e seus derivados. Segundo, a busca de fontes alternativas de energia que diminuam a dependência em relação ao petróleo importado e aumentem a confiabilidade e a segurança na oferta de energia. A crescente resistência da sociedade ao uso de combustíveis e tecnologias poluentes, o receio em relação ao efeito estufa e a permanente instabilidade social e política das principais regiões produtoras de petróleo, aliados à ameaça de ataques terroristas à sua infra-estrutura, são aspectos que reforçam o processo de diversificação da matriz energética e a redução da importância do petróleo.

Nos países desenvolvidos, em função da forte resistência da opinião pública, há uma tendência de estagnação do uso da energia nuclear, enquanto aumenta a participação de fontes renováveis, como solar, eólica e geotérmica. Nos países em desenvolvimento, especialmente na China e na Índia, a demanda por derivados de petróleo deverá se manter em ritmo de crescimento acelerado por causa da forte elevação do nível de renda e do processo de

industrialização, que incentiva a substituição do carvão e da lenha. Mesmo nesse grupo de países, existe um grande potencial para o crescimento do mercado de gás natural e de fontes renováveis modernas, como o álcool e o bagaço de cana, obtidas de culturas agrícolas nativas. Nesse cenário, as primeiras décadas do século 21 deverão ser marcadas pela queda na participação do petróleo na matriz energética dos países desenvolvidos.

Numa segunda etapa, possivelmente depois de 2030, esse processo deverá se estender ao conjunto dos países em desenvolvimento. Diferentemente do que ocorreu no século passado, quando o petróleo assumiu o papel do carvão vegetal e da lenha como fonte de energia moderna, neste século deveremos assistir à substituição do petróleo por diferentes fontes, menos poluentes, adaptadas às necessidades regionais e ao objetivo de aumentar a confiabilidade da oferta. Sem dúvida, a sociedade do século 21 será menos dependente de petróleo que a do século 20.

Fonte: Adriano Pires  
Diretor do Centro Brasileiro de Infra-  
Estrutura (CBIE) e professor da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## Gás

### Crise de planejamento

A crise política e econômica na Bolívia, país responsável pelo fornecimento de 60% do total de gás natural consumido no Brasil, deixou em evidência a fragilidade do sistema de suprimento do país. Enquanto o Ministério das Minas e Energia se mobiliza para elaborar um plano de contingência para o caso de desabastecimento, os agentes de mercado, que vem crescendo a taxas significativas estimulado pelo próprio governo, cobram ações efetivas e planejamento para o setor. Hoje, o Brasil consome diariamente 40 milhões de metros cúbicos de gás natural, usado principalmente pela indústria (63%) e para geração de energia elétrica (21%). Os veículos movidos a gás ocupam o terceiro lugar em volume, com 13% e o consumo residencial e comercial, embora com maior número de consumidores, representa apenas 2% e 1%, respectivamente, do mercado.

O possível racionamento trouxe à discussão uma grave falha do setor: a falta de planejamento. De acordo com Mauro Andrade, gerente da Petroleum Services da Deloitte, empresa internacional de auditoria e consultoria empresarial, o mercado de gás natural tem crescido a uma média de 15% ao ano no país. “O sistema brasileiro não é integrado e sofre com problemas de suprimento, demanda, transporte e regulamentação”, avalia. “A ampliação do gás na matriz energética brasileira é positiva do ponto de vista da competitividade e importante para garantir a qualidade do processo de certas indústrias, como a de cerâmica. Hoje, a demanda potencial já é maior que a oferta, sobretudo no Nordeste”, afirma Mauro Andrade.

Com reservas de gás isoladas e outras de pouco aproveitamento, a Petrobrás abriu novas perspectivas para a produção com a descoberta do campo de Mexilhão, na

Bacia de Santos. A Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia (Abrace) – que representa produtores químicos, de aço, cimento, petroquímicos, papel e celulose, vidro e gases industriais – passou a reivindicar este ano sua participação na elaboração do plano de contingência do governo e a aceleração dos investimentos da Petrobrás no campo de Mexilhão.

De acordo com a entidade, formada por 65 sócios que utilizam 20% de toda a energia elétrica consumida no país, as indústrias foram estimuladas a substituir óleo combustível e outros combustíveis líquidos pelo gás natural como energético. A reversão do processo, que demandou grandes investimentos, em particular no setor vidreiro, seria inviável. A discussão sobre a possível interrupção no fornecimento de gás fez a associação reivindicar urgência na aprovação da Lei do Gás, já que a falta de regulamentação é considerada um grande nó do setor.

A concessão de dutos já existentes e de licenças para construção de novos, regras para a tarifação e prazos para exploração são pontos cruciais a serem definidos pela nova legislação. Projeto de lei que trata do tema foi apresentado em maio pelo senador Rodolpho Tourinho (PFL - BA), mas outra proposta está sendo elaborada pelo Ministério das Minas e Energia. Mauro Andrade avalia que o espaço para novos investidores no mercado é pequeno nesse cenário regulatório indefinido. A hegemonia da Petrobrás na exploração, transporte e definição do preço final do gás está sendo questionada, particularmente pelos representantes da indústria, que se queixam da falta de transparência na definição do preço do produto. (Claudia Lima)

Fonte: Revista Conjuntura Econômica  
Agosto/2005. P. 38

## Expansão das Exportações Brasileiras de Produtos Agrícolas

**O Brasil tem tudo para avançar ainda mais nas exportações de produtos agrícolas. As maiores chances de expansão estão nas economias emergentes**

Nos últimos anos, o Brasil entrou definitivamente na briga para tornar-se o maior fornecedor mundial de alimentos. Já é o maior exportador de café, suco de laranja, açúcar, carne bovina e carne de frango. É o segundo do mundo em soja e o quinto em algodão. Em 2004, o agronegócio brasileiro exportou 39 bilhões de dólares, 27% mais que no ano anterior. Neste ano, por causa da queda das cotações da soja, carro chefe das exportações brasileiras, o crescimento deve ser mais modesto, mas ainda assim considerável – foram 20 bilhões de dólares no primeiro semestre, 9% mais que no mesmo período do ano passado. Na soma de todas as *commodities* agrícolas, o Brasil é hoje o terceiro maior exportador do planeta, atrás dos Estados Unidos e da União Européia. E tem tudo para, nos próximos anos, conquistar uma parcela ainda maior do mercado global do agronegócio.

Atualmente, o Brasil e outros países em desenvolvimento estão envolvidos em complicadas negociações comerciais para reduzir subsídios agrícolas e ampliar o acesso a mercados de países ricos. Como esses avanços devem demorar para virar realidade, o país precisa apostar em outros mercados, segundo o consultor Fabio Silveira, da MS Consult. A Europa e os Estados Unidos não podem ser o único eixo do agronegócio

brasileiro”, afirma Silveira. “Podemos negociar em alguns produtos específicos, mas o protecionismo nesses países vai continuar sendo uma realidade ainda por algum tempo”. Para o consultor, as maiores oportunidades para o Brasil estão nas economias emergentes da Ásia, no Oriente Médio e no Leste Europeu. “Temos chance de crescimento significativo em mercados como China, Índia e Rússia”, diz Silveira.

A mesma análise faz Mauro de Rezende Lopes, pesquisador do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro. “Vai ser quase impossível o Brasil dar conta de toda a demanda por carne, cereais e oleaginosas que será gerada nos países em desenvolvimento nos próximos anos”, afirma Lopes. Em artigo que está publicando neste mês no boletim *Cenários*, da FGV, junto com a pesquisadora Marilene Silva de Oliveira, Lopes aponta que, na próxima década, os países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne as nações industrializadas, devem crescer 2,6% ao ano, ante 3% a 4% dos países em desenvolvimento – na China, a taxa deve superar 7% ao ano. A previsão é que, nos próximos 12 anos, 700 milhões de pessoas vão ser incorporadas ao mercado nos países em desenvolvimento, com renda crescente e vontade de elevar seu padrão de alimentação.

Para o Brasil, o mercado mais promissor é, sem dúvida, a China, sobretudo para soja, o açúcar e o algodão. A China já é a maior importadora da soja brasileira e deverá comprar muito mais, pois sua produção interna não supre a demanda. O peso da China fica mais evidente quando se analisa o mercado de açúcar. Nos últimos cinco anos, o consumo chinês aumentou de 6,6 para 9 quilos per capita por ano. Num país com 1,2 bilhão de habitantes, só esse acréscimo gerou uma demanda adicional anual de 2,9 milhões de toneladas de açúcar – quase 20% do total que o Brasil exportou no ano passado. A China é também um mercado potencial para o álcool combustível, o etanol, cuja demanda no mundo tende a crescer por causa da alta dos preços do petróleo. “A maior loucura coletiva que fez a humanidade foi investir em um produto que vai acabar, que é o petróleo”, diz o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, destacando o potencial do que chama de agroenergia – que inclui o etanol e o biodiesel obtido da soja, da palma e da mamona.

No algodão, outra demonstração da atividade do mercado chinês. A produção mundial na safra 2005/2006 está estimada em 23 milhões de toneladas. Desse total, 9 milhões (quase 40%) devem ser consumidos pela China. No ano passado, o Brasil exportou apenas 15.000 toneladas de algodão para os chineses. “É uma quantidade ridícula e pode aumentar com a população de plumas com um padrão adequado a exportação”, diz Antônio Esteve, presidente da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea). O problema, segundo Esteve, é que o algodão brasileiro é considerado de padrão médio, com excesso de folhas e talos e sem uniformidade.

Adequar o produto às exigências dos clientes é uma rotina para empresas

brasileiras com larga experiência em exportações. É o caso do setor de frangos, que já abastece mais de 130 países. A estrutura de desmontagem do frango nos abatedouros está preparada para atender o mundo inteiro. Conforme explica José Carlos Aguilera, diretor da gaúcha Avipal, os consumidores brasileiros são exceção: são poucos os países onde as pessoas compram o frango inteiro e dividem entre a família. O muçulmano come um frango inteiro sozinho – menor, é claro. A Europa e os Estados Unidos consomem principalmente peito. Na Ásia, vendem-se mais coxas, sobrecoxas e asas. “Como não se faz frango só com peitos ou coxas, é preciso atender todas as culturas. Quem vende para a Europa tem de vender para Ásia”, diz Aguilera.

Neste mundo globalizado, não dá para o Brasil abrir mão de brigar por maior acesso aos mercados dos países desenvolvidos, apesar das barreiras comerciais. Tome-se o setor de carne bovina. O Brasil abastece mais de 150 países e já é o maior exportador mundial. No entanto, por causa da febre aftosa, não consegue exportar carne *in natura* para os Estados Unidos, Japão, México, Canadá, Coreia do Sul e Taiwan, que representam 60% das importações mundiais. “A abertura desses mercados é uma questão de tempo. Estamos fazendo o nosso dever de casa”, afirma Antonio Camardelli, diretor executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

Além da questão sanitária, outro problema do Brasil é que precisa melhorar sua credibilidade lá fora, segundo Guilherme Leite da Silva Dias, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP). “Se você não faz direito no mercado interno, fica difícil convencer o comprador estrangeiro de

sua seriedade”, afirma Dias. Ele cita o exemplo do plantio de transgênicos. Os Estados Unidos, maiores produtores dessas variedades no mundo, tomaram precauções para separar as plantas geneticamente modificadas das convencionais.

Com isso, conseguem dar ao comprador a garantia de que determinado produto contém ou não ingredientes transgênicos. “A Argentina não consegue mais separar o transgênico do não-transgênico, e estamos caminhando na mesma direção”, afirma Dias.

#### *OS NOSSOS MAIORES CLIENTES*

Os principais países importadores do agronegócio brasileiro em 2004 (em bilhões de dólares)

1. Estados Unidos	5,7
2. Holanda	3,7
3. China	3,0
4. Alemanha	1,9
5. Itália	1,6
6. Rússia	1,5
7. Reino Unido	1,4
8. Japão	1,4
9. França	1,3
10. Espanha	1,2

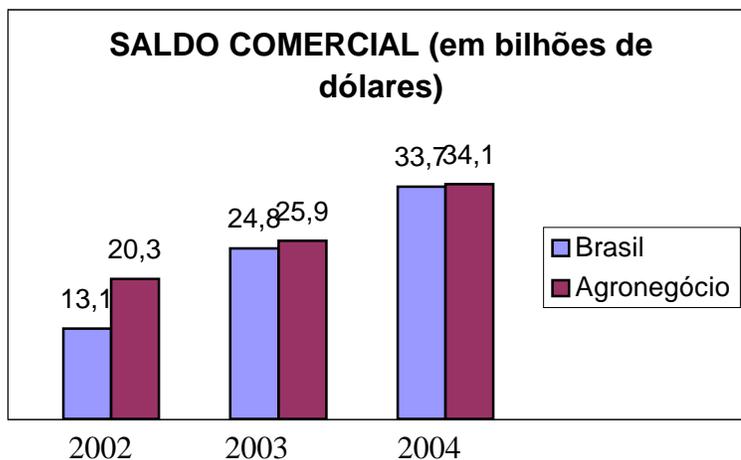
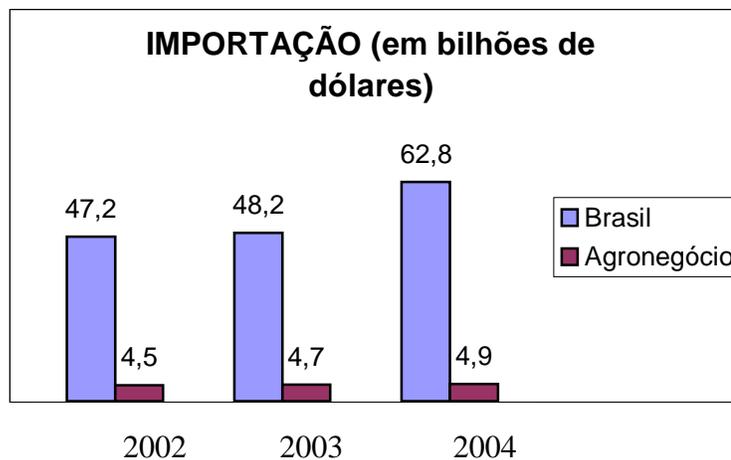
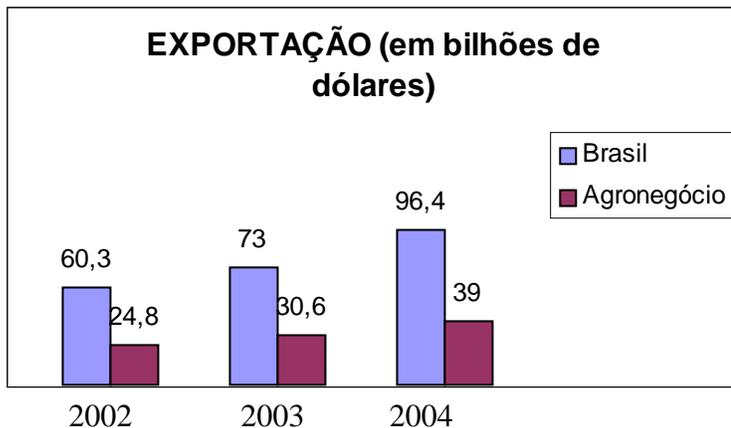
#### *AS ESTRELAS DO AGRONEGÓCIO*

Os principais produtos exportados pelo Brasil em 2004 (% sobre o valor das vendas externas do agronegócio)

1. Complexo soja	25,8
2. Carnes	15,7
3. Madeiras e seus derivado	7,8
4. Celulose e papel	7,5
5. Couro e seus derivados	7,4
6. Açúcar	6,8
7. Café	5,2
8. Fumo e tabaco	3,7
9. Sucos e frutas	2,9
10. Outros	17,2

## A AJUDA QUE VEIO DO CAMPO

Não fosse o agronegócio, o Brasil teria fechado os últimos anos com déficit na balança comercial. Veja abaixo:



Fontes: Secex e MDIC

**ONDE ESTÃO AS CHANCES PARA CRESCER**  
**Os produtos e os mercados que apresentam as maiores oportunidades de crescimento das exportações brasileiras**

PRODUTOS	SITUAÇÃO ATUAL	OPORTUNIDADES
SOJA	O Brasil é o segundo maior produtor e exportador mundial, depois dos Estados Unidos. Em dez anos deve deixar os americanos par trás	O maior mercado é a China, principal destino da soja brasileira (21% do total). Os chineses terão de comprar muito mais, pois não têm como aumentar sua produção
AÇÚCAR	O Brasil lidera o ranking mundial. Em 2004, exportou 15,7 milhões de toneladas e faturou 2,6 bilhões de dólares	A demanda mundial cresce cerca de 3 milhões de toneladas por ano. E a vitória brasileira na OMC contra a União Européia deve abrir um mercado adicional de 3,7 milhões de toneladas anuais
ÁLCOOL	Na última safra, o Brasil exportou 2,6 bilhões de litros de álcool, com receita de mais de 500 milhões de dólares	A expectativa é que o Japão adote a mistura de 3% do álcool anidro à gasolina. Se isso ocorrer, os japoneses precisarão importar, no mínimo 1,8 bilhão de litros por ano
MILHO	No ano passado, a venda de milho em grão ao exterior rendeu 597 milhões de dólares ao país	A demanda pode crescer por dois motivos: o aumento da Produção de frango (que usa o milho na alimentação) e a perspectiva de os Estados Unidos investirem na produção de álcool de milho
ALGODÃO	Nos últimos anos, o Brasil saiu da condição de importador para tornar-se um dos grandes fornecedores mundiais da matéria-prima	O mercado mais promissor é a China, importa 40% do volume comercializado no mundo. No ano passado, o Brasil representou menos de 1% das compras chinesas do produto
CARNE	O Brasil é o maior exportador mundial. Em 2004, as vendas externas de carne in natura e industrializada renderam 2,4 bilhões de dólares	O grande objetivo é exportar para países como Estados Unidos, Japão, México e Canadá, que representam 60% das importações mundiais. O Brasil tem hoje acesso restrito a esses mercados
FRANGO	O Brasil é o maior exportador mundial, com receita de 2,6 bilhões de dólares e 43% do mercado internacional no ano passado	A meta é aumentar a venda de produtos de maior valor e entrar em mercados como México, Chile, Malásia e Estados Unidos. Neste ano, o país começou a exportar para China e Coréia do Sul
SUÍNO	Apesar de o Brasil exportar carne suína para mais de 80 países, o principal cliente, a Rússia concentra 60% do volume total	Para ampliar sua participação no mercado mundial, o Brasil busca exportar para a União Européia, que representaria um atestado de qualidade do produto, e para o Japão, o maior importador do mundo

## ATIVIDADE ECONÔMICA DO ESTADO DE ALAGOAS 2004

Em 2004, a economia brasileira apresentou variação positiva de 5,0% enquanto a economia nordestina obteve crescimento acima da média nacional, com desempenho de 5,3%. No entanto, o desempenho positivo do PIB da região não atingiu homogeneamente todos os estados nordestinos. Alagoas, Maranhão e Sergipe tiveram crescimentos menores que a média nacional segundo a Datamétrica<sup>1</sup>, a economia alagoana cresceu 4,01% a maranhense 4,99% e a sergipana 4,62%.

O clima prejudicou a atividade agrícola no Brasil em 2004. O excesso de chuvas na região Centro-Oeste e a estiagem na região Sul, afetaram negativamente o desempenho, principalmente no que se refere a safra de cereais, leguminosas e oleaginosas<sup>2</sup>.

Em Alagoas, a instabilidade climática ocorrida no início do ano e a estiagem verificada no 2º semestre, contribuíram para oscilações na produção de grãos em 2004, apresentando redução significativa, em relação ao mesmo período de 2003, tanto no que se refere às lavouras temporárias como as permanentes, com os seguintes resultados: lavouras temporárias como abacaxi, algodão arroz e mandioca registraram variação negativa, e também lavouras permanentes como banana e laranja. No entanto, produtos como feijão, fumo, milho e cana-de-açúcar apresentaram crescimento, como resultante do aumento da área plantada para o fumo, condições climáticas favoráveis para a cana-de-açúcar e distribuição de sementes por parte do governo para o feijão e o milho, ou

políticas públicas de comercialização para o coco.

Segundo o IBGE, o setor industrial brasileiro apresentou em 2004 crescimento de 8,3% em relação a 2003. Esse crescimento pode ser creditado dentre outras razões, a uma maior facilidade de acesso ao crédito, constituindo elemento indutor do aumento das vendas de bens duráveis.

O segmento sucroalcooleiro alagoano mantém sua importância no cenário nacional. Em se tratando da produção de açúcar, o setor em Alagoas começou a produzir o tipo VHP na safra 2003/2004, como exigência do mercado externo, principalmente de países do Oriente Médio.

Para produtos derivados do salgema em Alagoas, verificou-se aumento na produção de soda evaporação e pequena oscilação negativa para o policloreto de vinila e dicloroetano em 2004 em relação a 2003, objetivando atender o mercado.

Mesmo com a falta de liberação de emendas orçamentárias em nível nacional, promovendo queda de 70% nas obras públicas em 2004, o setor privado apresentou crescimento. Como reflexo, Alagoas registrou incremento positivo na produção de cimento, na ordem de 4,74% embora o consumo tenha registrado redução de 3,67% em relação a 2003.

No setor de serviços, a atividade turística em Alagoas registrou em 2004 um fluxo de 1.427.883 visitantes, ficando a capital com 951.922. Assim, o fluxo de entrada de hóspedes apresentou variação positiva de 6,6% em Maceió. A taxa de ocupação (média) anual alcançou 61,9% das unidades habitacionais, ou seja, um crescimento de 15,5% com aumento de

<sup>1</sup> Datamétrica, Consultoria, Pesquisa e Telemarketing de Pernambuco (Boletim de Conjuntura Econômica do Nordeste)

<sup>2</sup> Carço de algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo e trigo

permanência média de 5,79% em relação a 2003. Alagoas conta com uma oferta hoteleira e extra-hoteleira de mais de 300 estabelecimentos. No sentido de atender à demanda do setor, a hotelaria da capital será contemplada com mais 300 apartamentos.

O setor de transportes do Estado em 2004 apresentou incremento positivo em relação ao Transporte Aeroportuário, no que se refere ao aumento de passageiros embarcados e desembarcados, de 21,76% e 19,66% respectivamente, confirmando inclusive, o crescimento da atividade turística em Alagoas. No setor de carga, o resultado anual também apresentou variação positiva tanto para embarques com 1,59% e desembarques de 24,10% em razão do volume de produtos comercializados.

No setor de Transporte Portuário, o Porto de Maceió encerrou 2004 com movimentação recorde, ultrapassando 3,3 milhões de toneladas de mercadorias, registrando crescimento de 15,5% em relação a 2003. Como principal canal de escoamento das exportações alagoanas, 2,5 bilhões de toneladas embarcaram para outros países, representando 79% do volume de negócios, enquanto as importações foram responsáveis por 21%.

Com relação a atividade de comércio, em âmbito regional, Alagoas foi o Estado nordestino que apresentou maior índice de variação positiva de vendas em 2004. A média de incremento registrou 13,04% mantendo-se acima da média brasileira com 9,25%. Melhor desempenho no comércio em Alagoas se verificou em Maceió, que fechou o ano de 2004 com acréscimo de 30% em relação a 2003. O aumento do ingresso de pessoas no mercado de trabalho no segundo semestre de 2004 e a injeção de recursos na economia com a liberação do 13º salário, permitiram o desempenho positivo da atividade comercial.

Acompanhando a tendência superavitária da Balança Comercial Brasileira, as exportações alagoanas cresceram 26,81% em 2004, mesmo assim, ficaram abaixo da média nacional e regional<sup>3</sup>. Os segmentos sucroalcooleiro (84,85%) e químico-plástico (13,63%) comercializaram 98,48% do volume exportado por Alagoas. Em se tratando do açúcar, no sentido de atender à demanda, na referida safra foi exportada 1,4 milhão de toneladas de VHP, e no tocante à exportação de álcool, a comercialização do produto foi intensificada. Em 2004 foram comercializados 343 milhões de litros de álcool, 42,7% a mais que em 2003, quando foram exportados 146,6 milhões. Considera-se então, que o bom desempenho das exportações alagoanas pode ser também atribuído às vendas de álcool no mercado internacional, que foram intensificadas a partir de 2001. No entanto, vale ressaltar a diversificação da pauta de produtos exportáveis por Alagoas, que registra crescimento significativo. Em 1999, o Estado comercializava 39 produtos e em 2004 registrou a venda de 68 itens.

O secretário da Célula de Desenvolvimento Econômico de Alagoas, Arnóbio Cavalcante, pede atenção para dois aspectos positivos dessa diversificação: a participação das pequenas empresas e a multiplicação do número de países que passaram a consumir artigos alagoanos. A Europa Oriental recebeu 44,45% das nossas exportações, a Ásia 16,68% e a África 12,02%. As exigências dos consumidores internacionais estão ajudando as empresas locais a aprimorar a qualidade do que fabricam, o que é outro aspecto positivo das exportações. O fato de uma empresa exportar recomenda sua qualidade aos que, no mercado interno, consomem seus produtos<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Em 2004, as exportações brasileiras cresceram 32% em relação a 2003, sendo as nordestinas 31,6% e as alagoanas 26,8%.

<sup>4</sup> Jornal Tribuna. Caderno Opinião, p.4. 24 mar. 2005

Se ocorreu aumento no volume de produtos exportados por Alagoas, o desempenho das importações também foi positivo em 2004, com aumento 39,9% em relação a 2003. A compra de insumos (adubos e herbicidas) aplicados na agricultura representou item significativo na pauta de importações.

Em 2004, Alagoas manteve negociação com 18 países, entre os quais Rússia, Estados Unidos, Japão, Coreia, Portugal, Bulgária, Angola, Suécia, Iraque e Síria.

No que se refere à geração de empregos em Alagoas, em 2004, o Estado registrou saldo positivo entre admissões e demissões, com aumento de 9.682 vagas no mercado de trabalho, resultante do crescimento econômico verificado.

Como insumo de produção, o consumo de energia elétrica reflete a geração de riquezas. Em 2004 o pequeno crescimento no consumo registrado em Alagoas<sup>5</sup>, em relação a 2003, pode ser atenuado pela inclusão da geração de energia de fontes alternativas como no caso da biomassa<sup>6</sup>, além do consumo industrial, cuja energia é fornecida diretamente pela CHESF para Unidades localizadas no Estado.

Em se tratando do Gás Natural, a produção em Alagoas registrou aumento de 29,33% em 2004 em relação a 2003. No setor industrial, a Algas fornece o produto para 12 indústrias, inclusive ao Pólo de Marechal Deodoro, bem como para o Distrito Industrial Luiz Cavalcante. Esse insumo de produção pode ser utilizado por qualquer indústria que deseje se instalar nesses locais. O gás canalizado para residências, está atendendo embora de forma parcial às expectativas do setor. O Gás Natural Veicular (GNV) também faz parte do cotidiano do alagoano. Alagoas conta em 2004, com 17 postos de gás natural, sendo 15 em Maceió, um em Pilar e outro em Arapiraca. Vale ressaltar, que Alagoas é o primeiro Estado no Brasil a

possuir um posto com operação comercial de Gás Natural Comprimido (GNC) e Arapiraca a primeira cidade brasileira a utilizar a moderna tecnologia de transporte e abastecimento do GNV – o gasoduto virtual. Em 2004, a frota alagoana de carros movidos a GNV totalizava aproximadamente 10 mil veículos. Existe a expectativa do crescimento desse número, com a continuidade do processo de interiorização do GNV.

Como uma das forças indutoras de desenvolvimento do Estado, a Unidade de Processamento de Gás Natural de Alagoas (UPGN-AL) tem capacidade de processar dois milhões de metros cúbicos de gás natural por dia, com destinações específicas, atendendo a vários setores da sociedade. A UPGN-AL contribui de forma significativa para o desenvolvimento da economia alagoana e regional, incrementando a arrecadação de impostos e geração de emprego e renda.

Em se tratando das Finanças Públicas, o governo arrecadou R\$ 1.015 bilhão e obteve de transferências federais R\$ 1.157 bilhão, totalizando R\$ 2.172 bilhões de receita em 2004. Em relação às despesas, foram gastos R\$ 2.195 bilhões distribuídos entre Poder Executivo<sup>7</sup> e Transferências a Poderes. Assim, as Finanças Públicas do Estado registraram em 2004 resultado deficitário de R\$ 23 milhões, tendo como principais incremento na composição das despesas, os gastos do Poder Executivo, Serviço da Dívida, e transferências a Poderes.

O ritmo de crescimento previsto para 2005 tanto para o Brasil como para a Região Nordeste provavelmente será um pouco menor, da ordem de 3,8% e 4,1%, respectivamente.

Diante do quadro de retração de crescimento nacional, segundo estudo da Consultoria pernambucana, estimativas apontam, que a economia alagoana terá crescimento de 2,85% em 2005.

<sup>5</sup> Energia fornecida pela CEAL.

<sup>6</sup> Segmento sucroalcooleiro.

<sup>7</sup> Pessoal, Custeio/Investimento, Transferência a Municípios, FUNDEF/Líquido e Serviço da Dívida

## ÍNDICES E INDICADORES MONETÁRIOS

O Índice de Preço ao Consumidor da cidade de Maceió, calculado mensalmente pela Secretaria Estadual de Planejamento e Orçamento, durante o ano de 2004, acumulou nos seis primeiros meses um percentual de 4,71. Nos últimos seis meses o acumulado foi de 5,40 pontos percentuais, o que nos mostra um crescimento em relação ao primeiro semestre de 0,69 pontos. Durante todo o ano o acumulado em Maceió foi de 10,37 que comparado com o Índice Nacional de Preços do IBGE de 6,13 mostra que tivemos uma inflação anual maior que a oficial, feita pelo IBGE em 10 capitais brasileiras. Esta variação positiva deve-se principalmente ao aumento de combustível, tarifas públicas e alimentação, pois dependemos muito de produtos de outros Estados que são

encarecidos pelo frete. Num comparativo entre os últimos seis meses (julho a dezembro/2004) e os primeiros seis meses de (janeiro a junho/2004) o comportamento segue de acordo com a tabela a seguir:

Verificando os dados desta tabela vemos que os grupos alimentação, artigos diversos, despesas pessoais, saúde, e educação apresentaram uma menor variação percentual em relação ao 1º semestre de 2004. Já os grupos habitação, fumo e bebidas, vestuário e transportes tiveram uma maior variação em relação ao semestre acima mencionado.

Grupos	Variação		Acumulado (%)
	janeiro a junho	julho a dezembro	2004
Alimentação	4,06		1,63
Habitação	4,27		10,7
Artigos diversos	38,13		9,84
Despesas pessoais	6,74		3,8
Fumo e bebidas	-0,38		4,69
Vestuário	13,03		14,59
Transportes	0,25		12,72
Saúde	2,89		0,24
Educação	7,98		3,26

FONTE: Seplan

**ÍNDICE DE PREÇO AO CONSUMIDOR E CESTA BÁSICA  
MACEIÓ  
2003 - 2004**

MÊS	IPC(*)		CESTA BÁSICA			
	MÊS	ANO	CUSTO	VAR%.	SALÁRIO	VAR %
			MENSAL R\$(A)	2003/2004	MÍNIMO (B)	(A/B)
<b>2003</b>						
JANEIRO	3,14	3,14	112,41	2,43	200,00	56,21
FEVEREIRO	2,16	5,37	115,77	2,99	200,00	57,89
MARÇO	1,09	6,52	120,55	4,12	200,00	60,28
ABRIL	1,41	8,02	130,16	7,97	240,00	54,23
MAIO	0,70	8,77	125,05	-3,92	240,00	52,10
JUNHO	0,31	9,11	127,31	1,81	240,00	53,05
JULHO	-0,05	9,06	124,82	-1,96	240,00	52,01
AGOSTO	0,67	9,79	127,12	1,84	240,00	52,97
SETEMBRO	0,91	10,79	127,61	0,38	240,00	53,17
OUTUBRO	0,20	11,01	124,96	-2,08	240,00	52,07
NOVEMBRO	0,45	11,51	125,61	0,52	240,00	52,34
DEZEMBRO	0,70	12,29	128,90	2,62	240,00	53,71
<b>2004</b>						
JANEIRO	0,89	0,89	134,70	4,50	240,00	56,12
FEVEREIRO	0,74	1,64	136,26	1,16	240,00	56,78
MARÇO	1,27	2,93	135,39	-0,64	240,00	56,41
ABRIL	1,17	4,13	126,66	-6,45	240,00	52,77
MAIO	0,55	4,70	131,38	3,73	260,00	50,53
JUNHO	0,01	4,71	129,01	-1,81	260,00	49,62
JULHO	1,35	6,13	133,47	3,46	260,00	51,33
AGOSTO	1,44	7,66	136,86	2,54	260,00	52,64
SETEMBRO	0,06	7,72	130,60	-4,57	260,00	50,23
OUTUBRO	0,64	8,41	122,73	-6,03	260,00	47,20
NOVEMBRO	0,75	9,22	122,56	-0,14	260,00	47,14
DEZEMBRO	1,05	10,37	121,79	-0,63	260,00	46,84

FONTE: SEPLAN / CGPLAN

Nota: (\*) Reflete a cesta de consumo das famílias com rendimento de 2 a 8 salários mínimos

## ÍNDICES DE PREÇOS - IGP-DI/FGV, IGP-M/FGV E INPC/IBGE

### ALAGOAS

2003 - 2004

MÊS	ÍNDICE GERAL DE PREÇOS DISPONIBILIDADE INTERNA /FGV BASE: (AGOSTO/94 =100)			ÍNDICE GERAL DE PREÇOS DO MERCADO/FGV BASE: (AGOSTO/94 =100)			ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR/IBGE BASE: (DEZEMBRO/93 =100)		
	VARIAÇÕES PERCENTUAIS			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	ÍNDICE	MÊS	ANO	ÍNDICE	MÊS	ANO	ÍNDICE	MÊS	ANO
<b>2003</b>									
JANEIRO	276,578	2,17	2,17	277,173	2,33	2,33	2.151,84	2,47	2,47
FEVEREIRO	280,984	1,59	3,80	283,506	2,28	4,67	2.183,26	1,46	3,97
MARÇO	285,640	1,66	5,52	287,855	1,53	6,27	2.213,17	1,37	5,39
ABRIL	286,815	0,41	5,96	290,512	0,92	7,25	2.243,71	1,38	6,84
MAIO	284,900	-0,67	5,25	289,747	-0,26	6,97	2.265,92	0,99	7,90
JUNHO	282,913	-0,70	4,51	286,843	-1,00	5,90	2.264,56	-0,06	7,84
JULHO	282,349	-0,20	4,31	285,649	-0,42	5,46	2.265,47	0,04	7,88
AGOSTO	284,105	0,62	4,96	286,735	0,38	5,86	2.269,55	0,18	8,08
SETEMBRO	287,081	1,05	6,05	290,127	1,18	7,11	2.288,16	0,82	8,96
OUTUBRO	288,337	0,44	6,52	291,229	0,38	7,52	2.297,08	0,39	9,39
NOVEMBRO	289,718	0,48	7,03	292,657	0,49	8,04	2.305,58	0,37	9,79
DEZEMBRO	291,462	0,60	7,67	294,455	0,61	8,71	2.318,03	0,54	10,38
<b>2004</b>									
JANEIRO	293,793	0,80	0,80	297,039	0,88	0,88	2.337,300	0,83	0,83
FEVEREIRO	296,976	1,08	1,89	299,097	0,69	1,58	2.346,415	0,39	1,22
MARÇO	299,746	0,93	2,84	302,484	1,13	2,73	2.359,790	0,57	1,80
ABRIL	303,184	1,15	4,02	306,151	1,21	3,97	2.369,465	0,41	2,22
MAIO	307,616	1,46	5,54	310,152	1,31	5,33	2.378,943	0,40	2,63
JUNHO	311,576	1,29	6,90	314,419	1,38	6,78	2.390,838	0,50	3,14
JULHO	315,113	1,14	8,11	318,532	1,31	8,18	2.408,291	0,73	3,89
AGOSTO	319,244	1,31	9,53	322,412	1,22	9,49	2.420,332	0,50	4,41
SETEMBRO	320,788	0,48	10,06	324,651	0,69	10,25	2.424,447	0,17	4,59
OUTUBRO	322,492	0,53	10,65	325,925	0,39	10,69	2.428,568	0,17	4,77
NOVEMBRO	325,148	0,82	11,56	328,588	0,82	11,59	2.439,254	0,44	5,23
DEZEMBRO	326,833	0,52	12,14	331,005	0,74	12,41	2.460,232	0,86	6,13

FONTE: Fundação Getúlio Vargas / Fundação IBGE

# ATIVIDADE AGRÍCOLA

## SITUAÇÃO DAS LAVOURAS EM ALAGOAS NO CONTEXTO BRASIL E NORDESTE 2003 - 2004

Em 2004, a safra nacional de produção de cereais, leguminosas e oleaginosas<sup>8</sup>, alcançou 119.085 milhões de toneladas. Segundo estimativa do IBGE, com base em dados fornecidos pela CONAB- Companhia Nacional de Abastecimento, mesmo com a estiagem verificada nas regiões sul e sudeste, todas as regiões apresentam previsão de crescimento na produção agrícola de 2005.

A Região Nordeste, obterá a segunda menor safra no âmbito nacional, mesmo levando-se em consideração um crescimento de 16,03% em relação a 2004<sup>9</sup>.

### PREVISÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA REGIÕES BRASILEIRAS 2005

REGIÃO	PRODUÇÃO (milhões toneladas)	PARCELA DO TOTAL (%)	AUMENTO (em relação a 2004) %
Sul	55.543	41,14	13,48
Centro- Oeste	46.375	34,47	16,32
Sudeste	18.200	13,53	3,17
<b>Nordeste</b>	<b>10.888</b>	<b>8,09</b>	<b>16,03</b>
Norte	3.716	2,76	8,53

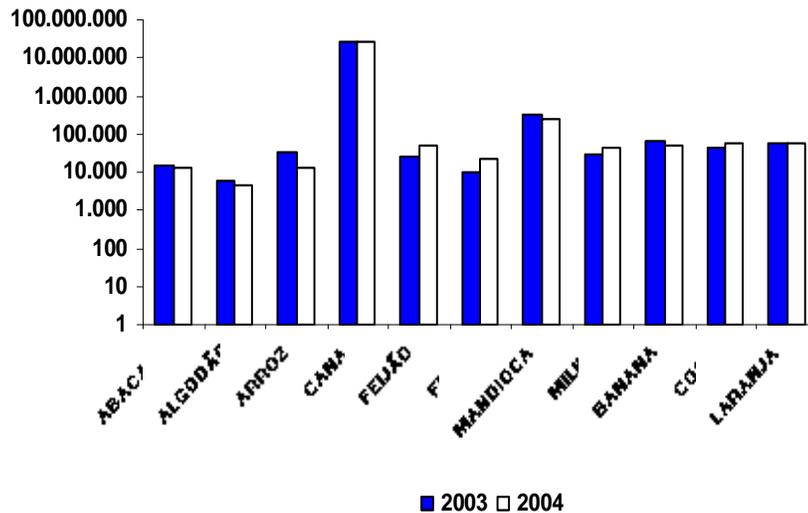
Fonte: IBGE

<sup>8</sup> (caroço de algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo e trigo)  
Fonte: IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola)

<sup>9</sup> Tribuna, 24.02.2005, Caderno Economia, p.13

SITUAÇÃO DAS LAVOURAS – PRODUÇÃO FÍSICA  
ALAGOAS – 2º semestre 2003 - 2º semestre 2004

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE ALAGOAS



Em se tratando de Alagoas, conforme dados do LPSA (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola) do IBGE, no 2º semestre de 2004 em relação à igual período de 2003, ocorreu uma redução significativa na produção agrícola, tanto no que tange às lavouras temporárias como as permanentes.

O arroz, o algodão e a mandioca, apresentaram redução de 59,94%, 27,98% e 26,11% respectivamente. Em relação ao arroz, a falta de estímulo para beneficiamento do produto foi o principal fator. No caso do algodão e da mandioca, como reflexo da estiagem verificada nas regiões produtoras.

Entretanto, o feijão, o milho, o fumo e a cana-de-açúcar apresentaram variação positiva em relação ao mesmo período de 91,83%, 53,80%, 115,32% e 2,62%

respectivamente. Para o fumo, aumento da área plantada justifica o crescimento da produção. Feijão e milho, condições climáticas contribuíram para o desempenho. No que se refere ao feijão, a distribuição de sementes pelo Governo também influenciou o aumento da produção.

Alagoas já foi um dos maiores produtores de coco e voltou a marcar presença no mercado, inclusive com extração e processamento da água, consumida em grande escala pela população. Devido a políticas adotadas pelo governo, a produção do coco-da-baía em Alagoas apresenta variação positiva de 17,67% em 2004, em relação a 2003, conforme poderá ser observado em tabelas e quadros auto-explicativos.

**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - PRODUÇÃO FÍSICA****ALAGOAS****2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	PRODUÇÃO FÍSICA (ton)		
	2º SEMESTRE		VARIÇÃO
	SAFRA (4)		
	2003	2004	%
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>			
ABACAXI (2)	14.659	12.915	-11,90
ALGODÃO HERBÁCEO	6.007	4.326	-27,98
ARROZ	31.420	12.586	-59,94
CANA-DE-AÇUCAR	24.881.904	25.533.050	2,62
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	24.548	47.091	91,83
FUMO (em folha)	9.802	21.106	115,32
MANDIOCA	330.731	244.391	-26,11
MILHO (em grão) (1ª safra)	29.108	44.769	53,80
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>			
BANANA (3)	61.262	51.373	-16,14
COCO-DA-BÁIA (2)	45.140	53.117	17,67
LARANJA (2)	57.958	54.784	-5,48

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola- JULHO/DEZEMBRO/2004 - IBGE.

Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

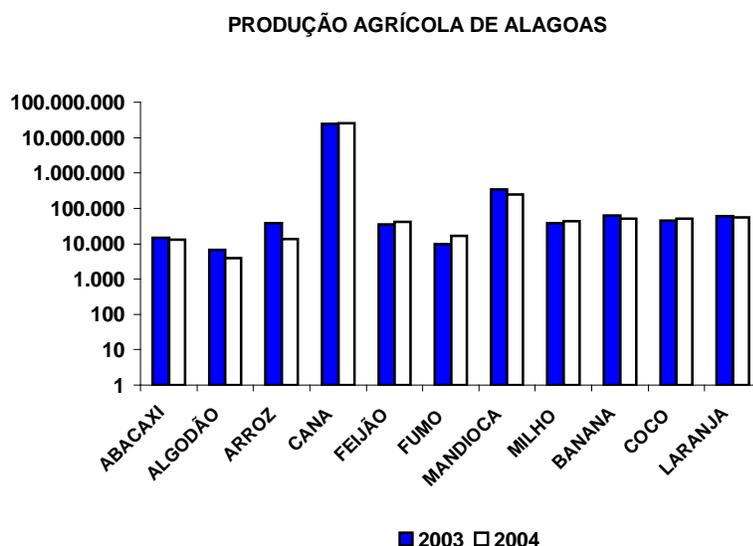
(2) Produção física em mil frutos e rendimento médio em frutas por hectare

(3) Produção física em mil cachos e rendimento médio em cachos por hectare

(4) Tabela semestral, os valores são média

# PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE ALAGOAS

2003 - 2004



A instabilidade climática ocorrida no início de 2004 induziu a oscilações na produção agrícola em relação a 2003, tanto relacionado às lavouras temporárias como permanentes. Em se tratando das lavouras temporárias, produtos como abacaxi, algodão, arroz e mandioca registraram variação negativa de 12,40%, 42,08%, 64,54% e 29,69% respectivamente. Para as lavouras permanentes, tanto a colheita da banana como laranja, também registraram redução de 18,66% e 7,86%.

Produtos como feijão, fumo, milho e cana-de-açúcar, apresentaram variação positiva de 19,18%, 69%, 11,69% e 3% respectivamente, como resultante do aumento da área plantada para o fumo, condições climáticas favoráveis e distribuição de sementes por parte do governo para feijão e milho.

No que tange às lavouras permanentes, o coque-da-baía apresentou incremento na produção na ordem de 16,05% em razão de políticas públicas de comercialização para o produto.

A estimativa para a agricultura alagoana, em relação à produção de grãos em 2005 de acordo com o Secretário Executivo de Agricultura, Irrigação, Pesca e Abastecimento do Estado de Alagoas, é de supersafra, tendo em vista a distribuição de sementes<sup>10</sup>, principalmente feijão e milho e a precipitação de chuvas de acordo com as necessidades das culturas próprias do Estado.

<sup>10</sup> Pelo governo do Estado

**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - PRODUÇÃO FÍSICA**  
**ALAGOAS**  
**2003 – 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	PRODUÇÃO FÍSICA (ton)		
	SAFRA (4)		VARIAÇÃO %
	2003	2004	
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>			
ABACAXI (2)	14.932	13.080	-12,40
ALGODÃO HERBÁCEO	6.846	3.965	-42,08
ARROZ	38.378	13.608	-64,54
CANA-DE-AÇÚCAR	24.668.279	25.408.945	3,00
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	34.706	41.363	19,18
FUMO (em folha)	9.796	16.556	69,01
MANDIOCA	346.490	243.616	-29,69
MILHO (em grão) (1ª safra)	39.023	43.585	11,69
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>			
BANANA (3)	63.102	51.326	-18,66
COCO-DA-BAÍÁ (2)	44.766	51.952	16,05
LARANJA (2)	59.458	54.782	-7,86

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - IBGE.

Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(2) Produção física em mil frutos e rendimento médio em frutas por hectare

(3) Produção física em mil cachos e rendimento médio em cachos por hectare

(4) Tabela anual, os valores são média.

**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - PRODUÇÃO FÍSICA E RENDIMENTO MÉDIO ESPERADO  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	PRODUÇÃO FÍSICA (ton )					RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)				
	SAFRA					SAFRA				
	2003	2004		VARIÇÃO (%)		2003	2004		VARIÇÃO (%)	
	(A)(*)	JUL(B)	AGO(C)	C/A	C/B	(D)(*)	JUL(E)	AGO(F)	F/D	F/E
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>										
ABACAXI	14.895	12.915	12.915	-13,29	-	20.432	20.533	20.533	0,49	-
ALGODÃO HERBÁCEO	1.377	4.050	4.754	245,24	17,38	287	500	500	74,22	-
ARROZ	11.383	12.586	12.586	10,57	-	4.721	4.011	4.011	-15,04	-
CANA-DE-AÇÚCAR	25.252.000	25.833.660	25.833.660	2,30	-	57.999	62.100	62.100	7,07	-
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	12.743	42.675	50.727	298,08	18,87	413	500	573	38,74	14,60
FUMO ( em folha)	9.304	22.715	22.715	144,14	-	884	1.192	1.192	34,84	-
MANDIOCA	289.651	174.000	235.727	-18,62	35,48	11.105	12.000	13.542	21,95	12,85
MILHO (em grão) (1ª safra)	17.020	49.425	55.440	225,73	12,17	665	730	700	5,26	-4,11
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>										
BANANA (3)	55.530	50.428	53.882	-2,97	6,85	13.765	12.122	13.360	-2,94	10,21
COCO-DA-BAÍÁ (2)	45.141	51.916	53.357	18,20	2,78	3.533	3.960	3.960	12,09	-
LARANJA (2)	54.756	54.784	54.784	0,05	-	13.940	13.940	13.940	-	-

FONTES: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola JULHO/AGOSTO / 2004 - IBGE

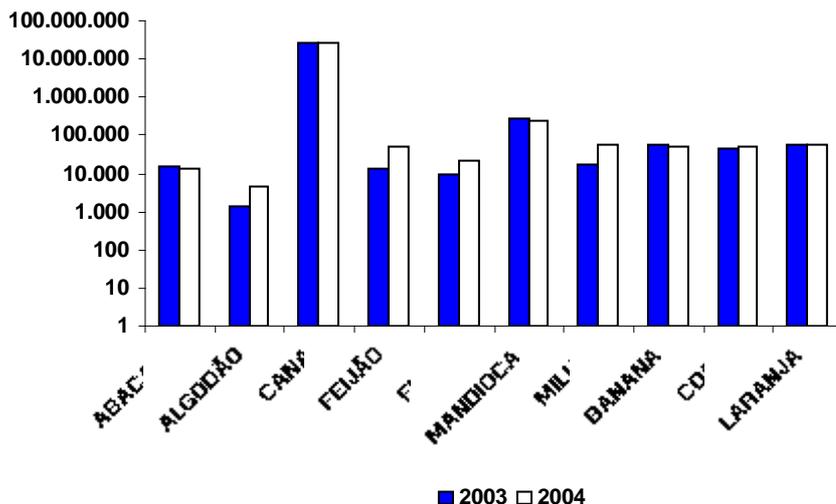
Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(2) Produção física em mil frutos e rendimento médio em frutos por hectare.

(3) Produção física em mil cachos e rendimento médio em cachos por hectare.

(\*) Situação em dezembro 2003.

**PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE ALAGOAS**



**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - PRODUÇÃO FÍSICA E RENDIMENTO MÉDIO ESPERADO  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	PRODUÇÃO FÍSICA (ton)					RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)				
	SAFRA					SAFRA				
	2003	2004		VARIÇÃO (%)		2003	2004		VARIÇÃO (%)	
	(A)(*)	SET(B)	OUT(C)	C/A	C/B	(D)(*)	SET(E)	OUT(F)	F/D	F/E
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>										
ABACAXI	14.895	12.915	12.915	-13,29	-	20.432	20.533	21.525	5,35	4,83
ALGODÃO HERBÁCEO	1.377	4.754	4.568	231,74	-3,91	287	500	450	56,79	-10,00
ARROZ	11.383	12.586	12.586	10,57	-	4.721	3.702	3.702	-21,58	-
CANA-DE-AÇÚCAR	25.252.000	25.833.660	25.833.660	2,30	-	57.999	62.100	62.100	7,07	-
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	12.743	57.219	46.306	263,38	-19,07	413	600	510	23,49	-15,00
FUMO ( em folha))	9.304	20.301	20.301	118,20	-	884	1.100	1.100	24,43	-
MANDIOCA	289.651	279.613	259.001	-10,58	-7,37	11.105	16.250	14.549	31,01	-10,47
MILHO (em grão) (1ª safra)	17.020	52.088	37.220	118,68	-28,54	665	680	549	-17,44	-19,26
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>										
BANANA (3)	55.530	53.882	50.015	-9,93	-7,18	13.765	13.360	12.401	-9,91	-7,18
COCO-DA-BAÍA (2)	45.141	53.357	53.357	18,20	-	3.533	3.960	3.960	12,09	-
LARANJA (2)	54.756	54.784	54.784	0,05	-	13.940	13.940	13.940	-	-

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola SETEMBRO/OUTUBRO / 2004 - IBGE

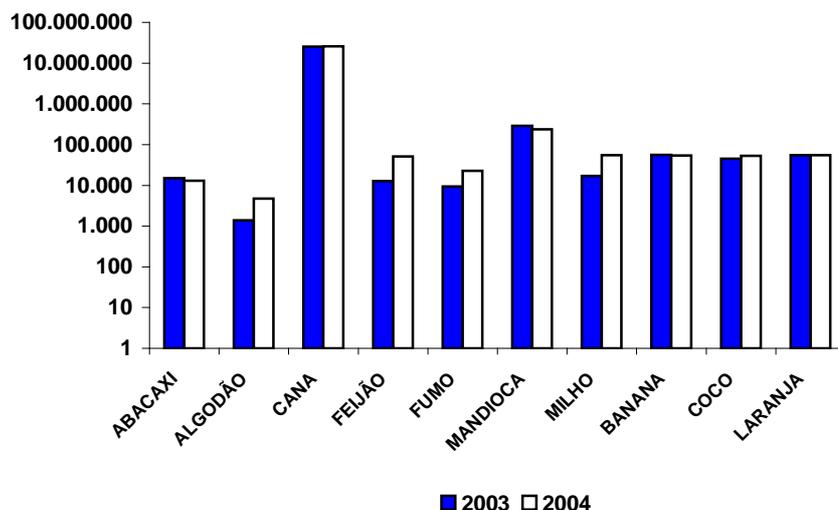
Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(2) Produção física em mil frutos e rendimento médio em frutos por hectare.

(3) Produção física em mil cachos e rendimento médio em cachos por hectare.

(\*) Situação em dezembro 2003.

**PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE ALAGOAS**



**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - PRODUÇÃO FÍSICA E RENDIMENTO MÉDIO OBTIDO**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	PRODUÇÃO FÍSICA (ton)					RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)				
	SAFRA					SAFRA				
	2003	2004		VARIÇÃO (%)		2003	2004		VARIÇÃO (%)	
	(A)(*)	NOV(B)	DEZ(C)	C/A	C/B	(D)(*)	NOV(E)	DEZ(F)	F/D	F/E
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>										
ABACAXI	14.895	12.915	12.915	-13,29	-	20.432	21.525	21.525	5,35	-
ALGODÃO HERBÁCEO	1.377	4.568	3.260	136,75	-28,63	287	450	390	35,89	-13,33
ARROZ	11.383	12.586	12.586	10,57	-	4.721	3.702	3.702	-21,58	-
CANA-DE-AÇÚCAR	25.252.000	25.833.660	24.030.000	-4,84	-6,98	57.999	62.100	60.000	3,45	-3,38
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	12.743	46.306	39.314	208,51	-15,10	413	510	460	11,38	-9,80
FUMO (em folha)	9.304	20.301	20.301	118,20	-	884	1.100	1.100	24,43	-
MANDIOCA	289.651	259.001	259.001	-10,58	-	11.105	14.549	14.549	31,01	-
MILHO (em grão) (1ª safra)	17.020	37.220	37.220	118,68	-	665	549	549	-17,44	-
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>										
BANANA (3)	55.530	50.015	50.015	-9,93	-	13.765	12.401	12.401	-9,91	-
COCO-DA-BAÍÁ (2)	45.141	53.357	53.357	18,20	-	3.533	3.960	3.960	12,09	-
LARANJA (2)	54.756	54.784	54.784	0,05	-	13.940	13.940	13.940	-	-

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola NOVEMBRO/DEZEMBRO / 2004 - IBGE

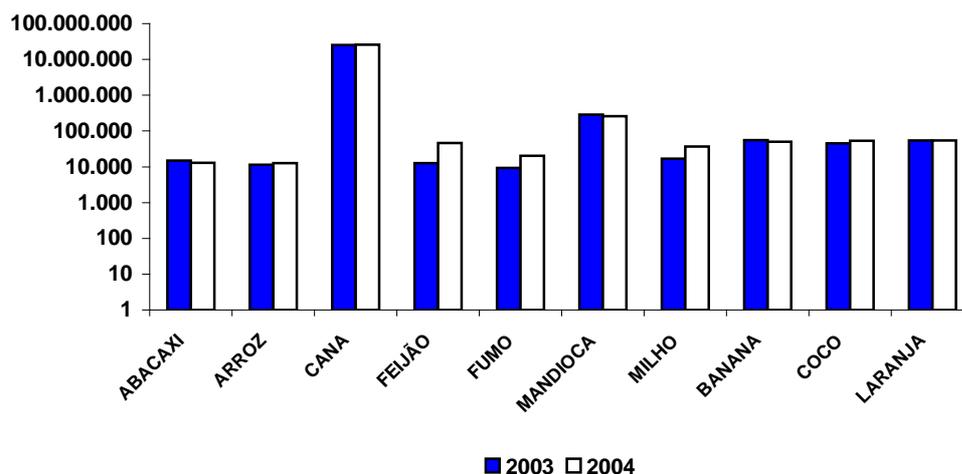
Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(2) Produção física em mil frutos e rendimento médio em frutos por hectare.

(3) Produção física em mil cachos e rendimento médio em cachos por hectare.

(\*) Situação em dezembro 2003.

**PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE ALAGOAS**



**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - ÁREA TOTAL PLANTADA E ÁREA A SER COLHIDA**
**ALAGOAS**
**2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	ÁREA TOTAL PLANTADA (ha)					ÁREA A SER COLHIDA (ha)				
	SAFRA					SAFRA				
	2003	2004		VARIÇÃO (%)		2003	2004		VARIÇÃO (%)	
	(A)(*)	JUL(B)	AGO(C)	C/A	C/B	(D)(*)	JUL(E)	AGO(F)	F/D	F/E
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>										
ABACAXI	729	1.110	1.110	52,26	-	729	629	629	-13,72	-
ALGODÃO HERBÁCEO	8.977	8.100	9.509(**)	5,93	17,40	4.798	8.100	9.509	98,19	17,40
ARROZ	2.545	3.138	3.138(**)	23,30	-	2.411	3.138	3.138	30,15	-
CANA-DE-AÇÚCAR	435.385	497.370	497.370	14,24	-	435.385	416.000	416.000	-4,45	-
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	60.936	85.350	88.544(**)	45,31	3,74	30.827	85.350	88.544	187,23	3,74
FUMO (em folha)	10.618	19.056	19.056(**)	79,47	-	10.525	19.056	19.056	81,05	-
MANDIOCA	26.100	27.700	35.211	34,91	27,12	26.083	14.500	17.407	-33,26	20,05
MILHO (em grão) (1ª safra)	56.361	67.750	79.200(**)	40,52	16,90	25.595	67.750	79.200	209,44	16,90
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>										
BANANA	5.274	5.320	5.320	0,87	-	4.034	4.160	4.033	-0,02	-3,05
COCO-DA-BAÍÁ	12.777	13.850	13.850	8,40	-	12.777	13.110	13.474	5,46	2,78
LARANJA	4.449	4.460	4.460	0,25	-	3.928	3.930	3.930	0,05	-

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola JULHO/AGOSTO / 2004 - IBGE

Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(\*\*) Refere-se a área plantada

(\*) Situação em dezembro de 2003.

**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - ÁREA TOTAL PLANTADA E ÁREA A SER COLHIDA**
**ALAGOAS**
**2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	ÁREA TOTAL PLANTADA (ha)					ÁREA A SER COLHIDA (ha)				
	SAFRA					SAFRA				
	2003	2004		VARIÇÃO (%)		2003	2004		VARIÇÃO (%)	
	(A)(*)	SET(B)	OUT(C)	C/A	C/B	(D)(*)	SET(E)	OUT(F)	F/D	F/E
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>										
ABACAXI	729	1.110	1.080	48,15	-2,70	729	629	600	-17,70	-4,61
ALGODÃO HERBÁCEO	8.977	9.509	10.449(**)	16,40	9,89	4.798	9.509	10.149	111,53	6,73
ARROZ	2.545	3.400	3.400(**)	33,60	-	2.411	3.400	3.400	41,02	-
CANA-DE-AÇÚCAR	435.385	497.370	497.370	14,24	-	435.385	416.000	416.000	-4,45	-
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	60.936	95.366	95.575(**)	56,84	0,22	30.827	95.366	90.797	194,54	-4,79
FUMO (em folha)	10.618	19.056	19.056(**)	79,47	-	10.525	18.456	18.456	75,35	-
MANDIOCA	26.100	35.211	39.410	51,00	11,93	26.083	17.207	17.802	-31,75	3,46
MILHO (em grão) (1ª safra)	56.361	79.200	79.616(**)	41,26	0,53	25.595	76.600	67.793	164,87	-11,50
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>										
BANANA	5.274	5.320	5.320	0,87	-	4.034	4.033	4.033	-0,02	-
COCO-DA-BAÍÁ	12.777	13.850	13.850	8,40	-	12.777	13.474	13.474	5,46	-
LARANJA	4.449	4.460	4.780	7,44	7,17	3.928	3.930	3.930	0,05	-

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola SETEMBRO/OUTUBRO / 2004 - IBGE

Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(\*\*) Refere-se a área plantada

(\*) Situação em dezembro de 2003.

**SITUAÇÃO DAS LAVOURAS - ÁREA TOTAL PLANTADA E ÁREA COLHIDA**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

PRODUTOS DO LSPA(1)	ÁREA TOTAL PLANTADA (ha)					ÁREA COLHIDA (ha)				
	SAFRA					SAFRA				
	2003	2004		VARIÇÃO (%)		2003	2004		VARIÇÃO (%)	
	(A)(*)	NOV(B)	DEZ(C)	C/A	C/B	(D)(*)	NOV(E)	DEZ(F)	F/D	F/E
<b>LAVOURAS TEMPORÁRIAS</b>										
ABACAXI	729	1.080	1.080	48,15	-	729	600	600	-17,70	-
ALGODÃO HERBÁCEO	8.977	10.449	10.449(**)	16,40	-	4.798	10.149	8.359	74,22	-17,64
ARROZ	2.545	3.400	3.400(**)	33,60	-	2.411	3.400	3.400	41,02	-
CANA-DE-AÇÚCAR	435.385	497.370	480.000	10,25	-3,49	435.385	416.000	400.500	-8,01	-3,73
FEIJÃO ( em grão ) (2ª safra)	60.936	95.575	95.575(**)	56,84	-	30.827	90.797	85.466	177,24	-5,87
FUMO ( em folha)	10.618	19.056	19.056(**)	79,47	-	10.525	18.456	18.456	75,35	-
MANDIOCA	26.100	39.410	39.410	51,00	-	26.083	17.802	17.802	-31,75	-
MILHO (em grão) (1ª safra)	56.361	79.616	79.616(**)	41,26	-	25.595	67.793	67.793	164,87	-
<b>LAVOURAS PERMANENTES</b>										
BANANA	5.274	5.320	5.320	0,87	-	4.034	4.033	4.033	-0,02	-
COCO-DA-BAÍÁ	12.777	13.850	13.850	8,40	-	12.777	13.474	13.474	5,46	-
LARANJA	4.449	4.780	4.780	7,44	-	3.928	3.930	3.930	0,05	-

FONTE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola NOVEMBRO/DEZEMBRO / 2004 - IBGE

Notas: (1) Relação de produtos pesquisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

(\*\*) Refere-se a área plantada

(\*) Situação em dezembro de 2003.

# ATIVIDADE INDUSTRIAL

## PRODUÇÃO DA AGROINDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA

Nas últimas safras conforme dados do DATAGRO, a produção brasileira de cana-de-açúcar registrou um crescimento constante<sup>11</sup>. Na safra 2003/2004 foram produzidas 358.610 milhões de toneladas.

Entretanto, em Alagoas nas referidas safras, problemas climáticos contribuíram para oscilações negativas no volume de cana moída. Na safra 2003/2004 voltou a representar crescimento produzindo 28.786.884 toneladas<sup>12</sup>.

Em se tratando da produção de açúcar, Alagoas começou a produzir VHP na safra 2003/2004. A fabricação desse tipo de açúcar se deu, como forma de melhor atender o mercado e conquistar espaços<sup>13</sup>.

O VHP é semelhante ao demerara, só que com uma quantidade de sacarose mais alta. Pode-se considerar que a fabricação do VHP foi exigência do mercado externo, principalmente de países do Oriente Médio.

Essa diversificação produtiva é importante não só para o segmento sucroalcooleiro, como para a economia alagoana, no sentido de que Alagoas passa a atender a preferência de outros consumidores e em crises que possam ocorrer, presume-se que não serão de grandes proporções os danos, tanto para o setor exportador alagoano, como em relação a captação de divisas para o Estado.

---

<sup>11</sup> Safras: 2000/2001 = 257.969; 2001/2002 = 291.924; 2002/2003 = 320.683; 2003/2004 = 358.610 (milhões de toneladas).

<sup>12</sup> Safras: 2000/2001 = 25.198.249; 2001/2002 = 23.805.138; 2002/2003 = 23.397.149; 2003/2004 = 28.786.884.

<sup>13</sup> São Paulo já produz o VHP há alguns anos e Alagoas já estava perdendo espaço no mercado para o açúcar paulista.

## SALGEMA

Em 2004 a produção da Braskem totalizou 2.804.198 toneladas, verificando-se um aumento de 7,5% em relação ao ano de 2003.

As exportações da empresa também cresceram em 2004. As vendas para o exterior representaram uma receita líquida de US\$ 710 milhões, ficando 15% acima dos valores negociados em 2003. Os principais importadores dos derivados do salgema são: América do Norte (43%), Europa (22%), América do Sul (22%), Ásia e Oriente Médio (13%)<sup>14</sup>.

Diante do aumento da comercialização dos produtos, a Braskem triplicou seus lucros e fechou 2004 com uma margem de R\$ 691 milhões – um aumento de 221% em relação ao ano de 2003.

Em Alagoas a produção de Dicloroetano apresentou variação positiva de 14,59% no 2º semestre de 2004 em relação ao mesmo período de 2003, em virtude do aumento do consumo externo, tendo o Japão como principal comprador. Em relação a produção de Policloreto de vinila ocorreu redução de 14,92% em razão da diminuição na demanda pelo produto. Quanto à Soda Evaporação, observa-se pequena oscilação positiva de 0,98% na produção.

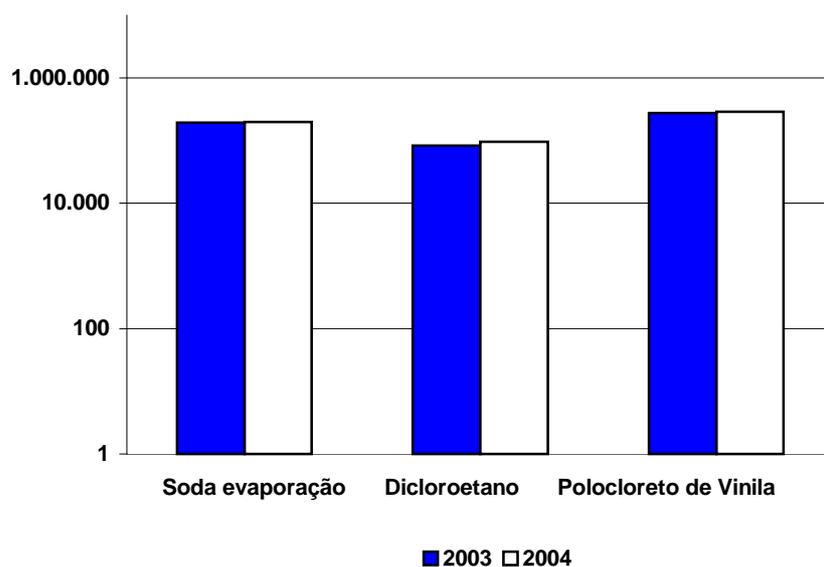
A redução na produção do Policloreto de vinila no segundo semestre de 2004 (14,92%) interfere negativamente no resultado anual, mesmo com o incremento de 17,41% alcançado no primeiro semestre tendo em vista desaceleração econômica ocorrida no final do ano. Para o Dicloroetano, o aumento da produção de 14,59% no segundo semestre de 2004, praticamente neutraliza o desempenho negativo ocorrido na produção do primeiro semestre do mesmo ano.

Em se tratando da produção física comercializada dos derivados do salgema em 2004, verifica-se aumento na produção de Soda Evaporação de 4,45% e pequena oscilação negativa para o Policloreto de vinila e Dicloroetano, 0,33% e 1,58%, respectivamente.

---

<sup>14</sup> Gazeta de Alagoas, Caderno Nacional, p.A9, 17.02.2005.

**PRODUÇÃO FÍSICA COMERCIALIZADA DOS DERIVADOS DO  
SALGEMA SEGUNDO O DESTINO**



**PRODUÇÃO FÍSICA COMERCIALIZADA DOS DERIVADOS DO SALGEMA, SEGUNDO O DESTINO  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

MERCADO	PRODUÇÃO (ton.)								
	Soda Evaporação			Dicloroetano			Policloreto de Vinila		
	2º Semestre			2º Semestre			2º Semestre		
	2003	2004	Var %	2003	2004	Var %	2003	2004	Var %
Interno	194.997	196.912	0,98	-	-		102.581	86.204	-15,96
Externo	-	-		83.256	95.399	14,59	2.975	3.608	21,28
<b>Total</b>	<b>194.997</b>	<b>196.912</b>	<b>0,98</b>	<b>83.256</b>	<b>95.399</b>	<b>14,59</b>	<b>105.556</b>	<b>89.812</b>	<b>-14,92</b>

Fonte: Braskem

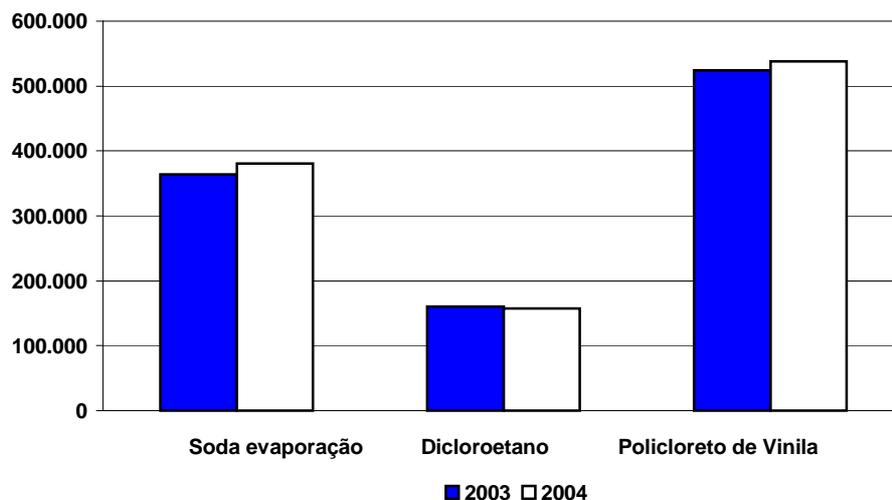
Nota: Dados trabalhados pela SEPLAN

**PRODUÇÃO FÍSICA COMERCIALIZADA DOS DERIVADOS DO SALGEMA  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

MÊS	PRODUÇÃO (ton.)											
	SODA EVAPORAÇÃO				DICLOROETANO				POLICLORETO DE VINILA			
	MERC. INT.(A)	MERC. EXT. (B)	TOTAL A+B	VAR. % 2004/03	MERC. INT.(C)	MERC. EXT. (D)	TOTAL C+D	VAR. % 2004/03	MERC. INT.(E)	MERC. EXT. (F)	TOTAL E+F	VAR. % 2004/03
<b>2003</b>												
JANEIRO	25.383	-	25.383	-	-	9.784	9.784	-	16.136	3	16.139	-
FEVEREIRO	28.112	-	28.112	-	-	23.528	23.528	-	21.584	77	21.661	-
MARÇO	31.339	-	31.339	-	-	10.500	10.500	-	14.585	-	14.585	-
ABRIL	27.686	-	27.686	-	-	9.840	9.840	-	8.480	-	8.480	-
MAIO	31.221	-	31.221	-	-	4.268	4.268	-	10.051	52	10.103	-
JUNHO	25.544	-	25.544	-	-	18.955	18.955	-	15.820	25	15.845	-
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>169.285</b>	<b>-</b>	<b>169.285</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>76.875</b>	<b>76.875</b>	<b>-</b>	<b>86.656</b>	<b>157</b>	<b>86.813</b>	<b>-</b>
JULHO	40.308	-	40.308	-	-	10.514	10.514	-	17.433	-	17.433	-
AGOSTO	28.175	-	28.175	-	-	10.495	10.495	-	18.592	848	19.440	-
SETEMBRO	33.451	-	33.451	-	-	12.045	12.045	-	22.538	248	22.786	-
OUTUBRO	32.626	-	32.626	-	-	9.861	9.861	-	17.315	746	18.061	-
NOVEMBRO	27.129	-	27.129	-	-	19.339	19.339	-	14.470	438	14.908	-
DEZEMBRO	33.308	-	33.308	-	-	21.000	21.000	-	12.233	695	12.928	-
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>194.997</b>	<b>-</b>	<b>194.997</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>83.254</b>	<b>83.254</b>	<b>-</b>	<b>102.581</b>	<b>2.975</b>	<b>105.556</b>	<b>-</b>
<b>ANUAL</b>	<b>364.282</b>	<b>-</b>	<b>364.282</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>160.129</b>	<b>160.129</b>	<b>-</b>	<b>189.237</b>	<b>3.132</b>	<b>192.369</b>	<b>-</b>
<b>2004</b>												
JANEIRO	30.777	-	30.777	21,25	-	17.068	17.068	74,45	19.758	-	19.758	22,42
FEVEREIRO	28.239	-	28.239	0,45	-	10.023	10.023	-57,40	14.140	204	14.344	-33,78
MARÇO	30.832	-	30.832	-1,62	-	16.337	16.337	55,59	15.792	130	15.922	9,17
ABRIL	28.857	-	28.857	4,23	-	8.567	8.567	-12,94	11.545	312	11.857	39,82
MAIO	27.692	-	27.692	-11,30	-	1.401	1.401	-67,17	21.308	826	22.134	119,08
JUNHO	37.172	-	37.172	45,52	-	8.809	8.809	-53,53	17.396	520	17.916	13,07
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>183.569</b>	<b>-</b>	<b>183.569</b>	<b>8,44</b>	<b>-</b>	<b>62.205</b>	<b>62.205</b>	<b>-19,08</b>	<b>99.939</b>	<b>1.992</b>	<b>101.931</b>	<b>17,41</b>
JULHO	28.523	-	28.523	-29,24	-	8.569	8.569	-18,50	16.086	832	16.918	-2,95
AGOSTO	37.513	-	37.513	33,14	-	8.899	8.899	-15,21	18.127	150	18.277	-5,98
SETEMBRO	34.732	-	34.732	3,83	-	19.052	19.052	58,17	17.049	130	17.179	-24,61
OUTUBRO	34.800	-	34.800	6,66	-	17.239	17.239	74,82	15.779	702	16.481	-8,75
NOVEMBRO	30.175	-	30.175	11,23	-	14.217	14.217	-26,49	10.457	702	11.159	-25,15
DEZEMBRO	31.169	-	31.169	-6,42	-	27.423	27.423	30,59	8.706	1.092	9.798	-24,21
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>196.912</b>	<b>-</b>	<b>196.912</b>	<b>0,98</b>	<b>-</b>	<b>95.399</b>	<b>95.399</b>	<b>14,59</b>	<b>86.204</b>	<b>3.608</b>	<b>89.812</b>	<b>-14,92</b>
<b>ANUAL</b>	<b>380.481</b>	<b>-</b>	<b>380.481</b>	<b>4,45</b>	<b>-</b>	<b>157.604</b>	<b>157.604</b>	<b>-1,58</b>	<b>186.143</b>	<b>5.600</b>	<b>191.743</b>	<b>-0,33</b>

Fonte: Braskem

**PRODUÇÃO FÍSICA COMERCIALIZADA DOS DERIVADOS DO SALGEMA  
SEGUNDO O DESTINO**



**PRODUÇÃO FÍSICA COMERCIALIZADA DOS DERIVADOS DO SALGEMA, SEGUNDO O DESTINO  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

MERCADO	PRODUÇÃO (ton.)								
	Soda Evaporação			Dicloroetano			Policloreto de Vinila		
	ANUAL			ANUAL			ANUAL		
	2003	2004	Var %	2003	2004	Var %	2003	2004	Var %
Interno	364.282	380.481	4,45	-	-		189.237	186.143	-1,63
Externo	-	-		160.129	157.604	-1,58	3.132	5.600	78,80
<b>Total</b>	<b>364.282</b>	<b>380.481</b>	<b>4,45</b>	<b>160.129</b>	<b>157.604</b>	<b>-1,58</b>	<b>192.369</b>	<b>191.743</b>	<b>-0,33</b>

Fonte: Braskem

Nota: Dados trabalhados pela SEPLAN

## PRODUÇÃO FÍSICA DOS DERIVADOS DO SALGEMA

### ALAGOAS

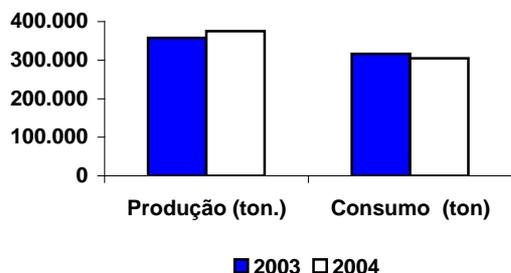
2003 - 2004

MÊS	PRODUÇÃO (ton.)					
	SODA EVAPORAÇÃO		DICLOROETANO		POLICLORETO DE VINILA	
	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %
<b>2003</b>						
JANEIRO	36.183	-	43.247	-	16.241	-
FEVEREIRO	23.191	-	26.707	-	15.282	-
MARÇO	25.743	-	31.974	-	16.945	-
ABRIL	33.537	-	40.869	-	11.529	-
MAIO	29.180	-	35.245	-	16.184	-
JUNHO	35.802	-	45.116	-	15.141	-
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>183.636</b>	<b>-</b>	<b>223.158</b>	<b>-</b>	<b>91.322</b>	<b>-</b>
JULHO	35.875	-	44.822	-	17.282	-
AGOSTO	37.539	-	45.995	-	17.146	-
SETEMBRO	33.868	-	42.491	-	16.965	-
OUTUBRO	33.617	-	43.414	-	17.226	-
NOVEMBRO	33.437	-	36.603	-	16.486	-
DEZEMBRO	28.995	-	38.540	-	15.706	-
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>203.331</b>	<b>-</b>	<b>251.865</b>	<b>-</b>	<b>100.811</b>	<b>-</b>
<b>ANUAL</b>	<b>386.967</b>	<b>-</b>	<b>475.023</b>	<b>-</b>	<b>192.133</b>	<b>-</b>
<b>2004</b>						
JANEIRO	31.649	-12,53	39.934	-7,66	17.091	5,23
FEVEREIRO	28.747	23,96	35.025	31,15	10.128	-33,73
MARÇO	34.086	32,41	34.281	7,22	17.557	3,61
ABRIL	31.647	-5,64	41.886	2,49	16.467	42,83
MAIO	33.703	15,50	42.907	21,74	17.804	10,01
JUNHO	34.891	-2,54	40.899	-9,35	16.625	9,80
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>194.723</b>	<b>6,04</b>	<b>234.932</b>	<b>5,28</b>	<b>95.672</b>	<b>4,76</b>
JULHO	38.310	6,79	44.269	-1,23	18.137	4,95
AGOSTO	38.023	1,29	44.129	-4,06	17.351	1,20
SETEMBRO	35.438	4,64	42.500	0,02	17.009	0,26
OUTUBRO	36.347	8,12	45.452	4,69	18.233	5,85
NOVEMBRO	35.240	5,39	41.532	13,47	15.677	-4,91
DEZEMBRO	38.018	31,12	43.012	11,60	7.928	-49,52
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>221.376</b>	<b>8,87</b>	<b>260.894</b>	<b>3,58</b>	<b>94.335</b>	<b>-6,42</b>
<b>ANUAL</b>	<b>416.099</b>	<b>7,53</b>	<b>495.826</b>	<b>4,38</b>	<b>190.007</b>	<b>-1,11</b>

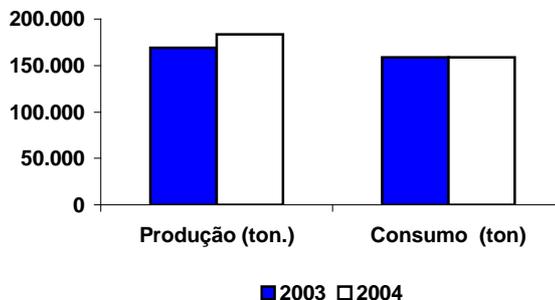
FONTE: BRASKEM

## CIMENTO

**PRODUÇÃO E CONSUMO ANUAL DE CIMENTO PORTLAND**



**PRODUÇÃO E CONSUMO SEMESTRAL DE CIMENTO PORTLAND**



Por falta de liberação de emendas orçamentárias em nível nacional, houve uma queda de 70% nas obras públicas durante o ano de 2004. Por outro lado, o mercado imobiliário privado apresentou crescimento, influenciando diretamente no mercado de cimento de Alagoas que cresceu na mesma proporção da média nacional, com um incremento de 30% no setor.

Como reflexo, na produção e consumo de cimento em Alagoas no 2º semestre de 2004, verifica-se aumento da ordem de 8,27% para a produção e 0,09% para o consumo em relação a 2003. Como resultado anual, verifica-se incremento de 4,74% na produção e redução de 3,67% para consumo, em relação a 2003.

### PRODUÇÃO E CONSUMO DE CIMENTO PORTLAND

#### ALAGOAS

2003 - 2004

CIMENTO PORTLAND	2º SEMESTRE		VARIÇÃO 2004/2003	ANUAL		VARIÇÃO 2004/2003
	2003	2004		2003	2004	
Produção (ton.)	169.260	183.259	8,27	357.921	374.869	4,74
Consumo (ton.)	158.890	159.031	0,09	316.142	304.535	-3,67

FONTE: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento.

**PRODUÇÃO E CONSUMO DE CIMENTO PORTLAND  
ALAGOAS  
2003 – 2004**

MÊS	PRODUÇÃO ( ton.)		CONSUMO (ton)	
	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %
<b>2003</b>				
JANEIRO	33.149	-6,17	30.109	7,20
FEVEREIRO	32.871	1,12	27.684	8,36
MARÇO	38.546	2,83	26.534	-5,27
ABRIL	29.823	-22,51	25.109	-19,53
MAIO	33.959	3,76	25.171	-8,26
JUNHO	20.313	-14,92	22.645	-6,93
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>188.661</b>	<b>-5,86</b>	<b>157.252</b>	<b>-4,47</b>
JULHO	26.639	-16,53	24.689	-13,91
AGOSTO	27.774	-20,78	23.364	-22,08
SETEMBRO	27.544	-25,09	26.382	-10,82
OUTUBRO	28.472	-28,99	26.634	-22,40
NOVEMBRO	31.064	-15,36	27.789	-19,65
DEZEMBRO	27.767	-24,53	30.032	-9,53
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>169.260</b>	<b>-22,12</b>	<b>158.890</b>	<b>-16,53</b>
<b>ANUAL</b>	<b>357.921</b>	<b>-14,32</b>	<b>316.142</b>	<b>-10,94</b>
<b>2004</b>				
JANEIRO	26.577	-19,83	24.166	-19,74
FEVEREIRO	23.924	-27,22	21.774	-21,35
MARÇO	30.086	-21,95	28.228	6,38
ABRIL	28.216	-5,39	25.525	1,66
MAIO	41.232	21,42	26.207	4,12
JUNHO	41.575	104,67	19.604	-13,43
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>191.610</b>	<b>1,56</b>	<b>145.504</b>	<b>-7,47</b>
JULHO	27.899	4,73	25.229	2,19
AGOSTO	31.828	14,60	22.412	-4,07
SETEMBRO	26.481	-3,86	27.370	3,74
OUTUBRO	38.185	34,11	26.452	-0,68
NOVEMBRO	26.087	-16,02	26.598	-4,29
DEZEMBRO	32.779	18,05	30.970	3,12
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>183.259</b>	<b>8,27</b>	<b>159.031</b>	<b>0,09</b>
<b>ANUAL</b>	<b>374.869</b>	<b>4,74</b>	<b>304.535</b>	<b>-3,67</b>

FONTE: Sindicato Nacional da Indústria de Cimento.

## SERVIÇOS

### TURISMO

Quatro milhões e noventa mil turistas estrangeiros vieram ao Brasil em 2003, número 8,12% maior que o registro em 2002, quando o país recebeu 3,78 milhões. O resultado ainda está abaixo do recorde de 5,31 milhões registrado em 2000, mas representa um retorno ao patamar de 2001 – ano dos atentados terroristas nos EUA -, quando 4,77 milhões de pessoas visitaram o Brasil.

De acordo com o Banco Central, em 2004 o saldo de viagens internacionais ficou positivo em US\$ 351 milhões, 61% maior do que em 2003, quando esse valor foi de US\$ 218 milhões<sup>15</sup>.

Como política do governo federal objetivando crescimento da atividade turística no país, a introdução do programa de regionalização para desenvolver e promover novos destinos e produtos turísticos pode ser considerado um avanço para o segmento turístico no Brasil.

Em Alagoas as secretarias municipais e estadual do turismo, junto com o presidente do *Maceió Convention Visitors Bureau* (MCVB) e presidente da Associação Brasileira da Indústria e Hotéis, vem buscando aumento de vôos *charters* de Portugal, Chile, Itália e Argentina, justificando o resultado positivo do segmento turístico em 2004. A divulgação de atrativos turísticos em Alagoas nas feiras internacionais e nas agências de viagens e propagandas na televisão, vem contribuindo também para que ocorra uma variação positiva na taxa de ocupação hoteleira em 2004, de 15,5% em relação à 2003, tendo como consequência aumento de 8,44% na geração de diárias no mesmo período.

A qualidade dos serviços pode ser um diferencial decisivo para atrair mais turistas, por isso, hoteleiros, agentes de viagem, alunos e professores de curso de turismo, barraqueiros, jangadeiros, donos

de bares e restaurantes de Maceió, participam com frequência de jornadas de Qualificação Profissional, promovida pela Secretaria Executiva de Turismo.

No sentido de promover a atividade, segundo a secretária adjunta de Turismo, Petrolina Lyra, Alagoas vai trabalhar com três novos produtos turísticos: A rota do Charme no litoral norte; Penedo e Maceió, com o Pontal da Barra e a Piscina Natural.

Em se tratando da capacidade hoteleira do Estado, a Secretaria Executiva do Turismo, informa que Alagoas conta com uma oferta hoteleira e extra hoteleira de mais de 300 estabelecimentos, com um total de 9.867 UHs e 26.147 leitos. Desse total, Maceió dispõe de 5.256 UHs e 14.585 leitos respectivamente. Também vale destacar que em 2004 Alagoas registrou um fluxo de turistas de 1.427.883, ficando a capital com 951.922, gerando renda no total de R\$1.644.664.270.

Para 2005, o segmento hoteleiro alagoano está bastante otimista no sentido de aumentar a taxa de ocupação, objetivando alcançar 16% de incremento.

A hotelaria na capital, será contemplada com mais 300 apartamentos distribuídos pela unidade ocupada anteriormente pelo Hotel do Sol, a reabertura do Hotel Pajuçara Othon e um hotel no bairro de Cruz das Almas, além do aeroporto internacional e do centro cultural e de exposições de Maceió que contribuirão para oferecer boas perspectivas para o turismo alagoano em 2005.

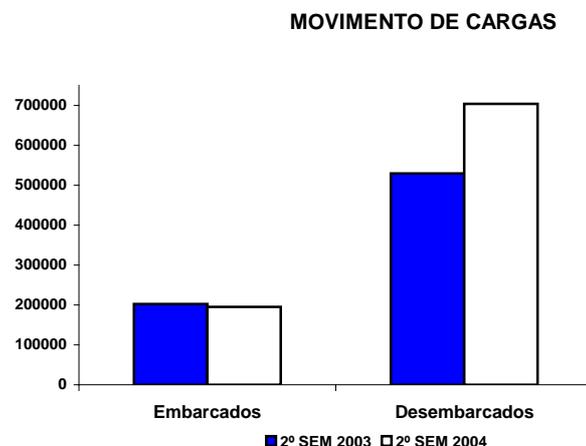
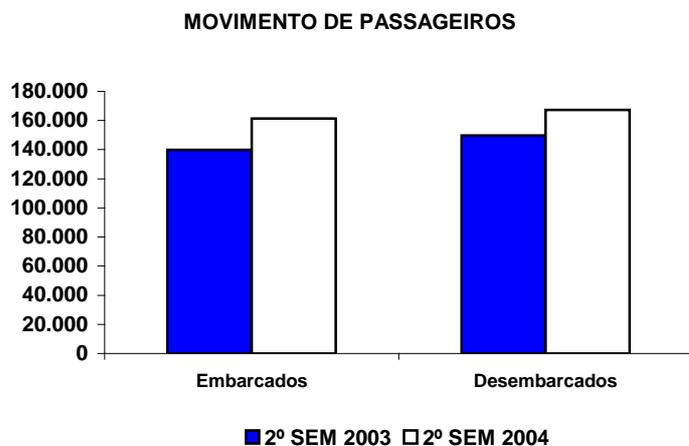
<sup>15</sup> O Jornal, 31.03.2005, Caderno Turismo &Lazer, p.2.

**INDICADORES DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM CLASSIFICADOS E NÃO CLASSIFICADOS**  
**MACEIÓ**  
**2003 – 2004**

MÊS	TAXA DE OCUPAÇÃO DE UNIDADES HABITACIONAIS		FLUXO DE ENTRADA DE HÓSPEDES		PERMANÊNCIA MÉDIA		GERAÇÃO DE DIÁRIAS	
	TAXA	VAR. % 2004/2003	Nº de hóspedes	VAR. % 2004/2003	DIAS	VAR. % 2004/2003	Nº de Diárias	VAR. % 2004/2003
<b>2003</b>								
JANEIRO	78,9	-6,52	44.306	11,28	3,7	-15,91	163.649	-6,20
FEVEREIRO	48,6	-19,00	24.325	-13,83	3,3	-15,38	79.507	-26,95
MARÇO	49,4	-5,18	25.121	-18,75	3,7	15,63	92.588	-6,12
ABRIL	46,1	-9,96	29.219	-7,39	3,0	7,14	86.953	-0,68
MAIO	34,6	-26,69	20.274	-33,34	3,1	10,71	62.943	-25,26
JUNHO	40,4	-14,41	22.293	-17,87	3,4	21,43	75.774	1,51
<b>1º SEM (média)</b>	<b>49,7</b>	<b>-13,63</b>	<b>27.590</b>	<b>-13,32</b>	<b>3,4</b>	<b>3,94</b>	<b>93.569</b>	<b>-10,62</b>
JULHO	64,1	1,91	34.863	-2,91	4,0	11,11	140.219	10,00
AGOSTO	52,2	1,95	28.150	-10,47	3,4	30,77	93.834	12,82
SETEMBRO	54,9	8,93	28.650	6,53	3,5	6,06	161.922	83,51
OUTUBRO	56,2	-3,27	32.429	-2,72	3,3	-5,71	105.411	-8,50
NOVEMBRO	59,3	-4,97	30.251	-17,06	4,0	21,21	122.908	1,76
DEZEMBRO	67,4	19,50	37.877	18,32	3,7	2,78	140.770	23,98
<b>2º SEM (média)</b>	<b>59,0</b>	<b>4,01</b>	<b>32.037</b>	<b>-1,39</b>	<b>3,7</b>	<b>11,04</b>	<b>127.511</b>	<b>20,60</b>
<b>ANUAL(média)</b>	<b>54,3</b>	<b>-4,81</b>	<b>29.813</b>	<b>-7,36</b>	<b>3,5</b>	<b>7,49</b>	<b>110.540</b>	<b>4,99</b>
<b>2004</b>								
JANEIRO	87,2	10,52	40.084	-9,53	4,5	21,62	179.454	9,66
FEVEREIRO	64,9	33,54	27.583	13,39	4,2	27,27	114.347	43,82
MARÇO	53,1	7,49	27.596	9,85	3,6	-2,70	99.460	7,42
ABRIL	55,5	20,39	29.864	2,21	3,5	16,67	103.609	19,16
MAIO	49,7	43,64	27.170	34,01	3,1	0,00	82.898	31,70
JUNHO	47,6	17,82	26.225	17,64	3,2	-5,88	83.816	10,61
<b>1º SEM (média)</b>	<b>59,7</b>	<b>22,23</b>	<b>29.754</b>	<b>11,26</b>	<b>3,7</b>	<b>9,50</b>	<b>110.597</b>	<b>20,40</b>
JULHO	70,0	9,20	34.727	-0,39	4,3	7,50	150.253	7,16
AGOSTO	54,8	4,98	29.561	5,01	3,3	-2,94	97.558	3,97
SETEMBRO	60,1	9,47	31.161	8,76	3,5	0,00	107.859	-33,39
OUTUBRO	65,5	16,55	32.025	-1,25	3,7	12,12	118.861	12,76
NOVEMBRO	67,9	14,50	34.454	13,89	3,4	-15,00	116.716	-5,04
DEZEMBRO	66,0	-2,08	32.418	-14,41	4,1	10,81	131.576	-6,53
<b>2º SEM (média)</b>	<b>64,1</b>	<b>8,77</b>	<b>32.391</b>	<b>1,94</b>	<b>3,7</b>	<b>2,08</b>	<b>120.471</b>	<b>-3,51</b>
<b>ANUAL(média)</b>	<b>61,9</b>	<b>15,50</b>	<b>31.072</b>	<b>6,60</b>	<b>3,7</b>	<b>5,79</b>	<b>115.534</b>	<b>8,44</b>

FONTE: Secretaria de Turismo – SETURES

# TRANSPORTE



## Transporte Aeroportuário

Os desembarques em vôos internacionais em 2004 no Brasil<sup>16</sup> chegaram a 6.138.217, quantidade 11,54% superior ao do ano de 1998, que havia sido o melhor da história da aviação brasileira, quando foram registrados 5.502.966 passageiros.

A Infraero – Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária, também contabilizou aumento significativo nos vôos *charters*, outro resultado excepcional para o turismo brasileiro, já que estes fretes transportam exclusivamente turistas estrangeiros. Foram 327.273 desembarques nos últimos 12 meses, volume 90,11% maior que o registrado em 2003 (172.150) passageiros.

O diretor de Estudos e Pesquisas da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo). Afirma que os números já comprovam um aumento na oferta de assentos de vôos internacionais para o Brasil. Já são mais de seis milhões de assentos efetivamente ocupados, quando tínhamos um histórico em torno de cinco milhões.

Em Alagoas, o transporte aeroportuário apresenta variação negativa no que se refere ao volume de pousos e decolagens de aeronaves<sup>17</sup> no segundo semestre de 2004 em relação ao mesmo período de 2003, com reflexo no desempenho do ano. No entanto, em se tratando do número de passageiros embarcados e desembarcados verifica-se aumento de 21,76% para embarques e 19,66% para desembarques, contabilizando resultado positivo em 2004.

Em se tratando do item carga, o resultado anual, também apresentou variação positiva, tanto para embarques como para desembarques, ou seja: 1,59% e 24,10%, respectivamente, em relação a 2003.

Para quem exporta produtos perecíveis e cargas menores, o transporte de carga aérea é uma alternativa mais cara, mesmo assim em 2004 segundo a Infraero, 42,2 mil toneladas de produtos fabricados em Alagoas foram enviadas para o exterior, tendo como meio de saída o aeroporto Zumbi dos Palmares.

Peles de jacaré, sandálias, biquínis, tecidos e flores foram alguns dos artigos alagoanos que desembarcaram em novos

<sup>16</sup> Turistas e brasileiros retornando ao País.

	2º Sem. 2003	2º Sem. 2004
Pouso	4.117	4.045
Dec.	4.132	4.038

mercados. Flores tropicais, por exemplo, foram despachados 26,2 mil quilos para países da Europa e América. Embora o crescimento de 32,68% em relação a 2003, esse número poderia ter sido maior, não fossem problemas com embarque e desembarque da mercadoria através do transporte aéreo<sup>18</sup>.

Outro agravante é a falta de vagas nos aviões. Nos meses de novembro e dezembro, a VARIG, a empresa responsável pela rota para Europa, prioriza os vôos domésticos e aumenta o valor do frete da mercadoria, deixando as empresas sem opção. Nos últimos dois meses de 2004, o frete cobrado pela companhia para fazer o transporte de flores tropicais para Europa, passou de US\$ 1,45 o quilo, para US\$ 2,00. Como o valor acaba sendo repassado ao comprador, muitos clientes diminuem a quantidade de compras para compensar o aumento do preço do produto. Presume-se que a internacionalização do Aeroporto Zumbi dos Palmares, trará novas opções para os empresários e a tendência é que haja barateamento nos custos.

### **Transporte Portuário**

No ano de 2004 saíram do Brasil em direção a outros países, 2,5 bilhões de toneladas de mercadorias.

Em Alagoas, o Porto de Maceió, ainda é o principal canal de escoamento das exportações do Estado, encerrando o ano de 2004 com uma movimentação recorde, ultrapassando 3,3 milhões de toneladas de mercadorias. Em 2003 foram movimentadas 2,857 milhões de toneladas, registrando um crescimento de 15,5%. Segundo informações do administrador do porto, Domício Silva, este saldo positivo é resultado do crescimento das exportações, que representaram 79% do volume de

negócios enquanto as importações foram responsáveis por 21%.

Para quem pretende investir na exportação esse é o caminho ainda mais econômico, entretanto, nem sempre a via marítima pode ser utilizada pelas pequenas empresas.

Em Alagoas, no que se refere a produtos exportados pelas micro e pequenas empresas, o volume não é suficiente para o carregamento de um navio – que chega a transportar de 500 a 600 *containers* – o custo para ancoragem torna-se alto. Essas exportadoras optam então, por rotas mais movimentadas, como as dos portos de Recife e Salvador, tendo como alternativa o compartilhamento de carga, embarcando as mercadorias por portos de estados vizinhos.

---

<sup>18</sup> Em 2004, das vendas negociadas pela Conflora – cooperativa que agrega 20 produtores de flores tropicais de Alagoas – com países europeus, cinco empresários não conseguiram que a mercadoria chegasse ao destino. Carga que desembarcou na França, deveria ter ido para Holanda, perdendo-se compradores importantes pelo incidente.

## MOVIMENTO ESTATÍSTICO DO AEROPORTO ZUMBI DOS PALMARES

**2003 - 2004**

MÊS	AERONAVES		PASSAGEIROS				CARGAS (Kg)		CORREIOS (Kg)		BAGAGENS		
	POUSO	DECOL.	EMBARC.	DESEMB.	CONEX.	TRÂNS.	EMBARC	DESEMB	EMBARC.	DESEMB.	EMBARC.	DESEMB.	TRÂNS
<b>2003</b>													
JAN	887	900	30.562	28.100		9.458	28.286	93.567	34.345	110.550			
FEV	723	715	19.961	16.700		7.000	24.113	91.374	29.175	104.950			
MAR	686	693	21.055	19.560		6.989	19.395	72.303	28.591	92.000			
ABR	725	722	20.427	20.069		8.310	20.418	83.174	26.819	102.550			
MAI	778	788	16.377	15.229		7.519	21.579	85.698	30.694	113.850			
JUN	665	677	16.768	17.448		7.450	22.589	79.120	25.468	97.500			
<b>1º SEM</b>	<b>4.464</b>	<b>4.495</b>	<b>125.150</b>	<b>117.106</b>		<b>46.726</b>	<b>136.380</b>	<b>505.236</b>	<b>175.092</b>	<b>621.400</b>			
JUL	747	754	25.493	28.630		8.587	28.050	78.374	35.467	114.400			
AGO	722	726	25.073	21.909		7.661	32.129	89.223	29.740	86.872			
SET	644	659	21.721	22.076		6.878	33.235	86.764	29.386	67.880			
OUT	671	662	20.445	21.119		7.161	33.913	86.705	36.062	93.850			
NOV	593	592	22.736	23.368		7.683	37.536	85.324	31.721	77.334			
DEZ	740	739	24.310	32.639		9.620	37.321	102.635	33.134	92.200			
<b>2º SEM</b>	<b>4.117</b>	<b>4.132</b>	<b>139.778</b>	<b>149.741</b>		<b>47.590</b>	<b>202.184</b>	<b>529.025</b>	<b>195.510</b>	<b>532.536</b>			
<b>ANUAL</b>	<b>8.581</b>	<b>8.627</b>	<b>264.928</b>	<b>266.847</b>		<b>94.316</b>	<b>338.564</b>	<b>1.034.261</b>	<b>370.602</b>	<b>1.153.936</b>			
<b>2004</b>													
JAN	740	746	40.487	34.592	180	11.185	24.595	94.867	31.416	87.250	638.087	479.476	184.917
FEV	607	618	27.101	24.381	165	8.324	20.153	86.884	25.430	80.490	395.637	332.668	132.396
MAR	632	623	23.940	22.849	229	7.055	26.283	102.121	80.490	105.920	332.320	300.608	110.078
ABR	639	636	24.162	23.860	295	7.349	22.985	99.941	30.761	78.446	325.635	308.980	118.107
MAI	620	628	24.475	23.563	290	7.076	29.077	100.548	32.619	88.519	334.674	301.761	110.830
JUN	657	653	21.084	22.834	517	6.111	26.094	95.798	33.613	89.222	304.904	308.341	106.893
<b>1º SEM</b>	<b>3.895</b>	<b>3.904</b>	<b>161.249</b>	<b>152.079</b>	<b>1.676</b>	<b>47.100</b>	<b>149.187</b>	<b>580.159</b>	<b>234.329</b>	<b>529.847</b>	<b>2.331.257</b>	<b>2.031.834</b>	<b>763.221</b>
JUL	664	666	29.134	30.428	504	8.665	30.497	110.492	33.814	74.790	435.149	406.635	152.440
AGO	686	687	26.162	24.130	629	8.230	34.607	111.088	32.803	75.480	389.947	337.274	143.767
SET	724	727	25.548	25.289	697	7.424	33.421	104.715	30.498	74.930	366.287	341.652	140.133
OUT	692	678	28.436	28.495	552	6.238	32.500	117.643	31.832	73.100	428.441	397.858	105.530
NOV	589	598	26.445	25.611	539	6.702	32.234	117.222	-	-	383.936	340.786	115.593
DEZ	690	682	25.615	33.269	466	8.852	31.503	142.228	33.759	82.946	369.728	479.629	139.022
<b>2º SEM</b>	<b>4.045</b>	<b>4.038</b>	<b>161.340</b>	<b>167.222</b>	<b>3.387</b>	<b>46.111</b>	<b>194.762</b>	<b>703.388</b>	<b>162.706</b>	<b>381.246</b>	<b>2.373.488</b>	<b>2.303.834</b>	<b>796.485</b>
<b>ANUAL</b>	<b>7.940</b>	<b>7.942</b>	<b>322.589</b>	<b>319.301</b>	<b>5.063</b>	<b>93.211</b>	<b>343.949</b>	<b>1.283.547</b>	<b>397.035</b>	<b>911.093</b>	<b>4.704.745</b>	<b>4.335.668</b>	<b>1.559.706</b>

FONTE: Aeroporto Zumbi dos Palmares - AL

## COMÉRCIO

O comércio varejista brasileiro recuperou em 2004 as perdas dos três anos anteriores e registrou aumento de 9,25% em relação a 2003<sup>20</sup>, acompanhando o melhor quadro da economia brasileira, informou o IBGE.

O setor que registrou a maior alta das vendas no período, foi o de móveis e eletrodomésticos, de 26,37%, a primeira variação positiva de uma série, já que em outros anos o segmento foi comprometido, dentre outras variáveis, pelo apagão.

A economia se recuperou e todas as variáveis macroeconômicas apontaram uma melhora sensível em 2004 sobre 2003, com aumento de investimentos, redução de taxas de juros, estabilidade do câmbio e das exportações. Todas essas variáveis também impulsionaram o bom desempenho registrado pelo comércio.

Acredita-se que em 2005, o comércio siga em expansão, tendo em vista a tendência de estabilidade da economia nacional.

No âmbito regional, Alagoas foi o Estado nordestino que apresentou maior índice de variação de vendas em 2004, 13,04%. Em seguida os Estados do Rio Grande do Norte (11,91%), Ceará (8,52%) e Bahia (8,26%). Confirmando as expectativas, a média de incremento das vendas do comércio alagoano se manteve acima da média brasileira também no mês de dezembro. A variação do último mês do ano no Estado foi de 12,95%, enquanto que a brasileira foi de 11,43%.

Em Maceió o comércio fechou o ano de 2004 com um acréscimo de 30% em relação ao ano de 2003. Foi o melhor período dos últimos 10 anos. O desempenho surpreendeu o setor, que estimava um aumento médio de aproximadamente 20%. Em relação aos números de 2004, atribui-se o significativo incremento, à retomada do crescimento da economia brasileira, além do aumento do número de pessoas inseridas no mercado de trabalho no segundo semestre de 2004 e a injeção de recursos na economia local com a liberação do 13º salário.

---

<sup>20</sup> Em 2001, houve queda de 1,57% nas vendas, em 2002, baixa de 0,70% e em 2003, recuo de 3,67%, no entanto, as vendas em 2004 aumentaram 9,25%.

## Movimento do Serviço de Proteção ao Crédito

Em Alagoas, as consultas registradas no 2º semestre de 2004, em relação ao mesmo período de 2003, apresentaram uma redução de 31,47%, que mesmo contrariando um aumento de 26,38% registrado no 1º semestre, (como consequência de vendas a crédito no final

de 2003), o ano de 2004 fechou com redução de 12% de consultas com registro.

No total de inclusões, no 2º semestre de 2004 registra-se aumento de 16,23%, refletindo no total anual, com variação positiva de 9,67%. No que se refere às exclusões, o 2º semestre apresenta pequena oscilação negativa de 0,95%. No entanto, no total anual (2004) registra-se aumento de 12,44%, em relação a 2003.

### MOVIMENTO DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO MACEIÓ 2003 – 2004

MÊS	INFORMAÇÕES SOLICITADAS							
	TOTAL DE CONSULTAS		CONSULTAS C/ REGISTRO		INCLUSÕES		EXCLUSÕES	
	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR%
<b>2003</b>								
JANEIRO	41.918	-6,68	9.682	-8,41	5.487	-14,84	2.342	-49,11
FEVEREIRO	42.913	41,88	10.398	45,24	5.951	-31,08	2.151	-40,87
MARÇO	35.102	-8,88	8.120	-5,39	5.491	-33,32	1.628	-54,24
ABRIL	44.854	-0,10	9.553	-16,77	6.603	-17,40	2.401	-23,41
MAIO	46.633	-0,26	9.882	-8,56	8.647	-1,63	2.568	-45,36
JUNHO	49.949	8,33	9.805	-0,48	5.577	-34,02	3.276	-24,52
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>261.369</b>	<b>3,94</b>	<b>57.440</b>	<b>-1,73</b>	<b>37.756</b>	<b>-22,23</b>	<b>14.366</b>	<b>-40,07</b>
JULHO	72.295	79,35	17.958	83,13	5.900	-11,29	2.821	-37,31
AGOSTO	77.528	69,76	17.980	49,25	5.929	-2,48	2.790	-34,04
SETEMBRO	65.686	65,24	18.321	79,99	4.219	-14,14	2.628	-31,37
OUTUBRO	61.946	26,18	17.323	43,78	7.914	62,21	5.693	47,91
NOVEMBRO	62.948	24,54	18.667	70,88	5.991	-14,37	3.134	-0,89
DEZEMBRO	88.620	20,50	22.972	66,87	4.452	-29,80	9.378	101,29
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>429.023</b>	<b>43,53</b>	<b>113.221</b>	<b>64,64</b>	<b>34.405</b>	<b>-4,06</b>	<b>26.444</b>	<b>9,14</b>
<b>ANUAL</b>	<b>690.392</b>	<b>25,44</b>	<b>170.661</b>	<b>34,15</b>	<b>72.161</b>	<b>-14,51</b>	<b>40.810</b>	<b>-15,34</b>
<b>2004</b>								
JANEIRO	47.108	12,38	14.133	45,97	5.665	3,24	2.315	-1,15
FEVEREIRO	45.497	6,02	12.207	17,40	3.228	-45,76	1.743	-18,97
MARÇO	56.092	59,80	12.904	58,92	7.593	38,28	3.675	125,74
ABRIL	54.474	21,45	10.896	14,06	9.171	38,89	2.532	5,46
MAIO	58.005	24,39	10.440	5,65	7.323	-15,31	3.556	38,47
JUNHO	60.003	20,13	12.010	22,49	6.171	10,65	5.871	79,21
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>321.179</b>	<b>22,88</b>	<b>72.590</b>	<b>26,38</b>	<b>39.151</b>	<b>3,69</b>	<b>19.692</b>	<b>37,07</b>
JULHO	54.427	-24,72	13.505	-24,80	8.384	42,10	3.642	29,10
AGOSTO	56.280	-27,41	15.215	-15,38	6.675	12,58	6.461	131,58
SETEMBRO	51.300	-21,90	8.872	-51,57	5.119	21,33	3.235	23,10
OUTUBRO	55.053	-11,13	8.427	-51,35	6.261	-20,89	3.699	-35,03
NOVEMBRO	59.912	-4,82	13.178	-29,40	6.779	13,15	4.055	29,39
DEZEMBRO	96.817	9,25	18.395	-19,92	6.770	52,07	5.101	-45,61
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>373.789</b>	<b>-12,87</b>	<b>77.592</b>	<b>-31,47</b>	<b>39.988</b>	<b>16,23</b>	<b>26.193</b>	<b>-0,95</b>
<b>ANUAL</b>	<b>694.968</b>	<b>0,66</b>	<b>150.182</b>	<b>-12,00</b>	<b>79.139</b>	<b>9,67</b>	<b>45.885</b>	<b>12,44</b>

FONTE: SPC/CDL-Maceió

Nota: Tratamento de Dados: IEP/CDL/Maceió

## Compensações e Devoluções de cheque

Em 2004 foram compensados 630.075 cheques, sendo que desse total foram devolvidos em Alagoas 100.070, ocorrendo uma variação de 16% de cheques devolvidos em relação aos compensados.

O índice de devolução de cheques por falta de fundos bateu recorde histórico em 2004, com um aumento de 1,9% em relação a 2003. Foi o maior índice de devolução já registrado pela SERASA desde 1991, quando a medição desse indicador começou a ser feita.

Apesar da alta, a devolução de cheques por insuficiência de fundos já começa a dar sinais de desaceleração. De 2000 para 2001, a alta no índice havia sido de 31,1%. Em 2002, o incremento foi de 2,7% seguido por uma alta de 14,4% em 2003. Além disso, a elevação de 1,9% no índice de 2004 ocorreu em cima de uma base alta de devoluções de cheques<sup>21</sup>.

Outro sinal de desaceleração foi o resultado de dezembro: a cada mil cheques compensados, 15,8 foram devolvidos, registrando uma queda de 3% em relação a novembro.

De acordo com os técnicos da Serasa, o recuo no índice de dezembro deve-se ao aumento da massa salarial decorrente do pagamento do 13º salário e das contratações temporárias, que melhoraram a capacidade de pagamento dos consumidores.

Com relação ao número de cheques compensados em 2004, ocorreu uma diminuição anual no volume segundo o Serasa. Esse fenômeno pode ser explicado pela substituição do cheque por outros meios de pagamentos, como o cartão de crédito e de débito.

---

<sup>21</sup> Márcio Torres, gerente de crédito da SERASA.

**COMPENSAÇÕES E DEVOLUÇÕES DE CHEQUES****ALAGOAS****2004**

MÊS	CHEQUES COMPENSADOS			CHEQUES DEVOLVIDOS		
	QUANTIDADE	VARIÇÃO(%)		QUANTIDADE	VARIÇÃO(%)	
		ANUAL	MENSAL		ANUAL	VARIÇÃO
JANEIRO	629.375	-26,51	-10,38	36.315	-24,06	-0,40
FEVEREIRO	577.943	-23,29	-8,17	35.390	-17,02	-2,55
MARÇO	724.833	-4,01	25,42	48.615	-5,50	37,37
ABRIL	618.875	-16,28	-14,62	41.083	-14,65	-15,49
MAIO	616.923	-14,36	-0,32	39.510	-17,37	-3,83
JUNHO	593.473	-9,88	-3,80	40.484	1,60	2,47
JULHO	618.216	-12,05	4,17	40.314	-11,47	-0,42
AGOSTO	617.666	1,80	-0,09	39.691	8,35	-1,55
SETEMBRO	576.801	-17,24	-6,62	41.666	-36,35	4,98
OUTUBRO	602.977	-9,54	4,54	48.022	-28,27	15,25
NOVEMBRO	614.342	3,11	1,88	104.111	184,21	116,80
DEZEMBRO	630.075	-10,28	2,56	100.070	174,46	-3,88

Fonte: Superintendência Estadual em Alagoas / COMPE - Banco do Brasil  
IEP - Instituto de Estudo e Pesquisa - CDL - Maceió

**TÍTULOS DISTRIBUÍDOS, PROTESTADOS, CANCELADOS E SUAS RELAÇÕES****ALAGOAS****2004**

MÊS	TÍTULOS						
	DISTRIBUÍDOS	VARIÇÃO MENSAL(%)	PROTESTADOS	VARIÇÃO MENSAL(%)	PROT / DIST %	CANCELADOS	VARIÇÃO MENSAL(%)
JANEIRO	7.513	-	3.979	-	52,96	1.316	-
FEVEREIRO	4.649	-38,12	2.706	-31,99	58,21	1.187	-9,80
MARÇO	6.316	35,86	3.212	18,70	50,85	1.856	56,36
ABRIL	5.186	-17,89	2.537	-21,01	48,92	1.338	-27,91
MAIO	5.142	-0,85	2.594	2,25	50,45	1.441	7,70
JUNHO	6.457	25,57	3.314	27,76	51,32	1.267	-12,07
JULHO	5.937	-8,05	3.415	3,05	57,52	1.375	8,52
AGOSTO	5.068	-14,64	2.662	-22,05	52,53	1.632	18,69
SETEMBRO	4.246	-16,22	2.352	-11,65	55,39	1.266	-22,43
OUTUBRO	6.771	59,47	2.240	-4,76	33,08	1.088	-14,06
NOVEMBRO	6.573	-2,92	3.703	65,31	56,34	1.230	13,05
DEZEMBRO	6.140	-6,59	3.351	-9,51	54,58	1.548	25,85

Fonte: IEP/CDL -Maceió

## BALANÇA COMERCIAL

Em 2004, a balança comercial brasileira registrou um superávit de US\$ 33,696 bilhões, o que representa um crescimento de 35,9% em relação a 2003 (US\$ 24,8 bilhões). É o maior saldo positivo da história do país. As exportações totalizaram US\$ 96,475 bilhões, o que representa crescimento de 32% em relação a 2003. As importações somaram US\$ 62,779 bilhões, uma alta de 30%. Vale ressaltar que a entrada de dólares no país com o pagamento das exportações colabora para o equilíbrio das contas externas.

Vários fatores influenciaram o desempenho favorável da Balança Comercial brasileira em 2004, como o crescimento da economia internacional, pontuando a expansão da economia da China e recuperação da economia japonesa.

Em se tratando da Balança Comercial Regional, em 2004 as exportações nordestinas alcançaram crescimento de 31,6% em relação a 2003, ou seja, foram exportados US\$ 8,037 bilhões.

Para 2005, o Ministério do Desenvolvimento prevê que as vendas do Brasil para o exterior devam crescer 12% chegando a US\$ 108 bilhões. Para as importações, a expectativa é que o crescimento fique entre 20% e 30%, o que significa um valor entre US\$ 75,3 bilhões e US\$ 81,6 bilhões. O Ministério não divulgou as projeções para o saldo da balança comercial, mas de acordo com as previsões, as importações provavelmente alcançarão US\$ 26,4 e as exportações US\$ 32,7 bilhões.

### EXPORTAÇÕES NORDESTINAS 2004/2003 ( em US\$ milhões)

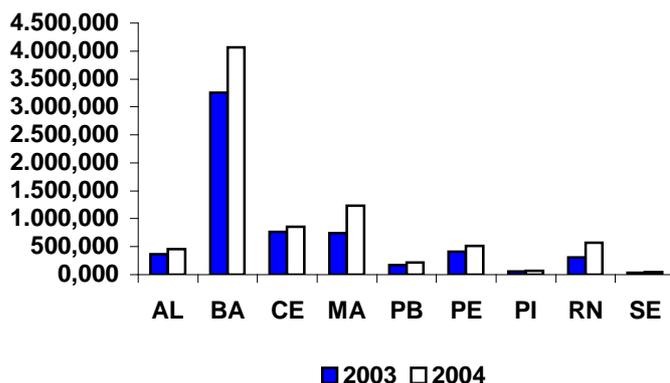
ESTADO	2004		2003		Var.(%)2004/2003
	Jan/Dez	Part. (%)	Jan/Dez(**)	Part. (%)	
<b>R. Nordeste</b>	<b>8.037</b>	<b>8,30</b>	<b>6.108</b>	<b>8,40</b>	<b>31,6</b>
Bahia	4.063	4,21	3258	4,46	24,7
Maranhão(*)	1.231	1,28	740	1,01	66,4
Ceará	859	0,89	761	1,04	12,9
R.G.Norte(*)	574	0,59	310	0,42	84,8
Pernambuco	517	0,54	411	0,56	25,8
<b>Alagoas</b>	<b>458</b>	<b>0,47</b>	361	0,49	26,8
Paraíba	214	0,22	168	0,23	27,0
Piauí	73	0,08	58	0,08	25,0
Sergipe	48	0,05	39	0,05	22,8

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Siscomex

(\*) Unidades da Federação com variação acima da exportação total (32,09%).

(\*\*) Dados trabalhados pela SEPLAN.

Exportações Nordestinas por Estado - Anos 2003 e 2004



Acompanhando a tendência superavitária da balança comercial brasileira, as exportações alagoanas cresceram 26,81% em 2004, o melhor desempenho nos últimos nove anos. Esse percentual representam um acréscimo de US\$ 96,745,983 milhões.

As exportações acumuladas de janeiro a dezembro de 2003 saltaram de US\$ 360,911,646 milhões para US\$ 457,657,629 milhões no mesmo período de 2004, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento e Comércio Exterior. Embora o resultado tenha sido positivo, e contribuído positivamente para o desempenho da balança comercial brasileira, a balança comercial do Estado de Alagoas ficou abaixo da média nacional e regional. No mesmo período, as exportações brasileiras cresceram 32%, enquanto as nordestinas variaram 31,6%, e as alagoanas 26,81%.

O principal motivo que impulsionou essa alta foi o aumento das exportações dos setores sucroalcooleiro e químico-plástico, que comercializaram US\$ 450,5 milhões do total exportado por Alagoas, o que significa 98,48% do volume total.

Essa dependência excessiva das exportações alagoanas de apenas dois segmentos produtivos, principalmente do sucroalcooleiro, é prejudicial a economia local, porque fica a mercê do desempenho do preço da *commodity* no mercado internacional<sup>22</sup>.

Na safra 2003/2004 Alagoas exportou 1,4 milhão de toneladas do açúcar VHP. Rússia<sup>23</sup>, Canadá, Índia e países africanos, foram destinos do açúcar alagoano.

No que se refere a exportação de álcool, atividade recente no Estado de Alagoas, a comercialização foi intensificada a partir de 2001.

Em 2004, foram exportados 343 milhões de litros de álcool, 42,7% a mais que em 2003, quando foram comercializados 146,6 milhões<sup>24</sup>.

A busca do mercado internacional para a comercialização do álcool surgiu como uma alternativa para o setor que perdeu competitividade no mercado interno devido aos incentivos fiscais ao produto oferecidos nos Estados de Pernambuco, Bahia e Paraíba<sup>25</sup>.

Além do álcool carburante, exportado para os Estados Unidos, Canadá e Japão, utilizado para misturar à gasolina,

Alagoas exporta álcool hidratado para produção de perfumes, bebidas e tintas. Japão, Coreia e Nigéria são os países compradores desse produto.

<sup>23</sup> Consome 70% do açúcar (VHP) alagoano

<sup>24</sup> JORNAL TRIBUNA – Caderno Economia – 01.01.2005, p.17.

<sup>25</sup> Cooperativa Regional dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de Alagoas.

<sup>22</sup> Cícero Péricles de Carvalho - economista

PAUTA DE PRODUTOS ALAGOANOS EXPORTADOS EM 2004		
Produtos	2004 US\$	%
Açúcar	293.724.100	64,18
Álcool	89.213.181	19,49
Melaço	5.235.735	1,18
<b>Sucroalcooleiro</b>	<b>388.173.016</b>	<b>84,85</b>
Dicloreto	57.405.882	12,54
Policloreto de vinila	4.982.719	1,09
<b>Químicos</b>	<b>62.388.601</b>	<b>13,63</b>
Fumo (diversos)	2.912.988	0,63
Cimento	1.867.693	0,41
Subtotal	455.342.298	99,52
Demais produtos	2.315.331	0,48
<b>Total</b>	<b>457.657.629</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Balanço Geral do Município 2001/4.

O montante de US\$ 457,657,659 milhões das exportações – é um volume expressivo que ajuda a alavancar a economia local. Esse número pode crescer ainda mais com a diversificação da pauta a exemplo da fruticultura irrigada que pode abrir novos canais para comercialização de frutas.

O Estado de Alagoas a cada ano expande o número de itens comercializados com mercado externo.

Em 1999, o Estado comercializava 39 produtos e em 2004 registrou a venda de 68 itens.

Em se tratando do mercado externo, de acordo com o MDIC, há outro fator de concentração que também é muito preocupante para as exportações alagoanas, é o limitado número de países compradores dos produtos do Estado. Quase metade dos itens comercializados fora do país são importados por três mercados: Rússia, Japão e Estados Unidos. Por isso, do ponto de vista dos negócios, torna-se indispensável a busca de outros clientes, tendo em vista barreiras comerciais que possam ser impostas, de forma a dificultar a negociação dos produtos alagoanos, que provavelmente influenciará de forma negativa no desempenho da balança comercial do Estado. Segundo o MDIC, a

Rússia comprou 30% dos produtos exportados pelo Estado em 2004, totalizando US\$ 139 milhões em divisas. O Japão, por sua vez, foi o segundo maior mercado de Alagoas, com 11% das

exportações, somando US\$ 53 milhões em volumes financeiros, enquanto os Estados Unidos ficaram com 8% dos produtos alagoanos, remetendo US\$ 37 milhões para o Estado.

O bom desempenho das exportações alagoanas pode ser também atribuído às vendas de álcool no mercado internacional, cuja participação vem aumentando na pauta de produtos do Estado, detendo 19,49% das vendas em 2004. Além do álcool carburante, utilizado para misturar à gasolina é exportado para os Estados Unidos, Canadá e Japão, Alagoas exporta o álcool hidratado, para produção de perfumes, bebidas e tintas para o Japão, Coreia e Nigéria.

O número de empresas de pequeno e médio porte - exportadoras de até US\$ 1 milhão por ano – que decidiram apostar e investir no mercado exterior, tem crescido consideravelmente, mesmo assim, a participação ainda é pequena no volume de exportações em Alagoas. Em 1999 apenas 18 empresas participavam da pauta de

exportações em Alagoas e em 2004 já somavam 53, um crescimento de 295%. Pelo último levantamento do MIDC, a participação das MPEs no total das exportações alagoanas passou de 43,9% em 1999, para 73,1% em 2003.

É preciso diversificar e traçar novas estratégias, bem como divulgar entre os empresários os mecanismos disponíveis para a exportação que atende às necessidades dos pequenos e médios empresários.

A vantagem da empresa alagoana em investir no exigente mercado externo, ao invés de optar só pela comercialização no mercado interno é que a empresa exportadora tem a possibilidade de conquistar novos clientes, tornar-se mais independente do mercado interno e de suas instabilidades.

As exportações alagoanas cresceram 26,81%, enquanto as exportações apresentaram incremento de 39,9%. Os produtos importados aumentaram de US\$ 48,166,626 milhões no ano de 2003 para US\$ 67,393,075 milhões em 2004.

O aumento das importações foi devido a compra de um volume maior de insumos (adubos e herbicidas) aplicados na agropecuária.

**COMÉRCIO EXTERIOR**  
**BALANÇA COMERCIAL**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

VALOR EM US\$1000FOB

MÊS	BALANÇA COMERCIAL				
	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO
	VALOR(A)	VAR %(*)	VALOR(B)	VAR %(*)	(A-B)
<b>2003</b>					
JANEIRO	72.393	-	2.160	-	70.233
FEVEREIRO	43.127	-40,43	3.819	76,80	39.308
MARÇO	23.172	-46,27	3.377	-11,59	19.795
ABRIL	15.159	-34,58	8.183	142,34	6.976
MAIO	30.508	101,25	3.590	-56,13	26.918
JUNHO	13.977	-54,19	2.967	-17,34	11.010
JULHO	15.606	11,65	6.207	109,19	9.399
AGOSTO	2.999	-80,78	1.546	-75,09	1.453
SETEMBRO	3.635	21,20	7.342	374,91	-3.707
OUTUBRO	28.688	689,22	2.251	-69,35	26.437
NOVEMBRO	42.381	47,73	3.772	67,61	38.609
DEZEMBRO	69.267	63,44	2.952	-21,74	66.315
<b>TOTAL</b>	<b>360.912</b>	<b>20,85</b>	<b>48.166</b>	<b>-61,31</b>	<b>312.746</b>
<b>2004</b>					
JANEIRO	56.320	-	9.464	-	46.856
FEVEREIRO	61.717	9,58	4.336	-54,19	57.381
MARÇO	37.500	-39,24	3.003	-30,73	34.497
ABRIL	28.529	-23,92	7.508	150,02	21.021
MAIO	12.043	-57,79	9.973	32,84	2.070
JUNHO	28.188	134,06	2.964	-70,28	25.224
JULHO	43.218	53,32	4.891	65,05	38.327
AGOSTO	14.452	-66,56	1.452	-70,33	13.000
SETEMBRO	11.110	-23,12	7.924	445,73	3.186
OUTUBRO	44.843	303,63	6.407	-19,14	38.436
NOVEMBRO	45.131	0,64	6.494	1,35	38.637
DEZEMBRO	74.605	65,31	2.978	-54,14	71.627
<b>TOTAL</b>	<b>457.656</b>	<b>26,81</b>	<b>67.394</b>	<b>39,92</b>	<b>390.262</b>

FONTE: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/SECEX

Nota: (\*) VAR% => Critério de cálculo: Anual = sobre o ano anterior na mesma proporção/ Mensal = sobre o mês anterior

**MERCADORIAS EMBARCADAS POR LONGO CURSO E CABOTAGEM**
**ALAGOAS**
**2003 – 2004**

TIPO DE MERCADORIA	MERCADORIAS EMBARCADAS (ton)					
	3º TRIMESTRE		VARIAÇÃO %	4º TRIMESTRE		VARIAÇÃO %
	2003	2004	2004/2003	2003	2004	2004/2003
<b>LONGO CURSO</b>						
AÇÚCAR CRISTAL ENSACADO	-	19.562	-	61.369	29.143	-52,51
AÇÚCAR DEMERARA GRANEL	21.292	172.241	708,95	735.050	605.606	-17,61
DICLOROETANO	33.054	36.520	10,49	50.200	50.578	0,75
SODA CÂUSTICA	-	-	-	-	-	-
MELAÇO	26.250	10.850	-58,67	29.700	50.800	71,04
ÁLCOOL ANIDRO	-	61.594	-	-	4.036	-
ÁLCOOL HIDRATADO	12.084	8.217	-32,00	71.218	73.762	3,57
PETRÓLEO	-	-	-	-	-	-
PVC	416	-	-	2.307	-	-
ÓLEO DE SOJA	-	-	-	-	-	-
DIVERSOS	-	11.558	-	7.825	11.830	51,18
<b>TOTAL</b>	<b>93.096</b>	<b>320.542</b>	<b>244,31</b>	<b>957.669</b>	<b>825.755</b>	<b>-13,77</b>
<b>CABOTAGEM</b>						
AÇÚCAR CRISTAL ENSACADO	-	-	-	-	-	-
AÇÚCAR DEMERARA GRANEL	-	-	-	-	-	-
DICLOROETANO	37.730	48.691	29,05	36.108	46.312	28,26
SODA CÂUSTICA	178.161	204.337	14,69	157.142	181.453	15,47
MELAÇO	-	-	-	-	-	-
ÁLCOOL ANIDRO	-	-	-	-	-	-
ÁLCOOL HIDRATADO	-	-	-	-	-	-
PETRÓLEO	108.002	94.500	-12,50	86.967	78.492	-9,75
PVC	3.445	14.765	328,59	11.217	10.379	-7,47
ÓLEO DE SOJA	-	-	-	-	-	-
ÓLEO M.F. 380	-	-	-	244	-	-
DIVERSOS	2	39	1850,00	112	22	-80,36
<b>TOTAL</b>	<b>327.340</b>	<b>362.332</b>	<b>10,69</b>	<b>291.790</b>	<b>316.658</b>	<b>8,52</b>
<b>LONGO CURSO E CABOTAGEM</b>						
AÇÚCAR CRISTAL ENSACADO	-	19.562	-	61.369	29.143	-52,51
AÇÚCAR DEMERARA GRANEL	21.292	172.241	708,95	735.050	605.606	-17,61
DICLOROETANO	70.784	85.211	20,38	86.308	96.890	12,26
SODA CÂUSTICA	178.161	204.337	14,69	157.142	181.453	15,47
MELAÇO	26.250	10.850	-58,67	29.700	50.800	71,04
ÁLCOOL ANIDRO	-	61.594	-	-	4.036	-
ÁLCOOL HIDRATADO	12.084	8.217	-32,00	71.218	73.762	3,57
PETRÓLEO	108.002	94.500	-12,50	86.967	78.492	-9,75
PVC	3.861	14.765	282,41	13.524	10.379	-23,25
ÓLEO DE SOJA	-	-	-	-	-	-
ÓLEO M.F. 380	-	-	-	244	-	-
DIVERSOS	2	11.597	579,750	7.937	11.852	49,33
<b>TOTAL</b>	<b>420.436</b>	<b>682.874</b>	<b>62,42</b>	<b>1.249.459</b>	<b>1.142.413</b>	<b>-8,57</b>

FONTE: Administração do Porto de Maceió

**MERCADORIAS DESEMBARCADAS POR LONGO CURSO E CABOTAGEM  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

TIPO DE MERCADORIA	MERCADORIAS DESEMBARCADAS (ton)					
	3º Trimestre		VARIÇÃO %	4º Trimestre		VARIÇÃO %
	2003	2004	2004/2003	2003	2004	2004/2003
<b>LONGO CURSO</b>						
GASOLINA	-	-	-	-	-	-
ÓLEO DIESEL	-	-	-	-	-	-
ADUBO À GRANEL	73.252	67.868	-7,35	83.291	89.344	7,27
TRIGO À GRANEL	15.527	19.660	26,62	12.758	26.323	106,33
FARINHA DE TRIGO	-	-	-	-	-	-
MILHO À GRANEL	-	-	-	-	-	-
ARROZ	-	-	-	-	-	-
PEIXE CONGELADO	-	-	-	-	-	-
ENXOFRE	-	-	-	-	-	-
CARVÃO MINERAL	-	-	-	-	-	-
COQUE DE PETRÓLEO	-	-	-	32.798	36.262	10,56
DIVERSOS	-	310	-	15	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>88.779</b>	<b>87.838</b>	<b>-1,06</b>	<b>128.862</b>	<b>151.929</b>	<b>17,90</b>
<b>CABOTAGEM</b>						
GASOLINA	15.794	19.121	21,06	15.025	18.607	23,84
ÓLEO DIESEL	32.061	44.234	37,97	54.222	69.907	28,93
ADUBO À GRANEL	-	-	-	-	-	-
TRIGO À GRANEL	-	-	-	-	-	-
FARINHA DE TRIGO	-	-	-	-	-	-
MILHO À GRANEL	-	-	-	-	-	-
ARROZ	2.069	4.191	102,56	7.194	2.811	-60,93
PEIXE CONGELADO	-	117	-	157	122	-22,29
ENXOFRE	-	-	-	-	-	-
CARVÃO MINERAL	-	-	-	-	-	-
COQUE DE PETRÓLEO	-	-	-	-	-	-
ÓLEO M.F. 380	-	-	-	-	-	-
DIVERSOS	413	1.161	181,11	2.265	1.016	-55,14
<b>TOTAL</b>	<b>50.337</b>	<b>68.824</b>	<b>36,73</b>	<b>78.863</b>	<b>92.463</b>	<b>17,25</b>
<b>LONGO CURSO E CABOTAGEM</b>						
GASOLINA	15.794	19.121	21,06	15.025	18.607	23,84
ÓLEO DIESEL	32.061	44.234	37,97	54.222	69.907	28,93
ADUBO À GRANEL	73.252	67.868	-7,35	83.291	89.344	7,27
TRIGO À GRANEL	15.527	19.660	26,62	12.758	26.323	106,33
FARINHA DE TRIGO	-	-	-	-	-	-
MILHO À GRANEL	-	-	-	-	-	-
ARROZ	2.069	4.191	102,56	7.194	2.811	-60,93
PEIXE CONGELADO	-	117	-	157	122	-22,29
ENXOFRE	-	-	-	-	-	-
CARVÃO MINERAL	-	-	-	-	-	-
COQUE DE PETRÓLEO	-	-	-	32.798	36.262	10,56
ÓLEO M.F. 380	-	-	-	-	-	-
DIVERSOS	413	1.471	256,17	2.280	1.016	-55,44
<b>TOTAL</b>	<b>139.116</b>	<b>156.662</b>	<b>12,61</b>	<b>207.725</b>	<b>244.392</b>	<b>17,65</b>

FONTE: Administração do Porto de Maceió

A Pesquisa Mensal de Empregos (PME) do IBGE realizada nas grandes regiões metropolitanas brasileiras, informa que o mercado de trabalho vem reagindo bem à atual fase de retomada do crescimento econômico nacional. Em 2004 foram criados 1,52 milhão de empregos formais, com aumento de 6,5% em relação a 2003<sup>26</sup>.

No Nordeste, de acordo com Levantamento do Ministério do Trabalho com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), em 2004 foram criados 187.597 empregos com carteira assinada nos nove Estados da Região. O montante é o terceiro maior do país, atrás apenas dos empregos criados no Sudeste 816,7 mil e no Sul 330,2 mil.

Em comparação com 2003, o número de empregos criados na região nordeste, foi superior em 123%. No entanto, o crescimento não foi uniforme durante o ano, nem igual entre os Estados. Durante os cinco primeiros meses de 2004, o Nordeste apresentou taxas negativas de criação de novos postos de trabalho, que foram recuperadas sobretudo nos meses de agosto e setembro, quando foram criados 130,9 mil novos empregos formais.

Segundo a Conjuntura Econômica<sup>27</sup>, do Banco do Nordeste do Brasil (BNB)

Sem exceção, todos os estados nordestinos apresentaram resultados positivos em 2004, em sintonia com o cenário nacional de expansão da demanda por empregos formais. No caso de Alagoas, Paraíba e Pernambuco, o bom desempenho do segundo semestre foi suficiente para reverter os índices negativos observados no primeiro, quando as demissões superaram as admissões.

Em se tratando do desemprego os índices divulgados pelo IBGE mostram que a taxa de pessoas que procuraram trabalho no país fechou 2004 abaixo dos dois dígitos, em 9,6%, ou seja, 2,1 milhões de pessoas. Em 2003 esse número era de 2,3 milhões. Esse é o menor resultado registrado desde outubro de 2001.

De acordo com a pesquisa mensal em 2004, o Estado de Alagoas registrou 99.851 admissões e 90.169 demissões, com saldo positivo de 9.682 empregos no mercado de trabalho local.

<sup>26</sup> BNB – Conjuntura Econômica, nº 2, 2005.

<sup>27</sup> nº 2, jan-fev. 2005, p.53.

**FLUTUAÇÃO MENSAL DO EMPREGO POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
**ADMISSÕES**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

MÊS	ADMISSÕES									
	EX.	IND.	CONST			ADM.	AGROP.	OUTRAS	TODAS AS	
	MIN	TRANS	S.I.U.P.	CIVIL	COM.	SERV.	PUB.	SILV.	ATIVIDADES	
<b>2003</b>										
JANEIRO	4	1.397	45	715	1.178	1.066	3	151	0	4.559
FEVEREIRO	4	954	22	496	1.053	1.212	4	73	0	3.818
MARÇO	7	1.175	26	432	957	1.124	6	153	0	3.880
ABRIL	4	1.543	8	517	1.049	1.202	11	153	0	4.487
MAIO	22	1.881	6	481	910	1.297	4	323	0	4.924
JUNHO	10	1.964	10	452	925	1.224	4	198	0	4.787
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>51</b>	<b>8.914</b>	<b>117</b>	<b>3.093</b>	<b>6.072</b>	<b>7.125</b>	<b>32</b>	<b>1.051</b>	<b>0</b>	<b>26.455</b>
JULHO	8	981	14	362	1.636	1.210	1	142	0	4.354
AGOSTO	6	2.118	16	492	1.134	1.814	2	163	0	5.745
SETEMBRO	7	34.671	18	713	913	1.488	4	667	0	38.481
OUTUBRO	7	5.027	10	808	1.216	1.204	6	901	0	9.179
NOVEMBRO	10	1.940	10	514	1.317	1.102	4	270	0	5.167
DEZEMBRO	7	1.457	19	181	1.115	958	5	154	0	3.896
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>45</b>	<b>46.194</b>	<b>87</b>	<b>3.070</b>	<b>7.331</b>	<b>7.776</b>	<b>22</b>	<b>2.297</b>	<b>0</b>	<b>66.822</b>
<b>ANUAL</b>	<b>96</b>	<b>55.108</b>	<b>204</b>	<b>6.163</b>	<b>13.403</b>	<b>14.901</b>	<b>54</b>	<b>3.348</b>	<b>0</b>	<b>93.277</b>
<b>2004</b>										
JANEIRO	5	1.260	31	702	1.319	1.498	4	216	0	5.035
FEVEREIRO	8	591	23	549	852	1.693	40	139	0	3.895
MARÇO	1	804	18	616	1.133	1.497	36	239	0	4.344
ABRIL	4	369	41	586	1.087	1.237	163	170	0	3.657
MAIO	8	1.505	22	613	1.369	1.388	8	260	0	5.173
JUNHO	12	964	12	547	1.142	1.212	6	410	0	4.305
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>38</b>	<b>5.493</b>	<b>147</b>	<b>3.613</b>	<b>6.902</b>	<b>8.525</b>	<b>257</b>	<b>1.434</b>	<b>0</b>	<b>26.409</b>
JULHO	3	1.057	15	610	1.939	1.278	7	135	0	5.044
AGOSTO	11	5.752	13	1.353	1.365	1.346	11	96	0	9.947
SETEMBRO	3	32.538	9	1.032	1.002	1.203	3	193	0	35.983
OUTUBRO	6	4.265	4	735	1.334	1.369	3	582	0	8.298
NOVEMBRO	9	3.990	15	611	1.941	1.321	7	389	0	8.283
DEZEMBRO	25	2.458	4	720	1.313	1.065	6	296	0	5.887
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>57</b>	<b>50.060</b>	<b>60</b>	<b>5.061</b>	<b>8.894</b>	<b>7.582</b>	<b>37</b>	<b>1.691</b>	<b>0</b>	<b>73.442</b>
<b>ANUAL</b>	<b>95</b>	<b>55.553</b>	<b>207</b>	<b>8.674</b>	<b>15.796</b>	<b>16.107</b>	<b>294</b>	<b>3.125</b>	<b>0</b>	<b>99.851</b>

FONTE: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - Lei n.º 4.923/65. Ministério do Trabalho

NOTA EXPLICATIVA:

Extrativa Mineral  
 Indústria de Transformação  
 Serviços Industriais de Utilidade Pública  
 Construção Civil

Comércio  
 Serviços  
 Administração Pública  
 Agropecuária, Silvicultura e Pesca

**FLUTUAÇÃO MENSAL DO EMPREGO POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
**DESLIGAMENTOS**  
**ALAGOAS 2003/2004**

MÊS	DESLIGAMENTOS									
	EX.	IND.	CONST			ADM.	AGROP.	OUTRAS	TODAS AS	
	MIN.	TRANS	S.I.U.P.	CIVIL	COM.	SERV.	PUB.	SILV.	ATIVIDADES	
<b>2003</b>										
JANEIRO	2	3.141	11	684	1.125	1.091	7	441	6	6.508
FEVEREIRO	6	16.080	15	536	774	1.299	6	504	0	19.220
MARÇO	6	7.101	12	679	1.074	1.368	8	696	0	10.944
ABRIL	3	2.327	3	638	1.034	1.113	0	87	0	5.205
MAIO	2	1.744	7	763	900	1.103	5	85	0	4.609
JUNHO	2	1.120	9	592	849	1.317	10	139	0	4.038
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>21</b>	<b>31.513</b>	<b>57</b>	<b>3.892</b>	<b>5.756</b>	<b>7.291</b>	<b>36</b>	<b>1.952</b>	<b>6</b>	<b>50.524</b>
JULHO	3	1.223	115	732	1.059	1.023	1	158	0	4.314
AGOSTO	5	1.996	34	537	1.453	1.227	5	146	0	5.403
SETEMBRO	10	1.275	20	607	844	921	4	201	0	3.882
OUTUBRO	6	4.224	29	484	844	952	3	158	0	6.700
NOVEMBRO	11	2.612	9	496	919	963	2	256	0	5.268
DEZEMBRO	34	3.112	9	619	1.061	1.202	10	267	0	6.314
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>69</b>	<b>14.442</b>	<b>216</b>	<b>3.475</b>	<b>6.180</b>	<b>6.288</b>	<b>25</b>	<b>1.186</b>	<b>0</b>	<b>31.881</b>
<b>ANUAL</b>	<b>90</b>	<b>45.955</b>	<b>273</b>	<b>7.367</b>	<b>11.936</b>	<b>13.579</b>	<b>61</b>	<b>3.138</b>	<b>6</b>	<b>82.405</b>
<b>2004</b>										
JANEIRO	0	2.132	14	486	1.207	1.039	3	755	0	5.636
FEVEREIRO	5	4.011	14	1.000	1.009	1.344	13	841	0	8.237
MARÇO	2	11.402	15	602	1.184	1.396	7	812	0	15.420
ABRIL	1	13.433	17	579	1.189	1.090	3	3.898	0	20.210
MAIO	11	1.943	20	701	1.072	1.035	1	136	0	4.919
JUNHO	11	988	7	485	986	1.024	2	121	0	3.624
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>30</b>	<b>33.909</b>	<b>87</b>	<b>3.853</b>	<b>6.647</b>	<b>6.928</b>	<b>29</b>	<b>6.563</b>	<b>0</b>	<b>58.046</b>
JULHO	5	810	8	430	1.146	1.517	7	124	0	4.047
AGOSTO	9	1.418	33	400	1.665	1.150	5	159	0	4.839
SETEMBRO	17	1.248	8	431	948	1.132	5	131	0	3.920
OUTUBRO	6	2.357	10	553	826	822	2	209	0	4.785
NOVEMBRO	11	3.409	8	640	991	1.043	1	209	0	6.312
DEZEMBRO	6	3.395	47	1.228	1.776	1.457	39	272	0	8.220
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>54</b>	<b>12.637</b>	<b>114</b>	<b>3.682</b>	<b>7.352</b>	<b>7.121</b>	<b>59</b>	<b>1.104</b>	<b>0</b>	<b>32.123</b>
<b>ANUAL</b>	<b>84</b>	<b>46.546</b>	<b>201</b>	<b>7.535</b>	<b>13.999</b>	<b>14.049</b>	<b>88</b>	<b>7.667</b>	<b>0</b>	<b>90.169</b>

FONTE: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - Lei n.º 4.923/65 . Ministério do Trabalho

NOTA EXPLICATIVA:

Extrativa Mineral  
 Indústria de Transformação  
 Serviços Industriais de Utilidade Pública  
 Construção Civil

Comércio  
 Serviços  
 Administração Pública  
 Agropecuária, Silvicultura e Pesca

**FLUTUAÇÃO MENSAL DO EMPREGO POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA**  
**SALDO ( ADMISSÕES - DESLIGAMENTOS )**

**ALAGOAS**

**2003 - 2004**

MÊS	SALDO									
	EX.	IND.	CONST			ADM.	AGROP.	OUTRAS	TODAS AS	
	MIN.	TRANS	S.I.U.P.	CIVIL	COM.	SERV.	PUB.	SILV.	ATIVIDADES	
<b>2003</b>										
JANEIRO	2	-1.744	34	31	53	-25	-4	-290	-6	-1.949
FEVEREIRO	-2	-15.126	7	-40	279	-87	-2	-431	0	-15.402
MARÇO	1	-5.926	14	-247	-117	-244	-2	-543	0	-7.064
ABRIL	1	-784	5	-121	15	89	11	66	0	-718
MAIO	20	137	-1	-282	10	194	-1	238	0	315
JUNHO	8	844	1	-140	76	-93	-6	59	0	749
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>30</b>	<b>-22.599</b>	<b>60</b>	<b>-799</b>	<b>316</b>	<b>-166</b>	<b>-4</b>	<b>-901</b>	<b>-6</b>	<b>-24.069</b>
JULHO	5	-242	-101	-370	577	187	0	-16	0	40
AGOSTO	1	122	-18	-45	-319	587	-3	17	0	342
SETEMBRO	-3	33.396	-2	106	69	567	0	466	0	34.599
OUTUBRO	1	803	-19	324	372	252	3	743	0	2.479
NOVEMBRO	-1	-672	1	18	398	139	2	14	0	-101
DEZEMBRO	-27	-1.655	10	-438	54	-244	-5	-113	0	-2.418
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>-24</b>	<b>31.752</b>	<b>-129</b>	<b>-405</b>	<b>1.151</b>	<b>1.488</b>	<b>-3</b>	<b>1.111</b>	<b>0</b>	<b>34.941</b>
<b>ANUAL</b>	<b>6</b>	<b>9.153</b>	<b>-69</b>	<b>-1.204</b>	<b>1.467</b>	<b>1.322</b>	<b>-7</b>	<b>210</b>	<b>-6</b>	<b>10.872</b>
<b>2004</b>										
JANEIRO	5	-872	17	216	112	459	1	-539	0	-601
FEVEREIRO	3	-3.420	9	-451	-157	349	27	-702	0	-4.342
MARÇO	-1	-10.598	3	14	-51	101	29	-573	0	-11.076
ABRIL	3	-13.064	24	7	-102	147	160	-3.728	0	-16.553
MAIO	-3	-438	2	-88	297	353	7	124	0	254
JUNHO	1	-24	5	62	156	188	4	289	0	681
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>8</b>	<b>-28.416</b>	<b>60</b>	<b>-240</b>	<b>255</b>	<b>1.597</b>	<b>228</b>	<b>-5.129</b>	<b>0</b>	<b>-31.637</b>
JULHO	-2	247	7	180	793	-239	0	11	0	997
AGOSTO	2	4.334	-20	953	-300	196	6	-63	0	5.108
SETEMBRO	-14	31.290	1	601	54	71	-2	62	0	32.063
OUTUBRO	0	1.908	-6	182	508	547	1	373	0	3.513
NOVEMBRO	-2	581	7	-29	950	278	6	180	0	1.971
DEZEMBRO	19	-937	-43	-508	-463	-392	-33	24	0	-2.333
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>3</b>	<b>37.423</b>	<b>-54</b>	<b>1.379</b>	<b>1.542</b>	<b>461</b>	<b>-22</b>	<b>587</b>	<b>0</b>	<b>41.319</b>
<b>ANUAL</b>	<b>11</b>	<b>9.007</b>	<b>6</b>	<b>1.139</b>	<b>1.797</b>	<b>2.058</b>	<b>206</b>	<b>-4.542</b>	<b>0</b>	<b>9.682</b>

FONTE: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - Lei n.º 4.923/65 . Ministério do Trabalho

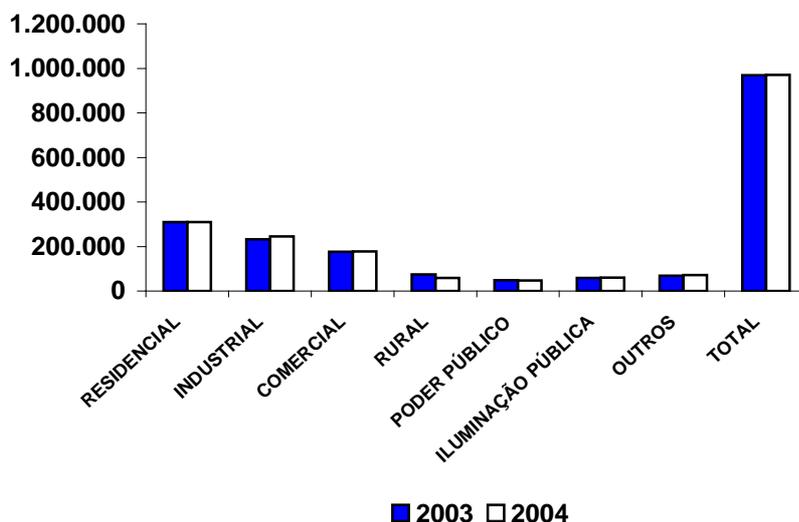
NOTA EXPLICATIVA:

Extrativa Mineral  
 Indústria de Transformação  
 Serviços Industriais de Utilidade Pública  
 Construção Civil

Comércio  
 Serviços  
 Administração Pública  
 Agropecuária, Silvicultura e Pesca

## ENERGIA ELÉTRICA

### CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE



O consumo de energia no segundo semestre de 2004<sup>28</sup> em relação a 2003, nos diversos setores do Estado, apresentou aumento de 0,20%, sendo 0,10% para o setor residencial, 5,69% para a indústria, 0,37% para o comércio e redução acentuada de 19,78% para o consumo rural.

No que se refere ao desempenho anual, verificou-se pequeno crescimento no consumo de 0,29% em relação a 2003, assim distribuído: residencial 0,99%, industrial 4,25%, comercial 0,77%, e uma acentuada redução no setor rural de 20,96%.

O pequeno crescimento no consumo de energia registrado em 2004 em relação a 2003, pode ser atenuado, pela inclusão da geração de energia de fontes alternativas, como no caso da biomassa<sup>29</sup>, além do consumo industrial de energia que é fornecida diretamente pela CHESF, destinada para unidades no Estado, registrando aumento de 5,04% (em 2004<sup>38</sup> em relação a 2003), volume que não é contabilizado pela CEAL.

<sup>28</sup> Fornecida pela CEAL

<sup>29</sup> O segmento sucroalcooleiro alagoano gera energia de biomassa (bagaço da cana) para consumo próprio, atendendo o setor industrial, irrigação e área administrativa. Algumas empresas ainda, contam com excedente que é comercializado com concessionárias de energia.

<sup>38</sup> CHESF

**CONSUMO INDUSTRIAL DE ENERGIA POR RAMO DE ATIVIDADE****ALAGOAS****2003 - 2004**

RAMO DE ATIVIDADE	CONSUMO INDUSTRIAL DE ENERGIA		
	POR RAMO DE ATIVIDADE (MWh)		
	2003	2004	VAR%
EXTRAÇÃO DE PETRÓLEO E SERVIÇOS CORRELATOS	86.500	103.409	19,55
EXTRAÇÃO DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS	14.000	14.800	5,71
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS E BEBIDAS	91.200	93.769	2,82
FAB. DE PRODUTOS TEXTEIS	45.700	52.187	14,19
EDIÇÃO,IMPRESSÃO,E REPROD.DE GRAVAÇÕES	1.600	1.354	-15,38
FAB. DE COQUE, REF.DE PETRÓLEO,COMB.NUCLEARES E ÁLCOOL	2.700	1.703	-36,93
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS QUÍMICOS	113.400	115.319	1,69
FABRICAÇÃO DE ARTIGOS DE BORRACHA E PLÁSTICOS	20.200	25.716	27,31
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS	43.700	48.750	11,56
FAB.DE PROD. DE METAL,EXCLUSIVE MAQ.E EQUIPAMENTOS.	1.000	1.009	0,90
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	1.800	1.706	-5,22
FAB. DE MÓVEIS E INDÚSTRIAS DIVERSAS	6.500	6.563	0,97
ELETRICIDADE,GÁS E ÁGUA QUENTE	1.300	1.719	32,23
CAPTAÇÃO,TRATAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA	900	1.245	38,33
CONSTRUÇÃO CIVIL	1.700	1.891	11,24
INDUSTRIAS NÃO ESPECIFICADAS	22.789	3.239	-85,79
INDUSTRIAS DIVERSAS	1.900	1.927	1,42
<b>TOTAL</b>	<b>456.889</b>	<b>476.306</b>	<b>4,25</b>

FONTE: CEAL

Nota: Dados trabalhados pela CGPLAN/SEPLAN

**ENERGIA ELÉTRICA**  
**CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE**  
**ALAGOAS**  
**2003 – 2004**

ABASTECIMENTO DE ENERGIA	CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE (em Mwh)		
	2º SEMESTRE 2003	2º SEMESTRE 2004	VAR %
RESIDENCIAL	309.713	310.015	0,10
INDUSTRIAL	231.813	245.008	5,69
COMERCIAL	176.893	177.544	0,37
RURAL	73.961	59.334	-19,78
PODER PÚBLICO	48.305	47.300	-2,08
ILUMINAÇÃO PÚBLICA	59.117	60.631	2,56
OUTROS	69.391	71.267	2,70
<b>TOTAL</b>	<b>969.193</b>	<b>971.099</b>	<b>0,20</b>

Fonte: Companhia Energética de Alagoas - CEAL

**ENERGIA ELÉTRICA**  
**CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE**  
**ALAGOAS**  
**2003 – 2004**

ABASTECIMENTO DE ENERGIA	CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE (em Mwh)		
	ANUAL 2003	ANUAL 2004	VAR %
RESIDENCIAL	638.612	644.921	0,99
INDUSTRIAL	456.889	476.307	4,25
COMERCIAL	361.099	363.878	0,77
RURAL	149.925	118.508	-20,96
PODER PÚBLICO	95.853	95.919	0,07
ILUMINAÇÃO PÚBLICA	117.698	120.727	2,57
OUTROS	137.373	142.797	3,95
<b>TOTAL</b>	<b>1.957.449</b>	<b>1.963.057</b>	<b>0,29</b>

Fonte: Companhia Energética de Alagoas - CEAL

**ENERGIA ELÉTRICA**  
**NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA POR CLASSE**  
**ALAGOAS**  
**2003 – 2004**

MÊS	CONSUMIDORES DE ENERGIA POR CLASSE							TOTAL
	RESIDENCIAL	INDUSTRIAL	COMERCIAL	RURAL	PODER PÚBLICO	ILUMINAÇÃO PÚBLICA	OUTROS	
<b>2003</b>								
JANEIRO	554.895	2.448	41.372	8.530	6.480	134	653	<b>614.512</b>
FEVEREIRO	559.203	2.453	41.517	8.427	6.506	133	658	<b>618.897</b>
MARÇO	559.035	2.441	41.216	8.754	6.490	142	662	<b>618.740</b>
ABRIL	562.249	2.459	41.461	8.586	6.528	136	660	<b>622.079</b>
MAIO	562.769	2.467	41.427	8.584	6.507	145	662	<b>622.561</b>
JUNHO	566.093	2.483	41.687	8.568	6.645	140	669	<b>626.285</b>
JULHO	566.262	2.496	41.630	8.574	6.619	143	671	<b>626.395</b>
AGOSTO	568.439	2.504	41.776	8.605	6.630	140	675	<b>628.769</b>
SETEMBRO	570.748	2.488	41.959	8.623	6.662	152	675	<b>631.307</b>
OUTUBRO	573.598	2.585	42.390	8.738	6.712	154	684	<b>634.861</b>
NOVEMBRO	574.068	2.581	42.418	8.909	6.764	157	687	<b>635.584</b>
DEZEMBRO	574.344	2.594	42.394	9.019	6.745	155	689	<b>635.940</b>
<b>2004</b>								
JANEIRO	577.321	2.583	42.568	6.928	6.780	144	691	<b>637.015</b>
FEVEREIRO	578.654	2.602	42.734	10.809	6.758	150	695	<b>642.402</b>
MARÇO	578.928	2.626	42.608	9.384	6.782	154	698	<b>641.180</b>
ABRIL	580.636	2.605	42.602	9.089	6.790	135	696	<b>642.553</b>
MAIO	581.668	2.636	42.796	9.086	6.870	144	687	<b>643.887</b>
JUNHO	581.392	2.618	42.611	9.185	6.921	116	690	<b>643.533</b>
JULHO	583.874	2.635	42.872	9.198	6.925	181	687	<b>646.372</b>
AGOSTO	585.357	2.641	42.962	9.224	6.940	145	685	<b>647.954</b>
SETEMBRO	586.651	2.650	43.203	9.258	6.949	145	684	<b>649.540</b>
OUTUBRO	588.812	2.645	42.852	9.175	6.930	154	683	<b>651.251</b>
NOVEMBRO	592.035	2.664	43.052	9.438	6.958	155	681	<b>654.983</b>
DEZEMBRO	595.061	2.686	43.224	9.443	6.963	143	388	<b>657.908</b>

Fonte: Companhia Energética de Alagoas – CEAL

**ENERGIA ELÉTRICA**  
**CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE**  
**ALAGOAS**  
**2003 – 2004**

MÊS	CONSUMO DE ENERGIA POR CLASSE ( em Mwh)							
	RESIDENCIAL	INDUSTRIAL	COMERCIAL	RURAL	PODER PÚBLICO	ILUMINAÇÃO PÚBLICA	OUTROS	TOTAL
<b>2003</b>								
JANEIRO	57.570	37.421	33.447	16.137	9.399	9.531	11.495	175.000
FEVEREIRO	55.151	36.552	31.149	17.504	6.757	9.638	10.893	167.644
MARÇO	54.402	37.559	29.227	11.331	6.419	9.813	11.300	160.051
ABRIL	53.564	39.090	30.503	11.502	8.429	9.817	11.582	164.487
MAIO	54.733	35.233	29.077	9.851	7.737	9.865	11.239	157.735
JUNHO	53.479	39.221	30.803	9.639	8.807	9.917	11.473	163.339
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>328.899</b>	<b>225.076</b>	<b>184.206</b>	<b>75.964</b>	<b>47.548</b>	<b>58.581</b>	<b>67.982</b>	<b>988.256</b>
JULHO	49.008	39.059	26.876	3.508	6.885	9.902	11.016	146.254
AGOSTO	50.177	40.960	28.609	7.517	7.748	9.906	11.863	156.780
SETEMBRO	51.096	39.632	28.769	7.266	7.797	9.913	11.250	155.723
OUTUBRO	51.841	37.941	29.538	24.442	8.530	9.911	13.385	175.588
NOVEMBRO	53.102	37.629	31.030	15.012	8.848	9.569	10.530	165.720
DEZEMBRO	54.489	36.592	32.071	16.216	8.497	9.916	11.347	169.128
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>309.713</b>	<b>231.813</b>	<b>176.893</b>	<b>73.961</b>	<b>48.305</b>	<b>59.117</b>	<b>69.391</b>	<b>969.193</b>
<b>ANUAL</b>	<b>638.612</b>	<b>456.889</b>	<b>361.099</b>	<b>149.925</b>	<b>95.853</b>	<b>117.698</b>	<b>137.373</b>	<b>1.957.449</b>
<b>2004</b>								
JANEIRO	59.273	35.630	31.461	14.883	7.307	9.977	11.898	170.429
FEVEREIRO	54.516	40.019	30.119	11.777	7.321	10.006	10.645	164.403
MARÇO	55.042	36.116	30.572	7.761	7.926	10.009	11.580	159.006
ABRIL	56.082	39.983	32.021	10.396	8.880	10.395	12.735	170.492
MAIO	55.113	37.604	30.512	7.242	8.380	9.687	12.216	160.754
JUNHO	54.880	41.947	31.649	7.115	8.805	10.022	12.456	166.874
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>334.906</b>	<b>231.299</b>	<b>186.334</b>	<b>59.174</b>	<b>48.619</b>	<b>60.096</b>	<b>71.530</b>	<b>991.958</b>
JULHO	50.870	41.195	27.614	6.275	7.027	10.030	11.808	154.819
AGOSTO	47.564	43.051	27.011	6.374	7.213	10.028	11.309	152.550
SETEMBRO	51.308	42.482	29.066	6.764	7.968	10.036	12.137	159.761
OUTUBRO	51.757	40.453	29.911	10.384	7.955	10.204	12.164	162.828
NOVEMBRO	52.364	39.873	30.409	14.241	8.675	10.172	12.434	168.168
DEZEMBRO	56.152	37.954	33.533	15.296	8.462	10.161	11.415	172.973
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>310.015</b>	<b>245.008</b>	<b>177.544</b>	<b>59.334</b>	<b>47.300</b>	<b>60.631</b>	<b>71.267</b>	<b>971.099</b>
<b>ANUAL</b>	<b>644.921</b>	<b>476.307</b>	<b>363.878</b>	<b>118.508</b>	<b>95.919</b>	<b>120.727</b>	<b>142.797</b>	<b>1.963.057</b>

Fonte: Companhia Energética de Alagoas – CEAL

**ENÉRGIA ELETRICA****CONSUMO INDUSTRIAL DE ENERGIA FORNECIDA DIRETAMENTE DA CHESF****PARA UNIDADES INDUSTRIAIS NO ESTADO****ALAGOAS****2003 – 2004**

MÊS	CONSUMO INDUSTRIAL	MÊS	CONSUMO INDUSTRIAL	VAR (%)
	DE ENERGIA		DE ENERGIA	
	Consumo (MWh/Mês)		Consumo (MWh/Mês)	
<b>2003</b>		<b>2004</b>		
Janeiro	120.996	Janeiro	110.839	-8,39
Fevereiro	76.819	Fevereiro	97.006	26,28
Março	89.489	Março	96.423	7,75
Abril	109.989	Abril	114.067	3,71
Mai	96.284	Mai	118.098	22,66
Junho	122.178	Junho	112.566	-7,87
1º Semestre	615.755	1º Semestre	648.999	5,40
Julho	122.071	Julho	122.588	0,42
Agosto	124.042	Agosto	123.599	-0,36
Setembro	117.005	Setembro	114.399	-2,23
Outubro	118.146	Outubro	122.476	3,66
Novembro	98.611	Novembro	115.609	17,24
Dezembro	104.526	Dezembro	117.989	12,88
2º Semestre	684.401	2º Semestre	716.660	4,71
Anual	1.300.156	Anual	1.365.659	5,04

FONTE: CHESF /PR /SCE /DRC

## PETRÓLEO

A produção nacional de petróleo foi de 1,493 milhão de barris por dia e as vendas de combustíveis no mercado interno somaram 1,939 milhão de barris.

Em 2004, a Petrobras apresentou o maior lucro de sua história, R\$ 17,861<sup>30</sup> bilhões. O desempenho da estatal, porém, não acompanhou os resultados de seus concorrentes internacionais: Shell, ExxonMobil e British Petroleum, por exemplo, conseguiram elevar seus lucros entre 26% e 48%, beneficiados pela disparada do petróleo no mercado internacional.

O aumento do consumo no mercado interno, aliado a uma redução de 3% na produção nacional de petróleo, levou a Petrobras, a apresentar déficit em seu resultado anual.

Por outro lado, a empresa sofreu com aumento nos custos de frete internacional. Maiores gastos com folha salarial, planos de pensão e saúde dos funcionários, também contribuíram para o resultado da estatal.

Em se tratando de investimentos, a Petrobras informou que investiu R\$ 21,8 bilhões em 2004, com destaque para a área de exploração e produção, que ficou com 12,4 bilhões do orçamento, volume 42% superior em 2003.

No que se refere a extração de petróleo em Alagoas, em 2004 nova jazida de petróleo foi encontrada a 37 km de Maceió, no município de São Miguel dos Campos. Segundo a diretoria da Petrobras, a nova reserva tem potencial de exploração de até 15 milhões de barris de petróleo.

Quando estiver em plena atividade, da jazida poderão ser extraídos até 6 mil barris por dia. Não vai contribuir efetivamente para a busca da auto-suficiência do consumo de petróleo do país, que precisa de uma produção diária de 2 milhões de barris por dia, mas, para a economia local, a nova reserva gerará significativos dividendos<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> Crescendo junto com o Brasil. Revista Petrobras – Ano 11. n° 104. Março – Abril, p. 14.

<sup>31</sup> Gazeta de Alagoas, 05.12.2004, Caderno Economia, pA13.

## GÁS NATURAL

A produção de Gás Natural no Brasil vem aumentando, tanto em terra como em mar. Em 2004 a produção representou 16.971.156.000 metros cúbicos, quantidade 7,47% superior a 2003 que foi de 15.792.064.000 metros cúbicos.

Em Alagoas, a produção de Gás Natural registrou aumento de 29,33% no mesmo período. Seja em indústrias, residências, estabelecimentos comerciais ou automóveis. O gás natural vem surgindo como uma alternativa ecológica e econômica para mover o crescimento de Alagoas.

O segmento industrial foi o primeiro a ser explorado em Alagoas, possibilitando uma competitividade econômica no setor. A Algás fornece gás natural para 12 indústrias, inclusive ao Pólo de Marechal Deodoro, bem como para o Distrito Industrial Luiz Cavalcante. Esse insumo pode ser utilizado por qualquer indústria que deseje se instalar nesses locais.

O gás natural canalizado para residências, está atendendo embora que de forma parcial, as expectativas do setor. Com o sucesso do fornecimento do gás natural residencial a Algás passou a expandir o fornecimento para estabelecimentos comerciais.

A economia, comodidade e segurança que esse energético proporciona aos seus usuários, conquistaram rapidamente os dois segmentos. Em 2004, foram registrados na cidade de Maceió cerca de 4 mil residências e 100 estabelecimentos comerciais interligados. Esses números representaram um crescimento de 320,0% no segmento residencial e de 270,0% no segmento comercial no ano de 2004. Bares, hotéis, restaurantes, padarias, lavanderias, hospitais entre outros estabelecimentos comerciais usam o gás natural de diversas formas, colocando esse energético no cotidiano dos alagoanos que se beneficiam com as vantagens.

Em se tratando do Gás Natural Veicular (GNV), no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP), em 2004, 820 mil veículos já utilizam o gás natural. No Rio de Janeiro, Estado onde mais se consome GNV, são usuários 320 mil veículos desse tipo de combustível.

Alagoas contou em 2004, com 17 postos de gás natural, sendo 15 deles em Maceió, um em Pilar e outro em Arapiraca.

O primeiro posto de GNV no interior, foi inaugurado em 2003 na cidade de Pilar. A seguir, uma pesquisa indicou um grande número de veículos movidos a GNV no mercado de Arapiraca, motivo pelo qual, a Algás levou em julho de 2004 o gás natural até o agreste alagoano. Apesar de o município não possuir um gasoduto, o posto conta com uma nova tecnologia permitindo que o Gás Natural Comprimido (GNC) seja transportado em carretas equipadas com cilindros de alta pressão até a unidade de abastecimento.

Alagoas é o primeiro Estado no Brasil a possuir um posto com operação comercial de GNC, e Arapiraca a primeira cidade brasileira a possuir um posto de Gás Natural Comprimido, utilizando uma moderna tecnologia de transporte e abastecimento, denominado gasoduto virtual.

O investimento para a tecnologia de transporte e a infra-estrutura do posto foi de R\$ 1 milhão. O posto da cidade de Arapiraca, é o segundo posto de Gás Natural Veicular (GNV) no interior de Alagoas.

A Algás continua realizando estudos técnicos para implantação de novas unidades de abastecimento no interior do Estado.

“Nossa expectativa é que o número de carros movidos a gás natural veicular dobre com a abertura de novos postos”, afirma Gerson Fonseca, Presidente da Algás<sup>32</sup>.

A frota alagoana de carros movidos

<sup>32</sup> O Jornal, 16.07.2004, Caderno Economia, p. A15

a GNV em 2004 alcançou aproximadamente 10 mil veículos e com expectativa do crescimento desse número, com a continuidade do processo de interiorização do gás natural iniciado pela Algás.

Como uma das forças indutoras do desenvolvimento do Estado, a Unidade de Processamento de Gás Natural de Alagoas (UPGN-AL) localizada a 36 km de Maceió, no complexo industrial da Petrobras, começou a operar em abril de 2003 e processa gás natural proveniente nos campos de produção de Alagoas.

A UPGN tem capacidade de processar dois milhões de metros cúbicos de gás natural por dia.

São produzidos diariamente :

- 160 toneladas de GLP, equivalente a cerca de 12mil botijões de gás de cozinha de 13 kg;
- 1,8 milhão de metros cúbicos de gás industrial que será destinado ao Parque Industrial de Alagoas, postos de abastecimento de veículos, comércio e residências de Maceió, termelétrica de Alagoas e para a reinjeção em poços visando aumento da produção de petróleo.
- 28 mil litros de gasolina natural que serão enviados para reprocessamento em uma das refinarias da Petrobras.

A UPGN-AL contribui de forma significativa para o desenvolvimento da economia regional, incrementando a arrecadação de impostos e gerando novos empregos.

**VENDAS DOS DERIVADOS DE COMBUSTÍVEIS  
DE PETRÓLEO NO ESTADO (bep)<sup>1</sup>  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

MESES	ÓLEO DIESEL		GASOLINA		GLP(2)		ÁLCOOL HIDRATADO	
	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %	TOTAL	VAR %
<b>2003</b>								
JANEIRO	213.341	-	77.403	-	47.228	-	6.062	-
FEVEREIRO	163.265	-	63.409	-	41.744	-	5.264	-
MARÇO	124.290	-	60.832	-	43.195	-	4.467	-
ABRIL	126.076	-	64.415	-	41.464	-	7.176	-
MAIO	124.068	-	68.808	-	47.330	-	8.014	-
JUNHO	113.608	-	64.497	-	44.608	-	7.618	-
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>864.648</b>	-	<b>399.364</b>	-	<b>265.569</b>	-	<b>38.601</b>	-
JULHO	127.362	-	69.991	-	50.013	-	6.726	-
AGOSTO	123.826	-	69.858	-	49.582	-	4.934	-
SETEMBRO	153.908	-	71.179	-	49.339	-	6.211	-
OUTUBRO	201.368	-	75.082	-	51.885	-	4.969	-
NOVEMBRO	192.709	-	68.682	-	47.596	-	5.432	-
DEZEMBRO	221.057	-	83.383	-	53.098	-	6.651	-
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>1.020.230</b>	-	<b>438.175</b>	-	<b>301.513</b>	-	<b>34.923</b>	-
<b>ANUAL</b>	<b>1.884.877</b>	-	<b>837.539</b>	-	<b>567.082</b>	-	<b>73.524</b>	-
<b>2004</b>								
JANEIRO	249.939	17,15	76.746	-0,85	50.420	6,76	6.229	2,75
FEVEREIRO	154.970	-5,08	68.673	8,30	44.221	5,93	4.750	-9,76
MARÇO	171.474	37,96	74.676	22,76	50.365	16,60	5.966	33,56
ABRIL	134.887	6,99	77.303	20,01	49.790	20,08	5.733	-20,11
MAIO	115.899	-6,58	65.213	-5,22	47.334	0,01	5.671	-29,24
JUNHO	116.590	2,62	67.965	5,38	48.353	8,40	7.950	4,36
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>943.759</b>	<b>9,15</b>	<b>430.576</b>	<b>7,82</b>	<b>290.483</b>	<b>9,38</b>	<b>36.299</b>	<b>-5,96</b>
JULHO	125.089	-1,78	72.155	3,09	53.303	6,58	10.549	56,84
AGOSTO	128.589	3,85	73.511	5,23	51.271	3,41	9.285	88,18
SETEMBRO	166.272	8,03	78.928	10,89	53.202	7,83	9.167	47,59
OUTUBRO	199.068	-1,14	77.384	3,07	51.026	-1,66	7.868	58,34
NOVEMBRO	219.366	13,83	74.884	9,03	49.920	4,88	6.935	27,67
DEZEMBRO	234.591	6,12	86.692	3,97	52.843	-0,48	4.889	-26,49
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>1.072.975</b>	<b>5,17</b>	<b>463.554</b>	<b>5,79</b>	<b>311.565</b>	<b>3,33</b>	<b>48.693</b>	<b>39,43</b>
<b>ANUAL</b>	<b>2.016.734</b>	<b>7,00</b>	<b>894.130</b>	<b>6,76</b>	<b>602.048</b>	<b>6,17</b>	<b>84.992</b>	<b>15,60</b>

Fonte: Companhias Distribuidoras.

Notas: 1. Os dados de vendas são informados pelas distribuidoras através da Declaração de controle de Produtos - DCP. As distribuidoras tem até o último dia útil do mês subsequente para informar esses dados. Entretanto, algumas delas não enviam os dados dentro do prazo previsto, o que acarreta modificações posteriores nos dados divulgados - mais recentes. Assim sendo, os interessados nos dados de vendas aqui divulgados devem permanentemente monitorar mudanças que eventualmente tenham ocorridas.

2. GLP - Gás liquefeito de Petróleo.

3. bep - barril equivalente de petróleo

**PRODUÇÃO NACIONAL DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL**  
**(TERRA E MAR EM ALAGOAS)** (em bep)<sup>1</sup>

MESES	PRODUÇÃO NACIONAL			
	PETRÓLEO		GÁS NATURAL	
	TOTAL	VARIAÇÃO %	2003	VARIAÇÃO %
<b>2003</b>				
JANEIRO	241.636	-	422.164	-
FEVEREIRO	231.051	-	386.877	-
MARÇO	250.201	-	443.633	-
ABRIL	222.890	-	431.222	-
MAIO	214.524	-	491.175	-
JUNHO	195.415	-	513.502	-
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>1.355.717</b>	<b>-</b>	<b>2.688.573</b>	<b>-</b>
JULHO	225.806	-	496.325	-
AGOSTO	285.501	-	491.331	-
SETEMBRO	269.282	-	488.981	-
OUTUBRO	261.930	-	534.619	-
NOVEMBRO	234.622	-	522.797	-
DEZEMBRO	240.512	-	592.436	-
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>1.517.653</b>	<b>-</b>	<b>3.126.489</b>	<b>-</b>
<b>ANUAL</b>	<b>2.873.370</b>	<b>-</b>	<b>5.815.062</b>	<b>-</b>
<b>2004</b>				
JANEIRO	221.113	-8,49	573.932	35,95
FEVEREIRO	203.802	-11,79	565.312	46,12
MARÇO	221.139	-11,62	602.034	35,71
ABRIL	210.481	-5,57	583.479	35,31
MAIO	218.828	2,01	563.593	14,74
JUNHO	241.506	23,59	641.647	24,96
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>1.316.869</b>	<b>-2,87</b>	<b>3.529.997</b>	<b>31,30</b>
JULHO	267.908	18,65	695.317	40,09
AGOSTO	253.247	-11,30	663.350	35,01
SETEMBRO	235.508	-12,54	658.066	34,58
OUTUBRO	231.400	-11,66	679.585	27,12
NOVEMBRO	231.809	-1,20	649.430	24,22
DEZEMBRO	230.495	-4,16	644.941	8,86
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>1.450.367</b>	<b>-4,43</b>	<b>3.990.689</b>	<b>27,64</b>
<b>ANUAL</b>	<b>2.767.236</b>	<b>-3,69</b>	<b>7.520.686</b>	<b>29,33</b>

Fonte: ANP- Boletim Mensal de Produção Submetido à ANP.  
 Nota: 1. bep –barril equivalente de petróleo

A CASAL – Companhia de Abastecimento de Água do Estado de Alagoas, em relatório, aponta que abastece 77 municípios atendendo 1.369.048 pessoas no Estado. São disponibilizados mensalmente nove milhões de metros cúbicos de água, todavia 4,5 milhões não chegam às residências devido a tubulação que é antiga<sup>33</sup>, ou desperdício por vazamento<sup>34</sup>.

O segundo semestre de 2004 em relação ao mesmo período de 2003, registrou aumento de 4,42% em relação ao número de economias ativas de água por categorias, com as seguintes variações: residencial e setor público, aumento de 4,90% e 4,14%. No entanto os setores industrial e comercial registraram redução de 7,49% e 5,76% , respectivamente.

Como reflexo do desempenho durante o ano, a CASAL encerrou 2004, com aumento de 3,55%<sup>35</sup> em relação a 2003, sendo verificada redução de 4,75% para o setor comercial e 6,63% para o industrial. Entretanto, os setores residencial e público apresentaram aumento de 3,93% e 3,76%.

O número de poços artesianos administrados por particulares, atendendo tanto ao setor residencial como industrial, contribui para a redução verificada nesses dois ítems, no ano de 2004.

Investir em infra-estrutura e reduzir perdas, poderão significar passos importantes para a reestruturação da empresa.

---

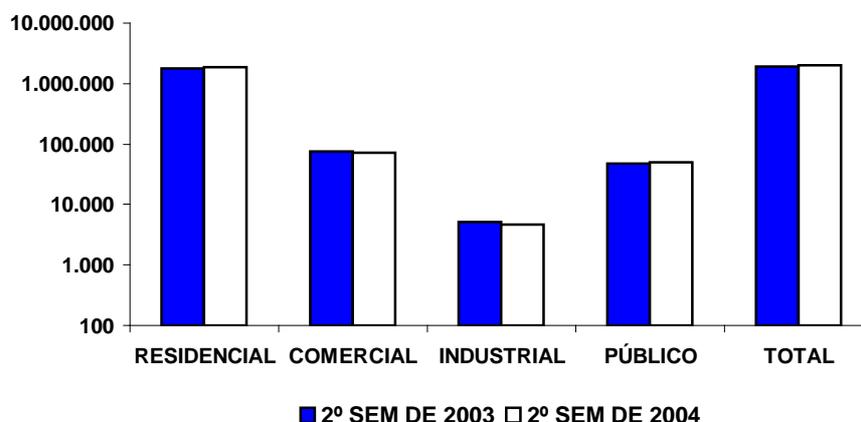
<sup>33</sup> Ferro

<sup>34</sup> Gazeta De Alagoas, 15.05.2005 – Política, p, A8

---

<sup>35</sup> Número de economias ativas de água por categorias.

### ABASTECIMENTO DE ÁGUA



### SANEAMENTO BÁSICO ABASTECIMENTO DE ÁGUA NÚMERO DE ECONOMIAS ATIVAS DE ÁGUA POR CATEGORIAS ALAGOAS 2003 - 2004

ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR CATEGORIA	NÚMERO DE ECONOMIAS ATIVAS		
	2º SEMESTRE 2003	2º SEMESTRE 2004	VAR %
RESIDENCIAL	1.786.548	1.874.122	4,90
COMERCIAL	76.484	72.076	-5,76
INDUSTRIAL	5.073	4.693	-7,49
PÚBLICO	48.126	50.117	4,14
TOTAL	1.916.231	2.001.008	4,42

Fonte: Relatório de Análise de Consumo de Água por economia - R12 / CASAL

### SANEAMENTO BÁSICO ABASTECIMENTO DE ÁGUA NÚMERO DE ECONOMIAS ATIVAS DE ÁGUA POR CATEGORIAS ALAGOAS 2003 - 2004

ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR CATEGORIA	NÚMERO DE ECONOMIAS ATIVAS		
	ANUAL 2003	ANUAL 2004	VAR %
RESIDENCIAL	3.572.420	3.712.916	3,93
COMERCIAL	154.330	146.995	-4,75
INDUSTRIAL	10.344	9.658	-6,63
PÚBLICO	95.327	98.916	3,76
TOTAL	3.832.421	3.968.485	3,55

Fonte: Relatório de Análise de Consumo de Água por economia - R12 / CASAL

**SANEAMENTO BÁSICO**  
**ABASTECIMENTO DE ÁGUA**  
**NÚMERO DE ECONOMIAS ATIVAS DE ÁGUA POR CATEGORIAS**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

MÊS	NÚMERO DE ECONOMIAS ATIVAS DE ÁGUA POR CATEGORIAS									
	RESIDENCIAL	VAR.%	COMERCIAL	VAR.%	INDUSTRIAL	VAR.%	PÚBLICO	VAR.%	TOTAL	VAR.%
<b>2003</b>										
JANEIRO	296.424	7,47	13.110	1,17	894	-5,70	7.857	3,83	<b>318.285</b>	7,06
FEVEREIRO	297.254	6,72	12.923	-0,36	890	-4,20	7.877	4,22	<b>318.944</b>	6,32
MARÇO	298.508	6,57	12.856	-0,95	890	-2,41	7.877	2,62	<b>320.131</b>	6,12
ABRIL	298.197	5,99	12.871	-1,04	885	-2,64	7.877	2,31	<b>319.830</b>	5,58
MAIO	298.281	6,04	13.076	0,75	861	-4,12	7.819	1,64	<b>320.037</b>	5,68
JUNHO	297.208	5,03	13.010	0,74	851	-5,02	7.894	2,29	<b>318.963</b>	4,75
JULHO	297.118	4,44	12.887	-0,59	849	-4,82	7.932	2,87	<b>318.786</b>	4,16
AGOSTO	296.700	4,18	12.853	-1,30	845	-6,22	7.958	2,45	<b>318.356</b>	3,87
SETEMBRO	297.156	4,01	12.806	-0,22	847	-4,62	8.028	2,74	<b>318.837</b>	3,78
OUTUBRO	297.884	3,44	12.723	-1,17	838	-5,52	8.018	2,26	<b>319.463</b>	3,19
NOVEMBRO	298.366	2,54	12.611	-2,60	845	-4,63	8.092	2,56	<b>319.914</b>	2,31
DEZEMBRO	299.324	1,92	12.604	-3,28	849	-5,67	8.098	2,90	<b>320.875</b>	1,71
<b>2004</b>										
JANEIRO	300.866	1,50	12.581	-4,04	842	-5,82	8.067	2,67	<b>322.356</b>	1,28
FEVEREIRO	304.950	2,59	12.631	-2,26	840	-5,62	7.995	1,50	<b>326.416</b>	2,34
MARÇO	299.525	0,34	12.282	-4,46	824	-7,42	7.933	0,71	<b>320.564</b>	0,14
ABRIL	310.206	4,03	12.525	-2,69	832	-5,99	8.253	4,77	<b>331.816</b>	3,75
MAIO	311.690	4,50	12.493	-4,46	819	-4,88	8.268	5,74	<b>333.270</b>	4,13
JUNHO	311.557	4,83	12.407	-4,63	808	-5,05	8.283	4,93	<b>333.055</b>	4,42
JULHO	311.238	4,75	12.377	-3,96	794	-6,48	8.294	4,56	<b>332.703</b>	4,37
AGOSTO	312.223	5,23	12.325	-4,11	774	-8,40	8.323	4,59	<b>333.645</b>	4,80
SETEMBRO	311.752	4,91	11.960	-6,61	798	-5,79	8.359	4,12	<b>332.869</b>	4,40
OUTUBRO	312.339	4,85	11.774	-7,46	791	-5,61	8.364	4,32	<b>333.268</b>	4,32
NOVEMBRO	312.859	4,86	11.773	-6,64	783	-7,34	8.391	3,70	<b>333.806</b>	4,34
DEZEMBRO	313.711	4,81	11.867	-5,85	753	-11,31	8.386	3,56	<b>334.717</b>	4,31

Fonte: Relatório de Análise de Consumo de Água por economia - R12 / CASAL

**ABASTECIMENTO DE ÁGUA**  
**VOLUME FATURADO TOTAL BRUTO DE ÁGUA POR CATEGORIAS**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

MÊS	VOLUME FATURADO BRUTO DE ÁGUA POR CATEGORIAS (m3)									
	RESIDENCIAL	Var. %	COMERCIAL	Var. %	INDUSTRIAL	Var. %	PÚBLICO	Var. %	TOTAL	Var. %
<b>2003</b>										
JANEIRO	4.174.816	7,60	297.329	-24,95	45.792	20,27	234.389	-11,04	4.752.326	3,82
FEVEREIRO	4.074.637	10,05	265.968	-10,64	43.084	-5,11	221.163	1,15	4.604.852	7,99
MARÇO	3.924.676	2,03	250.300	-15,19	30.856	-45,39	234.147	4,47	4.439.979	0,39
ABRIL	3.900.445	5,66	210.933	-14,94	29.278	-24,60	202.226	-19,36	4.342.882	2,69
MAIO	3.959.373	3,60	217.697	-18,47	26.201	-41,00	203.787	-15,74	4.407.058	0,73
JUNHO	3.807.770	0,58	205.168	-28,31	29.901	-25,61	196.070	-10,42	4.238.909	-2,12
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>23.841.717</b>	<b>4,90</b>	<b>1.447.395</b>	<b>-19,15</b>	<b>205.112</b>	<b>-22,13</b>	<b>1.291.782</b>	<b>-8,89</b>	<b>26.786.006</b>	<b>2,24</b>
JULHO	3.840.519	2,61	210.770	-14,86	37.166	-11,94	215.106	-3,75	4.303.561	1,11
AGOSTO	3.980.116	9,23	234.028	0,10	30.780	-34,91	203.826	-12,15	4.448.750	7,02
SETEMBRO	3.894.132	5,30	223.392	-14,01	28.833	-3,53	210.647	-1,12	4.357.004	3,71
OUTUBRO	3.911.346	3,10	225.821	-8,85	31.653	7,43	235.850	10,03	4.404.670	2,79
NOVEMBRO	3.996.739	1,38	218.422	-23,40	34.583	-35,72	223.062	-6,29	4.472.806	-1,03
DEZEMBRO	4.037.003	0,04	214.111	-9,36	38.577	-20,58	205.416	-28,97	4.495.107	-2,48
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>23.659.855</b>	<b>3,52</b>	<b>1.326.544</b>	<b>-12,17</b>	<b>201.592</b>	<b>-19,76</b>	<b>1.293.907</b>	<b>-8,24</b>	<b>26.481.898</b>	<b>1,74</b>
<b>ANUAL</b>	<b>47.501.572</b>	<b>4,21</b>	<b>2.773.939</b>	<b>-15,95</b>	<b>406.704</b>	<b>-20,97</b>	<b>2.585.689</b>	<b>-8,56</b>	<b>53.267.904</b>	<b>1,99</b>
<b>2004</b>										
JANEIRO	4.320.209	3,48	219.933	-26,03	37.609	-17,87	208.192	-11,18	4.785.943	0,71
FEVEREIRO	4.030.608	-1,08	209.538	-21,22	33.462	-22,33	200.217	-9,47	4.473.825	-2,85
MARÇO	4.089.089	4,19	221.337	-11,57	37.626	21,94	204.239	-12,77	4.552.291	2,53
ABRIL	4.028.207	3,28	207.585	-1,59	36.491	24,64	204.697	1,22	4.476.980	3,09
MAIO	4.178.904	5,54	221.966	1,96	33.620	28,32	222.959	9,41	4.657.449	5,68
JUNHO	4.016.692	5,49	213.392	4,01	34.950	16,89	222.348	13,40	4.487.382	5,86
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>24.663.709</b>	<b>3,45</b>	<b>1.293.751</b>	<b>-10,62</b>	<b>213.758</b>	<b>4,22</b>	<b>1.262.652</b>	<b>-2,26</b>	<b>27.433.870</b>	<b>2,42</b>
JULHO	4.095.257	6,63	229.347	8,81	45.128	21,42	219.581	2,08	4.589.313	6,64
AGOSTO	3.865.545	-2,88	211.842	-9,48	28.301	-8,05	192.870	-5,38	4.298.558	-3,38
SETEMBRO	4.062.667	4,33	202.321	-9,43	30.130	4,50	214.494	1,83	4.509.612	3,50
OUTUBRO	4.085.802	4,46	200.837	-11,06	34.810	9,97	233.782	-0,88	4.555.231	3,42
NOVEMBRO	4.199.867	5,08	203.147	-6,99	35.987	4,06	255.401	14,50	4.694.402	4,95
DEZEMBRO	4.206.339	4,19	210.665	-1,61	34.373	-10,90	224.233	9,16	4.675.610	4,02
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>24.515.477</b>	<b>3,62</b>	<b>1.258.159</b>	<b>-5,16</b>	<b>208.729</b>	<b>3,54</b>	<b>1.340.361</b>	<b>3,59</b>	<b>27.322.726</b>	<b>3,18</b>
<b>ANUAL</b>	<b>49.179.186</b>	<b>3,53</b>	<b>2.551.910</b>	<b>-8,00</b>	<b>422.487</b>	<b>3,88</b>	<b>2.603.013</b>	<b>0,67</b>	<b>54.756.596</b>	<b>2,79</b>

Fonte: Resumo da ligações/economia - R-4 (Relatório de Análise de Consumo de Água por economia R-12/CASAL)

**EVOLUÇÃO DO ATENDIMENTO  
ABASTECIMENTO DE ÁGUA  
ALAGOAS  
2004**

MÊS	ABASTECIMENTO DE ÁGUA								
	LIGAÇÕES ATIVAS			ECONOMIAS ATIVAS			LIGAÇÕES INATIVAS		
	MÊS ANT	MÊS ATUAL	VAR%	MÊS ANT	MÊS ATUAL	VAR%	MÊS ANT	MÊS ATUAL	VAR%
JANEIRO	283.688	285.201	0,53	320.875	322.356	0,46	74.957	74.446	-0,68
FEVEREIRO	285.201	289.446	1,49	322.356	326.416	1,26	74.446	71.543	-3,90
MARÇO	289.446	291.338	0,65	326.416	328.538	0,65	71.543	68.864	-3,74
ABRIL	291.338	292.188	0,29	328.538	329.584	0,32	68.864	68.977	0,16
MAIO	292.188	293.420	0,42	329.584	331.038	0,44	68.977	77.828	12,83
JUNHO	293.420	293.129	-0,10	331.038	330.823	-0,06	69.139	70.349	1,75
JULHO	293.129	292.780	-0,12	330.823	330.471	-0,11	70.349	71.157	1,15
AGOSTO	292.780	293.899	0,38	330.471	331.413	0,29	71.157	70.704	-0,64
SETEMBRO	293.899	293.156	-0,25	331.413	330.637	-0,23	70.704	72.209	2,13
OUTUBRO	293.156	293.420	0,09	330.637	331.036	0,12	72.209	73.196	1,37
NOVEMBRO	293.420	294.060	0,22	331.036	331.574	0,16	73.196	73.693	0,68
DEZEMBRO	294.060	294.545	0,16	331.574	332.485	0,27	73.693	74.021	0,45
<b>TOTAL</b>	<b>3.495.725</b>	<b>3.506.582</b>	<b>0,31</b>	<b>3.944.761</b>	<b>3.956.371</b>	<b>0,29</b>	<b>859.234</b>	<b>866.987</b>	<b>0,90</b>

Fonte: CASAL.

A receita do governo federal em 2004 alcançou R\$ 423,6 bilhões, ou seja, 24,0% do PIB<sup>36</sup>, verificando um incremento de 18,0% em relação a 2003, cujo valor atingiu R\$ 358,8 bilhões, significando 23% do PIB<sup>37</sup>. A despesa teve um acréscimo de 18,2% em 2004, ou seja, passando de R\$ 259,3 bilhões em 2003, para R\$ 306,7 bilhões<sup>38</sup>.

Além dos tradicionais setores atendidos pela Constituição em 2004, a União se viu obrigada a garantir dois novos repasses constitucionais para os Estados: a repartição da Cide<sup>39</sup> e a compensação das exportações. A Cide representou R\$239,6 milhões aos cofres dos estados nordestinos e a soma do Fundo de Compensação das Exportações totalizou R\$ 137,1 milhões. As duas transferências foram formalizadas pela primeira fase da reforma tributária, no final de 2003.

Os Estados da Região Nordeste lideraram os repasses de recursos institucionais em 2004. Foram recebidos R\$ 14,8 bilhões, como transferência do governo federal. O volume representa 32,8% do total destinado pela União aos estados brasileiros no ano passado, em recursos com rubrica na Constituição.

Neste grupo estão repasses para o Fundo de Valorização e Desenvolvimento do Magistério e Ensino Fundamental (FUNDEF), para as ações em Saúde, a compensação das exportações com o fim da Lei Kandir, o pagamento de *royalties*, a repartição da Cide com os estados, e outras despesas. Em termos absolutos, o montante repassado ao Nordeste é o maior do País.

Se considerada a média de recursos pelo número de estados, no entanto, os R\$14,8 bilhões destinados aos nordestinos ficam atrás dos R\$ 13,0 bilhões repassados ao Sudeste. Os recursos enviados ao Nordeste foram divididos entre os nove estados, o que garante um montante médio de R\$1,6 bilhão por unidade federativa. Como o Sudeste conta apenas com quatro estados, a média de recursos para aquela região é de R\$ 3,2 bilhões, ou quase o dobro do repassado para o Nordeste.

<sup>36</sup> PIB Brasil previsão 2004 R\$ 1.769.202

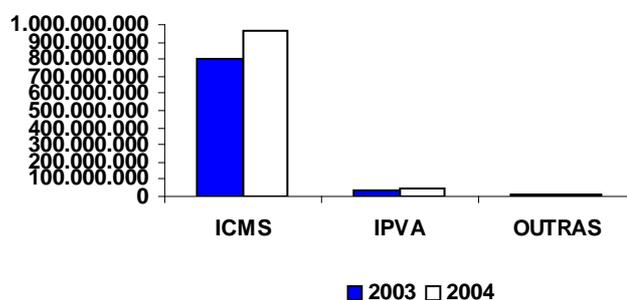
<sup>37</sup> PIB Brasil 2003 R\$ 1.556.182

<sup>38</sup> BNB Conjuntura Econômica, n.2, jan-fev. 2005.

<sup>39</sup> Imposto sobre os combustíveis

## RECEITA

### DEMONSTRATIVO DA ARRECADAÇÃO DO ESTADO DE ALAGOAS



A arrecadação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) em Alagoas, teve um incremento de 117% no período de seis anos. O crescimento nominal do imposto (sem descontar a inflação do período) ocorreu a partir de 1997, sobretudo após a implantação do Projeto de Reestruturação e Modernização do Aparelho Fiscal (Promofaz).

Em 2004 a arrecadação do ICMS cresceu em relação a 2003, mas ainda ficou abaixo dos recursos do Fundo de Participação dos Estados (FPE), que é uma transferência feita pelo governo federal referente à participação alagoana na receita tributária brasileira. A arrecadação tributária nos segmentos de energia elétrica e de telecomunicações cresceu em 2004.

O ICMS pago pela Companhia Energética de Alagoas (CEAL) foi 24,2% maior do que em 2003, fechando em cerca de R\$ 95 milhões, enquanto as empresas de telefonia apresentaram incremento de 18,2%, totalizando mais de R\$118 milhões<sup>40</sup>.

A composição da receita do Estado em 2004, corresponde a Receita Tributária<sup>41</sup> R\$ 1.015.329.113,62 com incremento de 20,38% em relação a 2003<sup>42</sup> e Transferências Federais<sup>43</sup> R\$ 1.156.766.039,68, com aumento de 15,97% em relação ao mesmo período<sup>44</sup>.

<sup>40</sup> Jornal Gazeta de Alagoas, 18 fev 2005, Caderno Economia, p.A10

<sup>41</sup> ICMS, IPVA, ITCD, Taxas, Outras receitas.

<sup>42</sup> Receitas Tributárias do Estado de Alagoas em 2003: R\$ 843.458.957,76.

<sup>43</sup> FPE, IPI, XISTO/GÁS (royalties) REC.Hídricos, FEP, TRANSF. IMPOSTO DE RENDA, DNPM, Lei Kandir., CIDE, MP 193 CEX).

<sup>44</sup> As Transferências Federais para o Estado de Alagoas em 2003, totalizaram R\$ 997.506.835,82

**DEMONSTRATIVO DA ARRECAÇÃO MENSAL DA RECEITA PRÓPRIA DO ESTADO  
ALAGOAS  
2003 – 2004**

MÊS	RECEITA PRÓPRIA ( em R\$1.00)							
	ICMS		IPVA		OUTRAS		TOTAL	
	TOTAL	VAR. %	TOTAL	VAR. %	TOTAL	VAR. %	TOTAL	VAR. %
<b>2003</b>								
JAN	68.333.418,89	14,21	1.130.440,20	10,89	442.069,85	31,04	69.905.928,94	14,24
FEV	66.974.168,28	24,00	3.114.189,78	35,12	453.657,48	-65,66	70.542.015,54	22,39
MAR	67.569.643,48	39,18	3.125.986,11	59,93	426.063,91	-48,34	71.121.693,50	38,57
ABR	64.996.476,45	33,26	3.429.560,17	-5,57	508.647,57	-40,91	68.934.684,19	29,41
MAI	63.218.624,46	13,82	2.318.897,48	-8,02	602.845,50	-36,86	66.140.367,44	12,07
JUN	62.280.075,95	15,85	3.918.167,47	150,88	432.678,92	-52,83	66.630.922,34	18,48
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>393.372.407,51</b>	<b>22,75</b>	<b>17.037.241,21</b>	<b>31,12</b>	<b>2.865.963,23</b>	<b>-45,06</b>	<b>413.275.611,95</b>	<b>22,03</b>
JUL	58.745.317,63	8,78	3.231.316,50	3,77	461.070,24	6,58	62.437.704,37	8,49
AGO	59.301.233,74	4,19	2.668.511,07	26,89	390.695,86	-62,96	62.360.440,67	3,80
SET	73.634.576,78	17,21	8.860.521,36	54,22	546.655,26	2,56	83.041.753,40	20,18
OUT	58.592.279,07	-0,33	3.143.531,93	8,09	526.981,57	-14,41	62.262.792,57	-0,08
NOV	68.489.615,11	13,50	1.515.612,14	43,38	401.873,94	-34,89	70.407.101,19	13,53
DEZ	87.390.468,27	46,08	1.605.138,08	45,23	677.947,26	7,65	89.673.553,61	45,67
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>406.153.490,60</b>	<b>15,16</b>	<b>21.024.631,08</b>	<b>31,13</b>	<b>3.005.224,13</b>	<b>-22,61</b>	<b>430.183.345,81</b>	<b>15,45</b>
<b>ANUAL</b>	<b>799.525.898,11</b>	<b>18,77</b>	<b>38.061.872,29</b>	<b>31,13</b>	<b>5.871.187,36</b>	<b>-35,48</b>	<b>843.458.957,76</b>	<b>18,58</b>
<b>2004</b>								
JAN	72.613.764,13	6,26	1.374.348,14	21,58	485.343,38	9,79	74.473.455,65	6,53
FEV	69.756.422,11	4,15	2.256.376,80	-27,55	505.501,68	11,43	72.518.300,59	2,80
MAR	68.178.944,73	0,90	5.194.501,45	66,17	2.478.167,87	481,64	75.851.614,05	6,65
ABR	70.675.346,65	8,74	3.925.213,32	14,45	675.074,66	32,72	75.275.634,63	9,20
MAI	68.390.899,46	8,18	3.146.899,53	35,71	584.302,24	-3,08	72.122.101,23	9,04
JUN	73.663.931,61	18,28	3.415.067,12	-12,84	468.036,92	8,17	77.547.035,65	16,38
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>423.279.308,69</b>	<b>7,60</b>	<b>19.312.406,36</b>	<b>13,35</b>	<b>5.196.426,75</b>	<b>81,32</b>	<b>447.788.141,80</b>	<b>8,35</b>
JUL	66.491.906,20	13,19	2.935.566,69	-9,15	654.293,32	41,91	70.081.766,21	12,24
AGO	82.543.598,41	39,19	7.352.133,89	175,51	582.686,02	49,14	90.478.418,32	45,09
SET	81.087.422,25	10,12	5.973.874,32	-32,58	808.787,26	47,95	87.870.083,83	5,81
OUT	90.639.216,02	54,69	3.319.737,35	5,61	869.731,83	65,04	94.828.685,20	52,30
NOV	98.338.582,24	43,58	3.231.626,49	113,22	1.154.302,94	187,23	102.724.511,67	45,90
DEZ	118.616.747,91	35,73	1.281.087,25	-20,19	1.659.671,43	144,81	121.557.506,59	35,56
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>537.717.473,03</b>	<b>32,39</b>	<b>24.094.025,99</b>	<b>14,60</b>	<b>5.729.472,80</b>	<b>90,65</b>	<b>567.540.971,82</b>	<b>31,93</b>
<b>ANUAL</b>	<b>960.996.781,72</b>	<b>20,20</b>	<b>43.406.432,35</b>	<b>14,04</b>	<b>10.925.899,55</b>	<b>86,09</b>	<b>1.015.329.113,62</b>	<b>20,38</b>

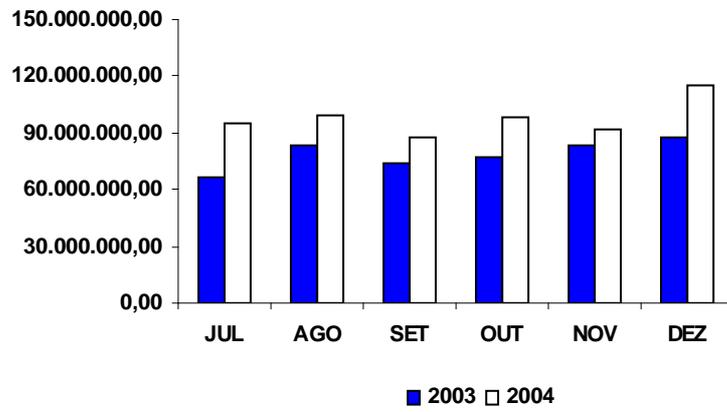
FONTE: SEFAZ

**DEMONSTRATIVO DAS TRANSFERÊNCIAS FEDERAIS PARA O ESTADO**  
**ALAGOAS**  
**2003 – 2004**

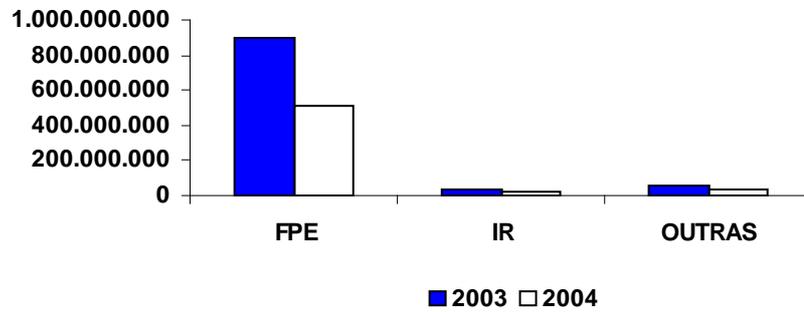
MÊS	TRANSFERÊNCIAS FEDERAIS (em R\$1,00)							
	FPE		IR		OUTRAS		TOTAL	
	TOTAL	VAR. %	TOTAL	VAR. %	TOTAL	VAR. %	TOTAL	VAR. %
<b>2003</b>								
JAN	80.973.403,92	13,91	2.754.667,64	-23,72	5.088.338,44	-43,57	88.816.410,00	6,09
FEV	85.261.277,66	-4,27	2.774.813,06	-16,75	4.226.079,73	30,25	92.262.170,45	-3,54
MAR	73.952.623,71	8,49	2.783.915,39	-20,73	5.002.214,75	37,51	81.738.753,85	8,53
ABR	70.412.210,41	-1,09	2.731.245,83	-23,56	5.108.574,98	37,93	78.252.031,22	-0,27
MAI	98.761.714,49	21,04	2.622.706,38	-26,28	5.499.396,91	29,56	106.883.817,78	19,56
JUN	69.346.300,77	20,72	2.985.968,46	-17,91	3.965.343,01	4,25	76.297.612,24	17,59
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>478.707.530,96</b>	<b>9,16</b>	<b>16.653.316,76</b>	<b>-21,54</b>	<b>28.889.947,82</b>	<b>4,48</b>	<b>524.250.795,54</b>	<b>7,56</b>
JUL	58.151.944,27	-7,42	2.998.660,92	-18,93	5.533.517,48	25,09	66.684.122,67	-5,99
AGO	76.290.313,11	28,28	3.027.037,72	-22,70	4.453.267,73	12,58	83.770.618,56	24,39
SET	66.195.709,61	0,82	3.149.754,05	-21,04	4.807.753,52	29,96	74.153.217,18	1,10
OUT	68.390.874,68	-20,95	3.157.844,45	2,68	5.763.005,82	16,86	77.311.724,95	-18,21
NOV	76.184.924,04	0,39	3.018.795,97	1,61	4.456.021,94	-3,44	83.659.741,95	0,22
DEZ	79.432.386,44	6,87	3.093.390,68	-1,40	5.150.837,85	20,19	87.676.614,97	7,25
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>424.646.152,15</b>	<b>3,08</b>	<b>18.445.483,79</b>	<b>-11,26</b>	<b>30.164.404,34</b>	<b>16,42</b>	<b>473.256.040,28</b>	<b>0,40</b>
<b>ANUAL</b>	<b>903.353.683,11</b>	<b>6,22</b>	<b>35.098.800,55</b>	<b>-16,45</b>	<b>59.054.352,16</b>	<b>10,25</b>	<b>997.506.835,82</b>	<b>4,04</b>
<b>2004</b>								
JAN	87.184.261,71	7,67	3.791.237,59	37,63	4.906.891,02	-3,57	95.882.390,32	7,96
FEV	81.123.971,89	-4,85	3.830.980,86	38,06	5.230.218,19	23,76	90.185.170,94	-2,25
MAR	91.146.442,47	23,25	3.912.813,12	40,55	5.222.930,03	4,41	100.282.185,62	22,69
ABR	84.879.686,84	20,55	3.727.907,14	36,49	9.720.302,99	90,27	98.327.896,97	25,66
MAI	98.855.494,75	0,09	3.671.733,29	40,00	5.519.488,29	0,37	108.046.716,33	1,09
JUN	64.171.834,85	-7,46	4.035.829,45	35,16	6.598.953,71	66,42	74.806.618,01	-1,95
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>507.361.692,51</b>	<b>5,99</b>	<b>22.970.501,45</b>	<b>37,93</b>	<b>37.198.784,23</b>	<b>28,76</b>	<b>567.530.978,19</b>	<b>8,26</b>
JUL	66.734.933,47	14,76	4.755.095,08	58,57	24.046.807,85	334,57	95.536.836,40	43,27
AGO	86.830.594,84	13,82	4.555.967,34	50,51	8.127.367,97	82,50	99.513.930,15	18,79
SET	75.182.601,63	13,58	4.451.462,12	41,33	8.154.593,68	69,61	87.788.657,43	18,39
OUT	80.457.481,55	17,64	3.759.824,49	19,06	14.177.370,65	146,01	98.394.676,69	27,27
NOV	80.206.788,62	5,28	3.849.633,78	27,52	8.318.329,89	86,68	92.374.752,29	10,42
DEZ	98.995.111,38	24,63	7.761.458,57	150,90	8.869.638,58	72,20	115.626.208,53	31,88
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>488.407.511,49</b>	<b>15,02</b>	<b>29.133.441,38</b>	<b>57,94</b>	<b>71.694.108,62</b>	<b>137,68</b>	<b>589.235.061,49</b>	<b>24,51</b>
<b>ANUAL</b>	<b>995.769.204,00</b>	<b>10,23</b>	<b>52.103.942,83</b>	<b>48,45</b>	<b>108.892.892,85</b>	<b>84,39</b>	<b>1.156.766.039,68</b>	<b>15,97</b>

FONTE: SEFAZ

### TOTAL DAS TRANSFERÊNCIAS FEDERAIS



### DEMONSTRATIVO DAS TRANSFERÊNCIAS FEDERAIS DO ESTADO DE ALAGOAS



## DESPESA



As despesas do Tesouro Estadual segundo a Secretaria Executiva da Fazenda do Estado de Alagoas (SEFAZ), em 2004 somaram R\$ 2,195 bilhões, apresentando um crescimento real de 8,24% em relação a 2003. Os maiores incrementos ocorreram em relação a gasto com pessoal do Poder Executivo que cresceu 10,08% e o serviço da dívida 14,42%.

Assim, na composição das despesas, os gastos com o Poder Executivo<sup>46</sup> lideraram com 45% do total, seguidas do Serviço da Dívida com 13%, as transferências a Poderes e a Municípios com 12%.

## RECEITA / DESPESA

No total o governo arrecadou R\$ 1,015 bilhões e obteve de transferências federais R\$ 1,157 bilhões, totalizando R\$ 2,172 bilhões de receita em 2004. Em relação às despesas, no mesmo período foram gastos R\$ 2,195 bilhões, distribuídos entre Poder Executivo<sup>45</sup> e Transferências a Poderes.

As Finanças Públicas do Estado de Alagoas em 2004, apresentaram resultado deficitário de 1,09%, ou seja, de R\$ 23,9 milhões.

<sup>45</sup> Pessoal, Custeio/Investimento, Transferências a Municípios, FUNDEF/Líquido e Serviço da Dívida.

<sup>46</sup> Fonte: SEFAZ

**DEMONSTRATIVO MENSAL DA DESPESA DO ESTADO DE ALAGOAS**  
**ALAGOAS**  
**2003 - 2004**

MÊS	DESPESA (em R\$1,00)					TOTAL
	PODER EXECUTIVO					
	PESSOAL (1)	CUSTEIO/ INVEST.	TRANSF. A MUNIC. (2)	FUNDEF/ LÍQUIDO	SERVIÇO DA DÍVIDA	
<b>2003</b>						
JAN	61.264.714,29	16.582.186,49	17.763.304,56	12.538.531,93	19.350.274,63	127.499.011,90
FEV	61.543.407,06	20.920.711,34	16.333.642,64	12.575.204,02	18.537.351,91	129.910.316,97
MAR	61.530.705,16	16.733.011,80	18.850.374,90	11.843.104,77	20.897.901,79	129.855.098,42
ABR	61.435.320,71	19.373.053,18	16.883.737,13	10.799.112,46	16.546.276,40	125.037.499,88
MAI	61.187.039,47	22.763.255,54	16.929.059,35	13.705.874,93	23.924.086,20	138.509.315,49
JUN	63.468.219,00	17.657.559,50	17.716.954,51	10.998.335,66	15.875.293,51	125.716.362,18
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>370.429.405,69</b>	<b>114.029.777,85</b>	<b>104.477.073,09</b>	<b>72.460.163,77</b>	<b>115.131.184,44</b>	<b>776.527.604,84</b>
JUL	65.760.846,95	15.935.192,33	15.984.060,65	9.337.458,64	9.618.728,79	116.636.287,36
AGO	66.339.683,43	20.497.653,19	15.703.684,38	11.140.460,70	15.588.081,69	129.269.563,39
SET	67.701.092,69	16.774.358,48	21.071.216,86	11.250.035,51	18.990.904,34	135.787.607,88
OUT	66.689.861,64	16.950.743,25	17.295.788,76	10.942.158,08	26.338.255,95	138.216.807,68
NOV	67.453.262,37	19.014.109,30	16.542.646,70	11.337.073,02	21.139.044,37	135.486.135,76
DEZ(1)	132.147.496,50	33.202.839,91	20.840.055,63	13.030.582,76	21.557.274,94	220.778.249,74
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>466.092.243,58</b>	<b>122.374.896,46</b>	<b>107.437.452,98</b>	<b>67.037.768,71</b>	<b>113.232.290,08</b>	<b>876.174.651,81</b>
<b>ANUAL</b>	<b>836.521.649,27</b>	<b>236.404.674,31</b>	<b>211.914.526,07</b>	<b>139.497.932,48</b>	<b>228.363.474,52</b>	<b>1.652.702.256,65</b>
<b>2004</b>						
JAN	71.414.990,60	4.226.427,03	19.982.914,21	13.569.769,55	26.291.804,78	135.485.906,17
FEV	74.489.587,39	12.505.274,22	17.480.788,59	11.915.120,17	12.582.253,13	128.973.023,50
MAR	74.721.572,32	16.003.581,79	19.420.145,98	13.099.256,62	25.586.268,39	148.830.825,10
ABR	74.837.250,54	13.163.507,42	18.675.797,94	12.726.920,67	21.712.233,28	141.115.709,85
MAI	74.383.614,85	15.401.485,02	18.159.713,42	13.600.626,48	28.891.743,95	150.437.183,72
JUN	76.523.886,65	13.532.503,88	19.585.190,85	10.896.913,59	10.162.582,79	130.701.077,76
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>446.370.902,35</b>	<b>74.832.779,36</b>	<b>113.304.550,99</b>	<b>75.808.607,08</b>	<b>125.226.886,32</b>	<b>835.543.726,10</b>
JUL	77.764.823,10	24.445.227,28	17.990.098,81	10.685.603,39	30.379.890,61	161.265.643,19
AGO	77.032.961,76	26.195.557,72	23.170.345,66	14.321.375,19	24.561.299,63	165.281.539,96
SET	76.369.395,42	31.081.320,55	19.603.786,37	11.215.366,84	15.953.532,05	154.223.401,23
OUT	76.614.060,35	33.224.608,19	25.450.779,55	13.405.981,68	24.067.285,39	172.762.715,16
NOV	77.946.896,70	26.510.197,43	26.189.395,46	14.804.370,79	30.631.269,15	176.082.129,53
DEZ(1)	150.703.594,97	33.483.763,38	31.164.971,41	16.003.228,07	28.365.064,38	259.720.622,21
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>536.431.732,30</b>	<b>174.940.674,55</b>	<b>143.569.377,26</b>	<b>80.435.925,96</b>	<b>153.958.341,21</b>	<b>1.089.336.051,28</b>
<b>ANUAL</b>	<b>982.802.634,65</b>	<b>249.773.453,91</b>	<b>256.873.928,25</b>	<b>156.244.533,04</b>	<b>279.185.227,53</b>	<b>1.924.879.777,38</b>

FONTE: SEFAZ

**DEMONSTRATIVO MENSAL DA DESPESA DO ESTADO DE ALAGOAS  
ALAGOAS  
2003 - 2004**

MÊS	DESPESA (em R\$1,00)		
	TRANSF. A PODERES	PODER EXECUTIVO	TOTAL DA DESPESA
<b>2003</b>			
JAN	19.939.109,83	127.499.011,90	147.438.121,73
FEV	18.172.767,02	129.910.316,97	148.083.083,99
MAR	21.715.433,66	129.855.098,42	151.570.532,08
ABR	20.384.772,99	125.037.499,88	145.422.272,87
MAI	20.925.019,77	138.509.315,49	159.434.335,26
JUN	20.054.767,71	125.716.362,18	145.771.129,89
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>121.191.870,98</b>	<b>776.527.604,84</b>	<b>897.719.475,82</b>
JUL	20.715.948,96	116.636.287,36	137.352.236,32
AGO	20.704.767,09	129.269.563,39	149.974.330,48
SET	20.849.767,09	135.787.607,88	156.637.374,97
OUT	20.549.767,09	138.216.807,68	158.766.574,77
NOV	20.734.767,09	135.486.135,76	156.220.902,85
DEZ(1)	20.954.767,09	220.778.249,74	241.733.016,83
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>124.509.784,41</b>	<b>876.174.651,81</b>	<b>1.000.684.436,22</b>
<b>ANUAL</b>	<b>245.701.655,39</b>	<b>1.652.702.256,65</b>	<b>1.898.403.912,04</b>
<b>2004</b>			
JAN	22.145.359,76	135.485.906,17	157.631.265,93
FEV	23.448.653,00	128.973.023,50	152.421.676,50
MAR	22.404.653,00	148.830.825,10	171.235.478,10
ABR	22.584.653,00	141.115.709,85	163.700.362,85
MAI	22.660.653,00	150.437.183,72	173.097.836,72
JUN	21.222.653,00	130.701.077,76	151.923.730,76
<b>1º SEMESTRE</b>	<b>134.466.624,76</b>	<b>835.543.726,10</b>	<b>970.010.350,86</b>
JUL	22.388.319,00	161.265.643,19	183.653.962,19
AGO	21.988.319,00	165.281.539,96	187.269.858,96
SET	23.643.319,00	154.223.401,23	177.866.720,23
OUT	22.960.642,00	172.762.715,16	195.723.357,16
NOV	22.494.653,00	176.082.129,53	198.576.782,53
DEZ(1)	23.146.653,00	259.720.622,21	282.867.275,21
<b>2º SEMESTRE</b>	<b>136.621.905,00</b>	<b>1.089.336.051,28</b>	<b>1.225.957.956,28</b>
<b>ANUAL</b>	<b>271.088.529,76</b>	<b>1.924.879.777,38</b>	<b>2.195.968.307,14</b>

FONTE: SEFAZ

# NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NO INFORMATIVO CONJUNTURAL DA SECRETARIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO DO ESTADO DE ALAGOAS

O Informativo Conjuntural, Econômico e Social do Estado de Alagoas, editado pela Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento (SEPLAN), aceita colaborações originais em português, sob a forma de artigo versando sobre a conjuntura econômica e social de Alagoas.

Padrão para elaboração de artigos:

- Publicação com no máximo 10 e no mínimo 7 páginas, incluindo notas, tabelas, gráficos e referências bibliográficas.
- Identificação do autor, com nome completo, titulação acadêmica, nome das instituições a que está vinculado, além de endereço para contato, e-mail e telefone.
- Cópia impressa e arquivo magnético editado em Word, que devem ser entregues à SEPLAN, ou cópia magnética enviada para o e-mail: [informativo-conjuntural@seplan.al.gov.br](mailto:informativo-conjuntural@seplan.al.gov.br).
- Tabelas, ilustrações ou gráficos (formato Excel) com legendas numeradas e apresentadas no corpo do texto.
- Notas de rodapé explicativas ou complementares curtas, numeradas em ordem seqüencial.
- Citações de acordo com a NBR 10520 da ABNT<sup>47</sup>.
- Referências Bibliográficas, segundo a norma NBR 6023 da ABNT<sup>48</sup>.

Os artigos publicados são de responsabilidade dos autores e não refletem a opinião da SEPLAN.

---

<sup>47</sup> Até três linhas, entre aspas, na seqüência do texto; com mais de três linhas, apresentadas em outro parágrafo, com avanço de 4cm, fonte 10, sem aspas.

<sup>48</sup> Indica(m)-se o(s) autor(es), de modo geral, pelo último sobrenome, em maiúsculas, seguido do(s) prenome(s) e outros sobrenomes, abreviado(s) ou não. Recomenda-se tanto quanto possível, o mesmo padrão para abreviação de nomes e sobrenomes, usados na mesma lista de referência. Os nomes devem ser separados por ponto-e-vírgula, seguido de espaço.